

# **Anais do XVII Simpósio Interdisciplinar da FASAP 2025**

# **XV SIMPÓSIO INTERDISCIPLINAR DA FASAP 2025**

# **FASAP**

**Frederico Martino da Silva Simonini (Diretor Geral)**  
**Sérgio Valerio Miranda Pereira (Diretor Financeiro)**  
**Adolfo Egídio Reis (Diretor da SEDEP)**

## CORPO EDITORIAL

Adriana Chaves de Oliveira Ruback

Adriano Pacheco Guimarães

Ágatha do Vale Costa

Aimée Tavares

Alcimara Gabry Segaloto Pontes,

Alessandra Duarte Gonçalves

Alessandra Ferraz da Silva

Alice Ferreira

Alice Lopes Rocha

Alice Martins

Allan de Aguiar Almeida

Álvaro Brum

Amanda Castro

Amanda da Silva Vaz

Amanda Monteiro de Barros Novaes Andrade

Ana Carolina Carvalho Picoli de Faria

Ana Carolina de Abreu Roli Torres

Ana Carolina Imbeloni Mello

Ana Clara Calixto couto

Ana Clara Carneiro Costa

Ana Clara Constante Pacheco

Ana Clara Martins

Ana Clara Meira

Ana Cristina Carvalho Santos

Ana Júlia Branquinho

Ana Júlia Cunha

Ana Lia Virtuoso

Ana Luiza Barcelos Ribeiro

Ana Luiza Leal Costa

Andréa Rodrigues Von-Held

Andreza umbelino Tostes Duraes

Anézio Coelho

Anilton da Silva Lemes

Anna Cecília do Couto Nepomuceno

Anna Laura Ladeira

Anna Madalena Barceloz

Anny Caroliny

Antony de Souza dos Santos

Arandir de Souza Carvalho

Arthur Bersacula de Azevedo

Barbara Dplan Meira Monteiro

Bárbara Oliveira

Bárbara Peres Baptista

Beatriz Figueiredo Rezende

Beatriz Simões de Castro

Bethanea Tostes do Couto de Carvalho

Bianca Games

Brayan Teixeira da Silva

Brenda Correa

Brenda Rodrigues da Silva Pedra

Bruna de Aguiar Dias

Bruna Ferreira da Silva

Bruna Vieira Santos

Caique Figueredo de Oliveira

Camille Costa Rodrigues

Camilly Celestino Dias

Carina Mattos Paiva

Carlos Alberto de Souza Silva

Carlos Marcio Mendes

Caroine Silva Pereira

Carolinne Moraes

Christian Felício

Ciro Cunha Daruich Tannus

Clarissa Galete Calderan

Cláudia Lage

Claudia Marcia Liquer Vieira dos Santos

Claudino Bartolazi Boechat

Cleidilaine Brum Gomes

Clodoaldo Sanches Fófano

Clóvis Rodrigues Sales

Crestiele Rodrigues

Creyzielly dos Santos Dutra

Daiana da Silva

Dalvina Carvalho

Daniella Oliveira

Danielle Aquino

Davi Luz

Davi P. Marques

David Augusto Abrantes Teixeira Melo

Davy Vieira

Deivt Junior dos Santos Ferreira

Denis Lassance Soares

Denner Castro

Diego Creton

Diego Nunes Silveira

Dinart Rocha Filho

Diviany Estoduto

Douglas Campos de Oliveira

Douglas Duarte Machado

Ediani Maria Martins de Mello

Edna de Fátima Duarte Evangelista

Eduardo Estabile

Elias Rangel Bairral

Elisa Santos

Emanele Theobaldi Biasse

Emanuelle Gomes Medeiros

Emilly Belo

Emilly Carvalho Pugione

Êmilly de Oliveira Souza

Emily Fernandes Dias

Emily Reis

Emmanuel Baptista

Enoghalliton de Abreu Arruda

Enzo Reis

Erilza Faria Ribeiro

Esther Souza

Eutieli Navega dos Santos Aguiar

Fabiana Chagas de Souza Alves

Fabricia Pacheco

Fabrcio Pedro Da Silva

Fernanda Resende

Françoane Nunes

Gabriel Almeida do Nascimento

Gabriel Alvim Bereta

Gabriel dos Santos

Gabriel Estephaneli

Gabriel Gonzaga

Gabriel Lima

Gabriel Pojano Gonçalves

Gabriel Sanches

Gabriel Terra

Gabriela Beliene

Gabriela da Conceição Nascimento

Gabriela Freitas Silva

Gabrielle Cabral de Aguiar Mota

Gabrielle da Costa Nascimento

Gabrielly Monteiro

Gabrielly Xavier de Almeida

Geovanna Rodrigues Felix Benedito André

Gilcilene Cabral Pereira

Gilda Gomes

Giovana Fernandes Castilho

Gisele dos Santos

Gisele Ferrari Medeiros Branco

Giseli Curtly

Grazieli Borges Teixeira

Guilherme Neves

Gustavo de Freitas

Hannah Conceição Faria Silveira  
Heitor Seixas Calixto  
Helena Reis  
Heloísa Francisco do Nascimento  
Heloisa Roque Gevú  
Hérica Vitória dos Santos Gonçalves  
Ianny Koren Pereira Teixeira  
Iasmim Brito  
Iasmin Souza da Silva Cosendey  
Iasmym Rodrigues da Silva  
Igor Domingues Pegoraro  
Igor Gregório  
Igor Maick Silva  
Inácia Cristina Bento Carneiro  
Inácio Moura Barrias da Silva  
Inara Márcia Rodrigues da Silva  
Iris Barreto  
Iris Peres  
Isabel Pegorim  
Isabella de Souza Maceió  
Isabelly Lima Cota  
Isadora Antunes Chapim de Souza  
Isaias José Oliveira Cunha  
Isaque Moreira B. da Silva  
Isis Oliveira Lopes dos Santos  
Ítalo Gabri  
Izabella Monteiro Estatel  
Izabelly Luizy Couto Dias Raymundo  
Jamilly Pereira Ramos  
Jesiane de Souza Marins Lopes  
Jéssica de Abreu Arruda  
Jessica Monteiro de Barros Paiva  
Jeuziane Duarte Lamim  
João Pedro Cler  
João Pedro Coutinho  
João Pedro Gomes  
João Pedro Moulin Castilho  
João Victor Oliveira  
João Victor Rabello Castro Pinho  
João Victor Rohem  
João Vitor Clemente da Silva  
João Vitor Pacheco  
Joara Andrade  
Johan Carvalho  
Johan Reis de Carvalho  
Jonatan Alvim  
Jordana Ferraz Figueira  
José Miguel Sadi  
Josely Ferreira Ribeiro  
Juan Gomes  
Juanna Bairral Almeida Freitas  
Júlia Anibal Hermsdorff Souza  
Julia Pereira Faria  
Jussara Barbosa  
Jussara de Souza Barbosa  
Kalyta Silva  
Kamilla Oliveira Bocafoli  
Kamilly Dutra  
Kamilly Pinheiro  
Karla Aparecida Carvalho Santos Costa  
Karla Dias de Freitas Barrias  
Kassia Muniz  
Kauã Santana Guimarães  
Kauã Silva  
Kauan Rocha da Silva  
Kawan Constant  
Kayky Vaz  
Kaylaine Fialho  
  
Kaylane Vasconcelos de Oliveira  
Kelley Andrade Gonçalves  
Kely de Paula  
Kethely Magalhaes  
Keven Motta

Laís Teixeira  
Laíssa Rosa Motta de Souza  
Laiz Zanata  
Lara da Silva Curty  
Lara Estephaneli  
Laura Barreto  
Laura Barreto da Costa Rodrigues  
Laura Pereira Lutterbach  
Lavínya Marinho  
Lays Carrielo da Silva  
Lazaro Penna  
Lázaro Rodrigues Penna  
Leonardo Mendonça Bastos  
Leonardo Monteiro Teixeira  
Letícia Arruda  
Letícia Freitas  
Letícia Moreira  
Letícia Rodrigues Fonseca  
Lincoln Duarte Guimarães  
Livia Andrade  
Lívia Ferreira de Souza  
Lívia Procópio  
Lívia Zanoni Jalles  
Livian Fernandes  
Lopes Miranda  
Lorena Ferreira dos Santos Sales  
Lorena Silva Borges Rodrigues  
Lorram Zanata  
Luan Zion  
Luana Muniz Miguel  
Luanna Mel Vinhosa de Alencar  
Luanni Malta  
Lucas Ferreira  
Lucas Maurílio de Carvalho Figueiredo  
Lucas Pereira Santiago  
Lucas S. Santos  
Lucas Thaynan  
Lúcia Helena Rodrigues Henriques  
Luciano Assis  
Luciano Assis de Souza  
Luciano Reis Correa  
Ludimila Nogueira  
Luis Felipe Sentineli Soares  
Luísa Braga Lima  
Luiz Felipe Fontes Cardoso  
Luiza Cosendey Souza  
Luiza da Silva Gripa  
Luisa Lima  
Manoel dos Reis  
Manuela de Melo Caldeira  
Marcela Dutra Celestino  
Marcelo do Espírito Santo Campello  
Marcely Couto da Silva  
Márcia Camila Esteves  
Marcos Paulo  
Marcos Vinícius Ávila  
Maria Aparecida Machado Orioli  
Maria Clara Bitencourte  
Maria Clara Garcia dos Santos  
Maria Clara Pegorim Villas Boas  
Maria Clara R. Cansoline  
Maria Clara Sousa de Moraes Barros  
Maria Clara Zampieri  
Maria Eduarda Araújo Gomes Borges Silva  
Maria Eduarda Cobo Da Silva  
Maria Eduarda Fagundes  
Maria Eduarda Fagundes Constancio Campello  
Maria Eduarda Pereira Martins  
Maria Eduarda Silva  
Maria Fernanda Abreu Costa  
Maria Fernanda Barros  
Maria Fernanda Campos de Moura  
Maria Granado Neves  
Maria Isadora

Maria Júlia Couto Rodrigues Vogas Monteiro  
Maria Vitoria Monteiro  
Mariana Ferreira  
Mariana Gabry Pinheiro  
Marina Brito Costa  
Marly Torres Rodrigues da Silva  
Mateus da Silva Alves  
Matheus Bucker Vassallo  
Matheus Modesto  
Matheus Vogas Alfredo  
Mathias Bersacula  
Maxwell Pena Ferreira  
Melissa Salles Da Silva Costa  
Miguel Brum  
Milena Soares De Caires Pinheiro  
Milene Lopes de Barros Pacheco  
Millena Miguez Reder  
Moisés Gabriel Ferreira Cordeiro  
Monik Aparecida de Lima Guimarães  
Natália Barbosa Medeiros  
Nathiara Azevedo Veiga Medeiros  
Nayra Sanches  
Nayra Silva Oliveira Sanches  
Nério Reis Carneiro  
Nicolas Camacho  
Nicolas Eccard  
Nicole Faria  
Nicole Silveira de Souza  
Nicolly da Silva Pinheiro  
Nubya Macedo  
Ofélia Machado Mansur  
Otávio Araújo  
Pablo Zeus Bitencourte  
Patrícia Conceição da Cunha  
Patrícia Santos Oliveira Mota  
Patrícia Tarquino  
Paulo César Bastos Freire  
Paulo César Erthal Neto  
Pedro Beralini  
Pedro Henrique  
Pedro Henrique Teles de Oliveira Leon  
Rachel de Souza Lage  
Rafaela Duarte de Oliveira  
Raiane Ferreira  
Ramon Ferreira  
Raniely Elias Clé  
Raphael Vidipó  
Rayane Gomes  
Rebeka Gomes  
Reginaldo Lopes  
Renan Franklin  
Rhaquel Marques Franco Bandeira

Rian Damazio  
Rian de Souza Sá  
Roberta Rezende  
Rodrigo de Melo Fíngolo  
Rodrigo Machado  
Rodrigo Silva Silveira  
Roger Cardoso da Silva  
Rubiene Rôla Lopes  
Samara Lopes Evangelista  
Sâmela Lucas Rosa Duarte  
Samuel Ferreira  
Samyle Yasmim Santos Oliveira  
Sandro Costa Meirelles  
Sara Menengate Pinheiro  
Sara Monteiro do Carmo Souza  
Sara Soares Nascimento  
Shirley Rohem de Moraes  
Stéfane de Paula  
Taís Werneck  
Talita Fonseca  
Taysa da Silva Lyra  
Thaís Das Graças  
Thales Magalhães  
Thallia dos Santos Cadena  
Thamires Souza Sorrentino  
Thamiris Luz  
Thauã José Araujo Pereira  
Thayan Ferreira Azevedo de Ávila  
Thiago Azevedo  
Thuane Alves de Oliveira  
Tiago Goulart  
Tiago Goulart Cruz  
Tiago Terra  
Tiffany F. Grilo  
Tonnya Cardoso Xavier  
Vanessa Gutterres Silva  
Victoria Guimarães do Nascimento  
Vitoria Martins  
Vitória Mendonça  
Vitória Peixoto Teixeira  
Vitória R. Ferreira  
Vitoria Rocha Paiva Banca  
Vittoria Botelho  
Wagner Luiz Ferreira Lima  
Wagner Mangiavacchi  
Wesley Alves  
Wgner Mangiavacchi  
Yago Berriel  
Yasmim Gonzaga

Anais do XVII Simpósio Interdisciplinar da  
FASAP

Periodicidade Anual

Diretores Responsáveis:

Frederico Martino Simonini da Silva

Sérgio Valerio Miranda Pereira

Organizadora:

Jesiane de Souza Marins Lopes

Projeto Gráfico:

Gabriel Bastos Terra

Editora:

Mariana Pereira Carvalho Camacho

Faculdade Santo Antônio de Pádua –  
FASAP

Rua Deomar Jaegger, nº 02 Bairro:  
Alequicis

Santo Antônio de Pádua-RJ

Telefone: 3853-3393 Email:  
fasap@fasap.com.br  
www.fasap.edu.br

A5321a Anais do Simpósio interdisciplinar da FASAP (17.: 2025 : Santo  
Antônio de Pádua, RJ)

Anais do XVII Simpósio Interdisciplinar da FASAP 2025,  
Santo Antônio de Pádua, 26 e 27 de maio de 2025.,/ Org,  
Jesiane de Souza Martins Lopes. - Santo Antônio de Pádua,  
RJ, 2025.  
93p.

Modo de acesso: <https://www.fasap.edu.br/anaisdosimposio>

ISSN 23580-0712

1. Iniciação Científica 2. Seminários 3. Anais I. Título

CDD 001.42

Mariana Pereira Carvalho Camacho – Bibliotecária – CRB-7 7296

## CIÊNCIAS HUMANAS

### DIREITO

- MULHERES EM CARGO DE DIREÇÃO EM EMPRESAS: PRINCIPAIS DESAFIOS.....	1
- MULHER TRANS E SUA REPRESENTATIVIDADE NA SOCIEDADE: DESAFIOS E CONQUISTAS.....	2
- MULHER NA POLÍTICA: UM CAMINHO PARA SE GARANTIR A DIVERSIDADE E A EFICÁCIA DEMOCRÁTICA.....	3
- MULHER E ADVOCACIA: UMA TRAJETÓRIA RUMO À IGUALDADE DE GÊNERO E O DIREITO DAS MULHERES NA ADVOCACIA.....	4
- PROFESSOR: UMA PROFISSÃO ESSENCIALMENTE FEMININA?.....	6
- AMBIENTE DE TRABALHO: O QUE É NECESSÁRIO PARA QUE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO SEJA REAL?.....	7
- ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO.....	8
- QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: EQUILÍBRIO ENTRE VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL.....	9
- BOAS PRÁTICAS DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO.....	10
- SAÚDE MENTAL: UMA NECESSIDADE QUE SE IMPÕE NA VIDA PROFISSIONAL E NA VIDA PESSOAL.....	11

## CIÊNCIAS DA SAÚDE

### ENFERMAGEM

- DESAFIOS E PRÁTICAS HUMANIZADAS PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE FRENTE AO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA.....	11
- ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE.....	12
- ACESSO À SAÚDE DE QUALIDADE PARA IDOSOS: A EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO COMO FERRAMENTAS.....	13
- INCLUSÃO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE: BARREIRAS E ESTRATÉGIAS PARA UM ATENDIMENTO HUMANIZADO.....	14
- INCLUSÃO DIGITAL DA PESSOA IDOSA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PREVENÇÃO AO ISOLAMENTO SOCIAL E À DEPRESSÃO.....	15
- ACNE NA ADOLESCÊNCIA: MITOS, VERDADES E ORIENTAÇÕES PARA O CUIDADO.....	16
- BULLYING ESCOLAR: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO.....	17
- CIGARROS ELETRÔNICOS E SAÚDE PÚBLICA: RISCOS, REGULAÇÃO E O PAPEL DA ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO PREVENTIVA.....	18
- EDUCAÇÃO MENSTRUAL: COMBATE AOS MITOS, TABUS E PROMOÇÃO DA HIGIENE MENSTRUAL COMO DIREITO E SAÚDE PÚBLICA.....	19
- HIGIENE CAPILAR E QUEDA DE CABELO NA ADOLESCÊNCIA: PRÁTICAS, CAUSAS E CUIDADOS.....	20
- HIPERIDROSE EM ADOLESCENTES: DESAFIOS, CUIDADO PESSOAL E REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS.....	21
- TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE E O PAPEL DA ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES EDUCATIVAS NO ACOLHIMENTO DE ADOLESCENTES.....	22
- ENTRE EXTREMOS: UMA ANÁLISE ABRANGENTE DO TRANSTORNO BIPOLAR À LUZ DO DSM-5.....	23
- ENTRE COPOS E CONFLITOS: CAMINHOS PARA O CONTROLE E A CESSAÇÃO DO ALCOOLISMO NA CONTEMPORANEIDADE.....	25
- CICATRIZES INVISÍVEIS: A EPIDEMIA SILENCIOSA DA VIOLÊNCIA AUTOINFLIGIDA ENTRE JOVENS.....	27
- TRANSTORNOS MENTAIS INDUZIDOS POR SUBSTÂNCIAS FARMACOLÓGICAS E O DSM-5.....	28
- CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA INTOXICAÇÃO EXÓGENA POR BENZODIAZEPÍNICOS À LUZ DO DSM-5.....	30
- REFLEXÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS SOBRE A ESQUIZOFRENIA RESIDUAL E O DSM-5.....	31
- FRAGMENTOS DO EU: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ESQUIZOFRENIA EM CONFORMIDADE COM O DSM-5.....	33
- REFLEXÕES SOBRE O DELÍRIUM NA POPULAÇÃO IDOSA.....	34
- ENTRE ESPAÇOS E AFETOS: HUMANIZAÇÃO E AMBIÊNCIA NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL.....	36
- ALÉM DA CURA: PARADIGMAS EMERGENTES NOS CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS.....	37



- O LAR COMO CENÁRIO DE CUIDADO: REFLEXÕES SOBRE O PARADIGMA PALIATIVO NO ÂMBITO DOMICILIAR.....	39
- REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS NA ADOLESCÊNCIA.....	40
- CUIDADOS PALIATIVOS E ANALGESIA: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A PRESCRIÇÃO RESPONSÁVEL E ESCALONADA PARA O ALÍVIO DA DOR.....	42
- DESPRESCRIÇÃO E A ÉTICA DO CUIDADO: REPENSANDO O USO DE BENZODIAZEPÍNICOS E OUTROS PSICOFÁRMACOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	44
- MEDICALIZAÇÃO NA INFÂNCIA E A EMERGÊNCIA DA PRESCRIÇÃO RESPONSÁVEL.....	45
- A SARCOPENIA COMO FATOR DETERMINANTE NA PREVENÇÃO DE QUEDAS EM IDOSOS.....	46
- ENVELHECIMENTO ÓSSEO E QUALIDADE DE VIDA: A URGÊNCIA DA PREVENÇÃO DE FRATURAS EM IDOSOS.....	48
- RELEVÂNCIA DA RELIGIOSIDADE NOS CUIDADOS PALIATIVOS NA CONTEMPORANEIDADE.....	50
- O PROTOCOLO SPIKES E SUA ABORDAGEM EM CUIDADOS PALIATIVOS ONCOLÓGICOS.....	52
- EDUCAÇÃO SEXUAL COMO PILAR DE SAÚDE PÚBLICA: A URGÊNCIA DA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS.....	54
- A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL EM ENFERMAGEM.....	56
- ACIDENTES DE TRABALHO ENVOLVENDO EXPOSIÇÃO A MATERIAL BIOLÓGICO.....	58
- UMA ABORDAGEM ERGONÔMICA: A APLICAÇÃO DA NR17 NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E SEGURANÇA DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM.....	59
- SEGURANÇA NO TRABALHO: ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM A OCORRÊNCIA DE ACIDENTES E LESÕES NO LOCAL DE TRABALHO.....	60
- A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPIS) NO LOCAL DE TRABALHO.....	61
- QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHO: O IMPACTO POSITIVO DAS CADEIRAS ERGONÔMICAS NO CONFORTO DOS TRABALHADORES.....	61
- QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHADOR ENFERMEIRO.....	62
- SÍNDROME DE BURNOUT EM ENFERMEIROS DA REDE PÚBLICA: FATORES DE RISCO E IMPACTOS NA SAÚDE DO PROFISSIONAL E NA QUALIDADE DO CUIDADO.....	63
- EMERGÊNCIA RESPIRATÓRIA INFANTIL.....	64
- PAPEL DO ENFERMEIRO NA ORIENTAÇÃO A PREVENÇÃO DO ENGASGO EM ADULTOS: COMO AJUDAR PACIENTES LEIGOS A IDENTIFICAR E EVITAR SITUAÇÕES DE RISCO.....	64
- ATENDIMENTO INICIAL AO PACIENTE COM TRAUMA E POLIFRATURAS.....	66
- A RELEVÂNCIA DA ENFERMAGEM NA CAPACITAÇÃO DE LEIGOS NA REALIZAÇÃO DA MANOBRA DE HEIMLICH EM CRIANÇAS DE IDADE ESCOLAR.....	66
- ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE QUEIMADO.....	68
- A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM EM PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (APH).....	69
- A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NOS PRIMEIROS SOCORROS A VÍTIMAS DE ACIDENTES MOTOCICLÍSTICOS: PROTOCOLOS E CUIDADOS ESSENCIAIS.....	70

## FISIOTERAPIA

- COMO A FISIOTERAPIA PÉLVICA PODE AJUDAR A DIMINUIR SINTOMAS E DESCONFORTOS NO ASSOALHO PÉLVICO?.....	71
- “DOR LOMBAR CRÔNICA: ABORDAGENS FISIOTERAPÊUTICAS PARA UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA”.....	72
- HÉRNIA DE DISCO: A IMPORTÂNCIA DA FISIOTERAPIA NO ALÍVIO DA DOR CAUSADA NA HÉRNIA DE DISCO.....	73
- DPOC: INFORMAÇÕES IMPORTANTES.....	74
- ESTUDO SOBRE A TENDINITE PATELAR: CAUSAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTOS.....	75
- PERSPECTIVAS, PREOCUPAÇÕES E ANSEIOS DOS DISCENTES INGRESSANTES NO CURSO DE FISIOTERAPIA DA FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA – FASAP - PRIMEIRO SEMESTRE/2025.....	76

## **PSCICOLOGIA**

- PERSPECTIVAS ETÁRIAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPRESSÕES DE UMA PSICÓLOGA SOBRE O DESENVOLVIMENTO AO LONGO DA VIDA.....	77
- A PSICOLOGIA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	78
- APLICAÇÃO DO MÉTODO ABA NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA).....	79
- TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: NÍVEIS DE SUPORTE, CARACTERÍSTICAS E MÉTODO DE TRATAMENTO ABA.....	81
- O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL.....	82
- AUTISMO: INVESTIGANDO AS RAÍZES.....	83
- O AUTISMO É PARTE DESSE MUNDO, E NÃO UM MUNDO À PARTE.....	84

## **CIÊNCIAS SOCIAIS**

### **EDUCAÇÃO FÍSICA**

- BEM ESTAR E A EFICIÊNCIA NO TRABALHO: PERSPECTIVAS DE UM PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM AMBIENTES LABORAIS.....	85
- TRANSTORNO ARTICULAR: PREVENÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO.....	86
- A GINÁSTICA LABORAL E SEU IMPACTO NA PRODUTIVIDADE DOS TRABALHADORES.....	87
- SAÚDE NO TRABALHO: PREVENINDO DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES EM AMBIENTES LABORAIS.....	88
- O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE OCUPACIONAL.....	89

## **APRESENTAÇÃO**

O Simpósio Interdisciplinar da Faculdade Santo Antônio de Pádua (FASAP) chega a edição de número dezessete deste evento e adjacente a este, o 10º volume dos Anais do Simpósio. O presente evento continua com o objetivo, a priori, de proporcionar o diálogo entre as diversas áreas (Direito, Educação Física, Enfermagem, Fisioterapia, Psicologia e Terapia Ocupacional).

Assim, de acordo com a programação, é buscado o inter-relacionamento dos alunos de todos os cursos, através da possibilidade da escolha dos participantes, de acordo com suas preferências ou habilidades pessoais com a descoberta de novos ramos do saber. A proposta é fazer com que a sociedade, os professores e os alunos interajam em prol do crescimento e aperfeiçoamento da ciência.

Os Anais do Simpósio Interdisciplinar da FASAP não visam apenas expor conteúdo dos professores que participaram das mesas temáticas e alunos das disciplinas de extensão integrada, mas também, dar oportunidade para aqueles que realizaram pesquisas dentro e fora da instituição de terem acesso a este canal de comunicação que possui o Número Internacional Normalizado para Publicações Seriadas (ISSN) e que tem boa visibilidade nos meios de comunicação que envolvem produções científicas. As propostas dos Anais, a cada ano que passa, têm sido alcançadas com excelência.

Junho de 2025

Jesiane de Souza Marins Lopes

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Jesiane de Souza Marins Lopes

## **APOIO TÉCNICO ADMINISTRATIVO**

Adriana Chaves de  
Oliveira Ruback  
Carina Silva Abreu  
Souza  
Dinart Rocha Filho  
Luiza Cosendey  
Souza  
Matheus Modesto de  
Azevedo

## **COMITÊ INSTITUCIONAL DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA**

Faculdade Santo Antônio de Pádua

Frederico Martino da Silva Siminini  
(Diretor Geral)  
Sérgio Miranda Pereira  
(Diretor Financeiro)  
Adolfo Egídio Reis  
(Diretor da SEDEP)  
Jeuziane Duarte Lamim  
(Coordenadora Pedagógica)  
Jesiane de Souza Marins Lopes  
(Coordenação de Pesquisa)

Comitê Externo:

Pedro de Abreu Monteiro Campos  
(PUC-Rio) Luís Antônio Monteiro  
Campos (UCP)

## MULHERES EM CARGO DE DIREÇÃO EM EMPRESAS: PRINCIPAIS DESAFIOS

Carlos Alberto de Souza Silva; Gilda Gomes; Isabel Pegorim; José Miguel Sadi; Kaylaine Fialho; Livia Procópio; Anna Laura Ladeira; Anézio Coelho; Emily Fernandes; Françoane Nunes; Gabriel Estephaneli

FASAP

Direito

contato: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** O trabalho "Mulheres em Cargo de Direção em Empresas: Principais Desafios" aborda a jornada feminina no mercado de trabalho, destacando os principais obstáculos para a ascensão a cargos de liderança. Desde os avanços do movimento feminista nas décadas de 1970 e 1980 até os desafios atuais, as mulheres têm conquistado posições de destaque, mas ainda enfrentam barreiras estruturais, culturais e institucionais que limitam seu crescimento profissional. Para a elaboração deste trabalho, foram utilizados estudos recentes sobre a presença feminina em cargos de liderança no Brasil, incluindo relatórios da PLUXEE (2025), SEAAC Campinas (2022) e dados do Grupo Mulheres Brasil. Foram também analisados exemplos de líderes como Leila Pereira, Luiza Helena Trajano e Cíntia Carla de Melo Souza Nogueira para ilustrar as dificuldades e conquistas dessas mulheres em ambientes corporativos e institucionais tradicionalmente dominados por homens. O desenvolvimento do trabalho apresenta dados alarmantes sobre a desigualdade de gênero nas organizações. Pesquisa da FIA Business School - com mais de 150 mil funcionários de 150 grandes empresas no Brasil Pesquisas indicam que, apesar das mulheres representarem 43% do quadro de funcionários em grandes empresas brasileiras, apenas 38% ocupam cargos de direção. Entre os principais desafios estão o machismo institucional, a sobrecarga de tarefas domésticas, a falta de apoio para crescimento profissional e a presença de estereótipos que desvalorizam suas competências. Dados do SEAAC Campinas (2022) revelam que para cada mulher que consegue uma promoção, duas deixam seus cargos, muitas vezes por falta de apoio ou ambientes hostis. Esse fenômeno é agravado pela persistência do chamado "teto de vidro", uma barreira invisível que limita a ascensão profissional das mulheres mesmo quando possuem as qualificações necessárias para cargos de liderança. Além disso, exemplos de mulheres que romperam esses limites incluem: Leila Pereira: Presidente da Crefisa e do Palmeiras, que enfrentou ataques e preconceitos, incluindo ameaças de torcedores e comentários machistas de atletas do próprio clube. Ela também desafia regras internas que desestimulam a participação feminina em cargos de liderança. Luiza Helena Trajano: Presidente do Magazine Luiza e fundadora do grupo Mulheres do Brasil, que promove a inclusão feminina. Trajano enfrentou críticas públicas, como as falas do empresário Tallis Gomes, que questionou a

capacidade de mulheres em altos cargos de equilibrar carreira e vida familiar. Tenente-Coronel Cíntia Carla de Melo Souza Nogueira: Primeira mulher a comandar o 36º Batalhão de Polícia Militar do Rio de Janeiro, que criou o projeto SOS MULHER para apoiar vítimas de violência, demonstrando a importância da liderança feminina em ambientes tradicionalmente masculinos. Os resultados indicam que, apesar dos avanços, as mulheres ainda enfrentam desafios significativos para alcançar e se manter em cargos de liderança. As barreiras estruturais, culturais e institucionais precisam ser superadas para promover a equidade de gênero. Para garantir um futuro mais justo, é fundamental que governos, empresas e a sociedade trabalhem juntos para criar ambientes mais igualitários, implementar políticas de inclusão e reconhecer o valor das mulheres líderes.

**Palavras-chave:** Mulher, direção, desafios, empresas.

## **MULHER TRANS E SUA REPRESENTATIVIDADE NA SOCIEDADE: DESAFIOS E CONQUISTAS**

Carlos Alberto de Souza Silva; Arthur Bersacula de Azevedo; Douglas Campos de Oliveira; Emanele Theobaldi Biasse; Gabriel Alvim Bereta; Gabriela Freitas Silva; Laura Pereira Lutterbach; Lincoln Duarte Guimarães; Marceley Couto da Silva; Maria Fernanda Campos de Moura; Moisés Gabriel Ferreira Cordeiro; Rafaela Duarte de Oliveira; Rubiene Rôla Lopes.

FASAP

Direito

Contato: [calbertosilva.dr@hotmail.com](mailto:calbertosilva.dr@hotmail.com) - (32) 999747464

**Resumo:** A representatividade de mulheres trans na sociedade brasileira é marcada por contrastes entre visibilidade crescente e permanência da exclusão social. Apesar de avanços em políticas públicas e maior presença na mídia, a população trans ainda enfrenta graves violações de direitos, como violência, discriminação e falta de acesso a oportunidades. No Brasil, onde mais pessoas trans são assassinadas no mundo, ser visível muitas vezes significa estar mais exposta a riscos, e não necessariamente incluída. Este trabalho discute os desafios e conquistas das mulheres trans na sociedade atual, refletindo sobre como figuras públicas como Erika Hilton, Linn da Quebrada e Roberta Close têm contribuído para ampliar a visibilidade e transformar discursos. A análise parte da ideia de que representatividade não é apenas ocupar espaços, mas também ter voz, dignidade e acesso a direitos fundamentais. Foram utilizados dados de organizações como a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), IBGE e outras fontes institucionais. Também foram analisadas trajetórias públicas de mulheres trans que se destacam em diferentes áreas: Erika Hilton na política, Linn da Quebrada na cultura e Roberta Close na mídia. A seleção dessas figuras se baseia em seu impacto na construção de narrativas que desafiam o preconceito e ampliam a compreensão sobre as experiências trans.

A metodologia é qualitativa e exploratória, combinando dados estatísticos com relatos biográficos e análises de mídia. O objetivo é compreender como essas mulheres enfrentam as barreiras impostas pela sociedade e de que forma suas histórias contribuem para transformar contextos marcados pela transfobia estrutural. Apesar de avanços em termos de visibilidade e ocupação de alguns espaços institucionais, a realidade cotidiana dessa população ainda é marcada por desigualdade, violência e falta de acesso a direitos básicos. Indicadores recentes mostram: •Mais de 90% das mulheres trans estão fora do mercado de trabalho formal, atuando na informalidade ou em contextos de extrema vulnerabilidade; •Cerca de 80% já sofreram violência física, verbal ou simbólica motivada por sua identidade de gênero; •A expectativa de vida média de uma mulher trans no Brasil é de apenas 35 anos, menos da metade da média nacional. Esses dados evidenciam que a transfobia estrutural se manifesta de forma contundente nos acessos às esferas sociais: desde a exclusão escolar precoce, rejeição familiar, até a dificuldade de acessar saúde, moradia e emprego. Além disso, exemplos de mulheres que romperam esses limites incluem: **Erika Hilton**: Uma das principais representantes da população trans na política brasileira. Eleita como vereadora e depois como deputada federal, Erika ocupa um espaço historicamente negado às pessoas trans. Sua atuação é marcada pela defesa de políticas públicas para a equidade, acesso à educação e combate à violência contra a população LGBTQIA+. Apesar da visibilidade, enfrenta ataques transfóbicos constantes, mostrando como a presença trans no topo do poder ainda incomoda setores conservadores. **Linn da Quebrada**: Usa a arte como forma de resistência e afirmação de identidade. Em suas músicas, atuações e falas públicas questiona a normatividade de gênero e expõe a exclusão social das pessoas trans. Ao participar de programas de grande audiência, como o Big Brother Brasil, levou sua mensagem de luta e respeito à identidade de gênero a milhões de brasileiros. **Roberta Close**: Foi a primeira mulher trans a ganhar projeção nacional no Brasil, quebrando tabus desde a década de 1980 ao aparecer em revistas e programas de TV. Apesar da fama, sua identidade foi tratada com sensacionalismo e ela passou anos sem reconhecimento legal como mulher. Roberta abriu portas em um tempo em que o termo “transexual” sequer era debatido publicamente. Embora haja avanços na visibilidade das mulheres trans, elas continuam enfrentando desafios graves, como violência, exclusão no mercado de trabalho e uma expectativa de vida reduzida. A transfobia estrutural, presente em diversos aspectos da vida social, saúde e segurança, impede a plena inclusão dessa população. É essencial que políticas públicas sejam mais inclusivas, garantindo acesso a moradia, saúde, e educação para mulheres trans. A representatividade, embora importante, precisa vir acompanhada de medidas concretas que assegurem seus direitos e a eliminação da discriminação. Cabe às instituições e também combater as estruturas que tentam silenciá-las.

**Palavras chave:** Mulher trans; representatividade, desafios.

## **MULHER NA POLÍTICA: UM CAMINHO PARA SE GARANTIR A DIVERSIDADE E A EFICÁCIA DEMOCRÁTICA**

Carlos Alberto de Souza Silva; Cláudia Lage, Emily Belo, Gabriel Sanches, Igor Gregório, Ítalo Gabri, Kalyta Silva, Lucas Thaynan, Luysa Lima, Manoel dos Reis, Marcos Vinicius Ávila, Mariana Ferreira, Mathias Bersacula, Nicolas Eccard, Nubya Macedo, Raphael Vidipó, Roberta Rezende, Samuel Ferreira e Thaís Das Graças

FASAP

Direito

Contato: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** O tema aborda a luta das mulheres na política ao longo do tempo e tem como referência, o trabalho da Deputada Estadual Índia Armelau, mulher inspiração para o presente trabalho. A presença da mulher na política é resultado de um processo histórico marcado por resistência, mobilização e conquistas graduais. Desde o movimento sufragista, que assegurou o direito ao voto em diversos países, até a consolidação do sufrágio feminino no Brasil em 1932. A criação da Lei das Cotas em 1997, que estabelece o mínimo de 30% de candidaturas femininas nas eleições proporcionais, representa um avanço formal, mas sua eficácia prática ainda é questionada diante da persistência de candidaturas fictícias e da falta de apoio efetivo às mulheres dentro dos partidos. No Brasil, a Celina Guimarães Viana foi a primeira eleitora, e a Luiza Alzira Soriano Teixeira a primeira prefeita. Carlota Pereira de Queirós foi a primeira deputada federal, e Eunice Michiles a primeira senadora após a princesa Isabel. A Iolanda Fleming foi a primeira governadora de estado, e a Dilma Rousseff a primeira presidente do Brasil e é claro, a deputada estadual Índia Armelau se destaca como um exemplo contemporâneo de protagonismo feminino. As mulheres representam a maioria do eleitorado brasileiro. Elas somam mais de 81,8 milhões de eleitoras, o que equivale a 52,47% do total. Destas, 20 milhões estão na faixa etária entre 45 e 59 anos, fatos esse que demonstram a importância da mulher no eleitorado brasileiro, corroborando para que cada vez mais as mulheres venham ocupar mais cargos políticos no país. O percurso de Índia Armelau, simboliza a urgência e a importância de ampliar a diversidade nos espaços de decisão e garantir que mais vozes femininas tenham lugar na construção das políticas públicas brasileiras. A luta da mulher para conquistar seu espaço na política, vem ocorrendo no decorrer das décadas. Hoje podemos observar que já avançamos muito, contudo, ainda não alcançamos a plenitude da mulher nesse ambiente ainda em sua maioria, composto pelo patriarcado.

**Palavras – chave:** mulher, política, luta

**MULHER E ADVOCACIA: UMA TRAJETÓRIA RUMO À IGUALDADE DE GÊNERO E O DIREITO DAS MULHERES NA ADVOCACIA**



Carlos Alberto de Souza Silva; Alvaro Brum; Bianca Games; Diego Creton; Gabriela Beliene; Giseli Curty; Helena Reis; Kassia Muniz; Kauã Silva; Laiz Zanata; Lorrain Zanata; Maria Vitoria Monteiro ; Rian Damazio; Thales Magalhães; Vitoria Martins; Vittoria Botelho; Yago Berriel

FASAP

Direito

Contato: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** A trajetória da mulher na advocacia é marcada por resistência e conquistas. Durante séculos excluídas do campo jurídico, mulheres como Myrthes Gomes de Campos, primeira advogada do Brasil em 1906, romperam barreiras e abriram caminho para futuras gerações. Hoje, elas ocupam espaços de destaque na advocacia, no Judiciário e em entidades como a OAB. No entanto, desafios persistem, como a desigualdade salarial e a sub-representação em cargos de liderança. A luta por uma advocacia mais justa e igualitária continua. Para a elaboração deste trabalho, foi adotado o método histórico-analítico, com foco na investigação da inserção da mulher na advocacia ao longo do tempo. A pesquisa baseou-se em: Levantamento bibliográfico: consulta a livros, artigos acadêmicos e publicações institucionais sobre a história da advocacia e a participação feminina no Direito. Análise documental: uso de documentos históricos, registros da OAB e biografias de figuras pioneiras, como Myrthes Gomes de Campos. A distribuição das mulheres nas carreiras jurídicas revela uma desigualdade de gênero significativa. A maioria atua como advogada (66,6%), seguida de assessoras/analistas (22,3%) e defensoras públicas (11,1%), com ausência de representatividade nos cargos de juíza e promotora. Esses dados evidenciam barreiras estruturais que dificultam o acesso feminino a posições de maior poder e decisão, apontando para a necessidade de políticas institucionais que promovam equidade de gênero no sistema de justiça. Apesar da crescente presença feminina no Direito, mulheres ainda enfrentam barreiras históricas e institucionais para alcançar cargos de liderança no sistema de justiça. Isso revela uma desigualdade de gênero persistente, que exige ações concretas, como políticas de equidade, incentivo à liderança feminina e revisão de práticas excludentes. O gráfico analisado evidencia essa disparidade e a necessidade de promover igualdade material e valorização profissional das mulheres na área jurídica. Além disso, exemplos de mulheres que romperam esses limites incluem: Myrthes Gomes de Campos: Foi a primeira mulher a exercer a advocacia no Brasil. Formou-se em Direito em 1898 e, apesar do forte preconceito da época, foi admitida no Instituto dos Advogados Brasileiros em 1906, marcando oficialmente o início de sua carreira como advogada. Seu feito abriu caminho para a participação feminina no Direito e a tornou uma pioneira na luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero. Eliana Calmon: Primeira mulher a integrar o Superior Tribunal de Justiça (STJ), onde atuou como ministra de 1999 a 2013. Jurista reconhecida por sua coragem no combate à corrupção no Judiciário, também foi corregedora nacional de Justiça. Sua trajetória abriu caminho para a presença feminina nos altos cargos da magistratura brasileira. Ellen Gracie Northfleet: Foi a primeira mulher a integrar (2000) e a primeira a presidir o Supremo Tribunal Federal (2006). Indicada por

Fernando Henrique Cardoso, marcou sua gestão pela modernização do STF, com destaque para a implantação do processo eletrônico. É um símbolo da representatividade feminina no Judiciário brasileiro. As conquistas das mulheres na advocacia representam não apenas avanços individuais, mas transformações profundas em um sistema historicamente marcado pela exclusão. De Myrthes Gomes de Campos, a primeira mulher a advogar no Brasil, a figuras como Eliana Calmon e Ellen Gracie, que romperam barreiras nos tribunais superiores, cada passo foi uma afirmação de competência, coragem e determinação. Ainda que desafios persistam como desigualdade de oportunidades, preconceito e sub-representação — é inegável que o protagonismo feminino tem crescido e inspirando novas gerações de juristas. Valorizar a presença da mulher na advocacia é reconhecer o direito à igualdade e à justiça, dentro e fora dos tribunais. Portanto, mais do que celebrar nomes, é preciso continuar abrindo caminhos para que o exercício da advocacia seja, de fato, um espaço de equidade, respeito e voz ativa para todas as mulheres.

**Palavras-chave:** mulher; advocacia; igualdade de gênero

## **PROFESSOR: UMA PROFISSÃO ESSENCIALMENTE FEMININA?**

Carlos Alberto de Souza Silva; Amanda da Silva Vaz; Bárbara Peres Baptista; Brayan Teixeira da Silva; Emily Fernandes Dias; Fabiana Chagas de Souza Alves; Isabelly Lima Cota; João Vitor Clemente da Silva; Leticia Rodrigues Fonseca; Maria Granado Neves; Thallia dos Santos Cadena.

FASAP

Direito

Contato: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** A docência no Brasil tem sido historicamente ocupada majoritariamente por mulheres, especialmente na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Essa realidade não é fruto de uma predisposição natural feminina, mas sim de construções sociais e culturais que, ao longo dos séculos, direcionaram as mulheres para profissões ligadas ao cuidado e à educação. Desde o período colonial, quando o ensino formal estava restrito aos homens, até a institucionalização das escolas normais no século XIX, que incentivaram a entrada das mulheres na docência, o magistério foi sendo moldado como uma profissão socialmente feminizada. Apesar da presença massiva de mulheres na educação, principalmente nos níveis básicos de ensino, a valorização da profissão ainda apresenta desafios significativos. Enquanto os homens tendem a ocupar cargos de prestígio, liderança e ensino superior. O objetivo deste estudo é analisar como a docência se tornou uma profissão socialmente feminizada e compreender os impactos dessa realidade na valorização dos profissionais da educação. A partir de uma abordagem histórica e social, o trabalho busca discutir os fatores que perpetuam desigualdades de gênero no magistério e refletir sobre a necessidade de políticas públicas que promovam equidade, reconhecimento e melhores condições para todas as pessoas que atuam na área. A pesquisa foi realizada

entre os dias 7 e 8 de maio de 2025 por meio de um questionário digital. O objetivo era coletar percepções de diferentes grupos – estudantes, professores e membros da sociedade civil – sobre a associação entre gênero e docência. Foram analisadas respostas de pessoas com diferentes níveis de escolaridade e faixas etárias. A metodologia adotada permitiu um levantamento estatístico das opiniões dos participantes e uma análise qualitativa baseada em referências acadêmicas. A pesquisa buscou não apenas confirmar a predominância feminina na profissão, mas também entender os impactos dessa feminização na valorização e equidade na docência. Os dados coletados indicam que 61,7% dos participantes consideram a docência predominantemente feminina, enquanto 79% acreditam que essa realidade tem influência histórica e cultural. A pesquisa revela que a maioria das pessoas reconhece que a docência, particularmente nos níveis iniciais da educação básica, é socialmente vista como uma extensão dos papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres. Além disso, observou-se que a presença masculina no magistério, especialmente na educação infantil, ainda é cercada por tabus e desconfiança, o que pode afastar os homens da profissão. A pesquisa evidencia que a docência não é essencialmente feminina, mas socialmente feminizada. Fatores históricos e culturais contribuíram para consolidar essa visão. Para superar desigualdades na valorização e remuneração, é necessário promover equidade de gênero e fortalecer políticas públicas que valorizem o magistério.

**Palavras-chave:** Professora, mulher, feminina

## **AMBIENTE DE TRABALHO: O QUE É NECESSÁRIO PARA QUE A QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO SEJA REAL?**

Carlos Alberto de Souza Silva; Ana Clara Carneiro Costa; Isaias José Oliveira Cunha; Clóvis Rodrigues Sales; Cleidilaine Brum Gomes; Gabriel Almeida do Nascimento; Pedro Henrique Teles de Oliveira Leon; Maria Clara Garcia dos Santos; Rodrigo Silva Silveira; Luiz Felipe Fontes Cardoso; Isis Oliveira Lopes dos Santos

FASAP

Direito

Contatos: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** Qualidade de Vida no Trabalho refere-se a um conjunto de ações adotadas pelas organizações para promover o bem-estar físico, mental e emocional dos colaboradores. Envolve fatores como: um ambiente seguro e saudável, boas relações interpessoais, reconhecimento profissional, oportunidades de crescimento, equilíbrio entre vida pessoal e profissional, além de programas voltados à saúde física e mental. Fatores como um ambiente físico adequado, reconhecimento profissional e equilíbrio entre vida pessoal e trabalho são essenciais para a qualidade de vida no ambiente corporativo. Além disso, iniciativas voltadas à saúde mental, práticas ergonômicas e o incentivo contínuo ao desenvolvimento profissional exercem um papel direto na promoção do bem-

estar e na construção de um ambiente organizacional mais produtivo e sustentável. Investir na qualidade de vida no trabalho beneficia tanto os colaboradores quanto as empresas. Ambientes organizacionais saudáveis promovem maior engajamento, reduzem o estresse, aumentam a motivação e favorecem a retenção de talentos. Além disso, contribuem para a construção de uma cultura corporativa positiva, fortalecem o espírito de equipe e impactam diretamente na produtividade e nos resultados sustentáveis do negócio.

**Palavras-chave:** QVT, Ambiente de trabalho, saúde

## **ASSÉDIO MORAL NO AMBIENTE DE TRABALHO**

Carlos Alberto de Souza Silva; Ana Clara Martins, Anny Caroliny, Aimée Tavares, Davy Vieira, João Vítor Pacheco, Kamilly Pinheiro, Lara Estephaneli, Livia Andrade, Ludimila Nogueira e Rayane Gomes

FASAP

Direito

Contatos: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** Na sociedade atual, diversos trabalhadores sofrem devido a inexistência do equilíbrio entre a vida pessoal, prejudicando, dessa forma, a saúde e o bem-estar físico, mental e emocional dos colaboradores. A falta de um ambiente de trabalho adequado não é uma novidade. Entretanto, muitos patrões e funcionários desconhecem os impactos negativos que derivam das horas extras não pagas, do mobiliário inadequado, das metas absurdas, da falta de comunicação eficiente e da ausência de zelo para com o bem-estar dos trabalhadores. A cobrança excessiva aplicada sob os colaboradores impacta o humor desses indivíduos dentro e fora dos escritórios, comprometendo a vida pessoal, momentos de autocuidado, lazer e tempo com a família. Uma vez que os funcionários redirecionem suas horas livres para suprir demandas excessivas do trabalho, eles se tornam mais suscetíveis ao estresse e ao descontentamento profissional, o que prejudica sua produção e eficiência no trabalho, a qual precisa ser melhorada com o auxílio de horas extras não remuneradas ou reconhecidas pela empresa, diminuindo seu tempo de descanso e gerando um ciclo sem fim de insatisfação pessoal e profissional. Portanto, é necessário que as empresas construam um ambiente profissional adequado a fim de promover o bem-estar dos trabalhadores. As corporações podem, ainda, oferecer práticas como ginástica laboral no meio do expediente ou pausas regulares para alongamentos, bem como uma redução das metas e da carga horária de seus funcionários visando melhorar o rendimento e produtividade da empresa, ao mesmo tempo em que favorecem o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional dos colaboradores.

**Palavras-chave:** Ambiente de Trabalho, assédio moral, emocional.

## **QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO: EQUILIBRIO ENTRE VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL**

Carlos Alberto de Souza Silva; Maria Clara R. Cansoline; Jordana Ferraz Figueira; Davi P. Marques; Keven Motta; Marcela Dutra Celestino; Iasmim Brito; Pedro Beraldini; Denner Castro

FASAP

Direito

Contatos: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** Na sociedade atual, diversos trabalhadores sofrem devido a inexistência do equilíbrio entre a vida pessoal, prejudicando, dessa forma, a saúde e o bem-estar físico, mental e emocional dos colaboradores. A falta de um ambiente de trabalho adequado não é uma novidade. Entretanto, muitos patrões e funcionários desconhecem os impactos negativos que derivam das horas extras não pagas, do mobiliário inadequado, das metas absurdas, da falta de comunicação eficiente e da ausência de zelo para com o bem-estar dos trabalhadores. A cobrança excessiva aplicada sob os colaboradores impacta o humor desses indivíduos dentro e fora dos escritórios, comprometendo a vida pessoal, momentos de autocuidado, lazer e tempo com a família. Uma vez que os funcionários redirecionem suas horas livres para suprir demandas excessivas do trabalho, eles se tornam mais suscetíveis ao estresse e ao descontentamento profissional, o que prejudica sua produção e eficiência no trabalho, a qual precisa ser melhorada com o auxílio de horas extras não remuneradas ou reconhecidas pela empresa, diminuindo seu tempo de descanso e gerando um ciclo sem fim de insatisfação pessoal e profissional. Portanto, é necessário que as empresas construam um ambiente profissional adequado a fim de promover o bem-estar dos trabalhadores. As corporações podem, ainda, oferecer práticas como ginástica laboral no meio do expediente ou pausas regulares para alongamentos, bem como uma redução das metas e da carga horária de seus funcionários visando melhorar o rendimento e produtividade da empresa, ao mesmo tempo em que favorecem o equilíbrio entre a vida pessoal e profissional dos colaboradores.

**Palavras-chave:** equilíbrio, vida pessoal, vida profissional.

## **BOAS PRÁTICAS DE QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO**

Carlos Alberto de Souza Silva; Pedro Henrique; Esther Souza; Miguel Brum; Gabriel Lima; Enzo Reis; Renan Franklin; João Victor Rohem; Eduardo Estabile

FASAP

Direito

Contato: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** A Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) constitui um conjunto de ações integradas que visam promover o bem-estar físico, psicológico e social dos trabalhadores, contribuindo para um ambiente organizacional mais saudável, produtivo e motivador. Nesse contexto, boas práticas de QVT são estratégias fundamentais para alinhar os objetivos institucionais às necessidades humanas dos colaboradores. Dentre as principais práticas, destaca-se a criação de ambientes laborais seguros e ergonomicamente adequados, que minimizem riscos à saúde e proporcionem conforto durante a jornada de trabalho. Além disso, a adoção de uma gestão humanizada, pautada na empatia, no respeito à diversidade e no incentivo ao diálogo, contribui significativamente para o fortalecimento das relações interpessoais e para a construção de um clima organizacional positivo. Outra diretriz essencial é a promoção do equilíbrio entre vida pessoal e profissional, por meio de políticas de flexibilização de horários, home office e respeito aos períodos de descanso, como férias e licenças. A implementação de programas de saúde e bem-estar — como ginástica laboral, acompanhamento psicológico, campanhas preventivas e incentivo à alimentação saudável — também tem se mostrado eficaz na prevenção de doenças e na elevação do bem-estar geral. Ademais, o investimento contínuo em capacitação e desenvolvimento profissional fortalece o vínculo entre colaborador e empresa, estimulando o crescimento individual e organizacional. Práticas de comunicação interna transparentes e participativas, bem como políticas de valorização e reconhecimento — por meio de feedbacks, bonificações e incentivos —, são igualmente indispensáveis para promover engajamento e satisfação no trabalho. Assim, ao incorporar essas boas práticas de forma estratégica e consistente, as organizações não apenas favorecem a saúde e o bem-estar dos seus colaboradores, mas também aumentam sua competitividade, reduzem índices de rotatividade e fortalecem sua imagem institucional perante o mercado e a sociedade.

**Palavras-chave:** QVT; práticas; trabalho

## **SAÚDE MENTAL: UMA NECESSIDADE QUE SE IMPÕE NA VIDA PROFISSIONAL E NA VIDA PESSOAL**

Carlos Alberto de Souza Silva; Ana Clara Meira; Ana Lia Virtuoso; Bárbara Oliveira; Joara Andrade; Lavínya Marinho; Lucas S. Santos; Kayky Vaz; Vitória R. Ferreira; Tiffany F. Grilo

FASAP

Direito

Contatos: calbertosilva.dr@hotmail.com - (32) 999747464

**Resumo:** A Saúde Mental é entendida pela OMS como um estado de bem-estar no qual o indivíduo reconhece suas habilidades, lida com as tensões do dia a dia, trabalha de forma produtiva e contribui com sua comunidade. A saúde mental tem ganhado cada vez mais atenção por sua importância na vida das pessoas. Problemas como estresse, ansiedade e depressão impactam negativamente tanto a vida profissional quanto a vida pessoal. Mesmo com os avanços nas informações sobre saúde mental, o preconceito e a discriminação ainda impede muitas pessoas de buscarem apoio familiar e profissional. O medo de julgamentos e a falta de compreensão em casa, na escola ou no trabalho dificultam o enfrentamento dos problemas mentais. As doenças mentais afetam o comportamento, o humor e a rotina, causando isolamento, baixa autoestima e queda na produtividade. Crianças e adolescentes também precisam de atenção, pois os sinais podem aparecer desde cedo, como mudanças de humor e dificuldades nas relações. Já os estudantes enfrentam pressão por resultados e medo do futuro, enquanto professores lidam com sobrecarga de trabalho e falta de reconhecimento. A tecnologia também interfere na saúde mental. Se, por um lado, aproxima e informa, por outro, causa comparações, excesso de informação e até cyberbullying. Tudo isso contribui para o aumento do estresse e da ansiedade. Cuidar da saúde mental deve ser uma prioridade. É importante que as pessoas busquem ajuda, pratiquem o autocuidado e que os ambientes em que vivem e trabalham ofereçam apoio e compreensão. Promover o diálogo, combater o preconceito e valorizar a saúde emocional são passos essenciais para uma vida mais equilibrada e saudável, tanto no pessoal quanto no profissional.

**Palavras-chave:** Saúde mental; QVT; vida pessoal; vida profissional

## **DESAFIOS E PRÁTICAS HUMANIZADAS PARA PROFISSIONAIS DE SAÚDE FRENTE AO ATENDIMENTO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA**

Tonny Xavier, Bruna Vieira Santos, Isabella de Souza Maceió, Júlia Anibal Hermsdorff Souza, Kellety Andrade Gonçalves, Luana Muniz Miguel, Maria Clara Pegorim Villas Boas e Mariana Gabry Pinheiro.

Fasap

Enfermagem

Contato: [tonnyxavier@hotmail.com](mailto:tonnyxavier@hotmail.com) / (22)992637145

**Resumo:** A humanização no atendimento à saúde é um pilar essencial para garantir equidade e qualidade no cuidado, especialmente para pessoas com deficiência, que enfrentam barreiras físicas, comunicacionais e atitudinais. Dados da OMS (2023) e do IBGE (2022) destacam que 16% da população global

e 18,6 milhões de brasileiros vivem com alguma deficiência, reforçando a urgência de práticas inclusivas. Este estudo analisa os desafios enfrentados por profissionais de saúde e propõe estratégias humanizadas para melhorar o atendimento, com base em evidências científicas e políticas públicas, como a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2019). Realizou-se uma revisão integrativa da literatura, utilizando artigos científicos, relatórios governamentais e dados de organizações como OMS e IBGE. As fontes foram selecionadas a partir de bases de dados como SciELO e PubMed, com os descritores “humanização em saúde”, “pessoas com deficiência” e “acessibilidade”. Foram incluídos estudos publicados entre 2019 e 2025, em português e inglês, que abordassem desafios e práticas humanizadas no atendimento. A análise seguiu uma abordagem qualitativa, categorizando os resultados em barreiras estruturais, comunicacionais e atitudinais. Foram encontrados os seguintes barreiras: Barreiras Estruturais: - 70% das pessoas com deficiência relatam falta de infraestrutura acessível (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022); Falta de equipamentos adaptados (e.g., macas, balcões) e transporte acessível. Barreiras Comunicacionais: Dificuldades na comunicação com pacientes surdos ou com deficiência intelectual; Pouco uso de Libras ou materiais em braile. Barreiras Atitudinais: Profissionais relatam insegurança e falta de capacitação ; Estereótipos e discriminação afetam a qualidade do atendimento. A convergência dos dados evidencia a necessidade de investimento em infraestrutura, capacitação profissional e políticas de inclusão. Os resultados deste estudo evidenciam que as barreiras estruturais, comunicacionais e atitudinais ainda são grandes obstáculos para um atendimento humanizado às pessoas com deficiência. A falta de infraestrutura acessível e a insuficiência na formação profissional refletem a necessidade de políticas públicas mais eficazes, como a Política Nacional de Saúde da Pessoa com Deficiência demanda maior aplicabilidade. A capacitação contínua dos profissionais e a adaptação dos serviços de saúde são medidas urgentes para garantir um atendimento inclusivo. Além disso, é fundamental promover pesquisas que avaliem a efetividade das estratégias já implementadas e incentivem novas práticas baseadas em evidências. Portanto, este trabalho reforça a importância da humanização na saúde, destacando a necessidade de ações integradas entre gestores, profissionais e sociedade para assegurar equidade e dignidade no cuidado às pessoas com deficiência.

**Palavras-chave:** Atendimento. Práticas Humanizadas. Pessoas com deficiências

## **ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL DO TRANSTORNO DE PERSONALIDADE BORDERLINE**

Tonnya Xavier, Danielle Aquino, Anna Madalena Barceloz, Maria Fernanda Barros, Igor, Maick Silva, Dalvina Carvalho, Alice Ferreira.

Fasap

Enfermagem

Contato: [tonnyaxavier@hotmail.com](mailto:tonnyaxavier@hotmail.com) / (22)992637145



**Resumo:** O Transtorno de Personalidade Borderline (TPB) é um dos mais complexos entre os transtornos de personalidade, marcado por impulsividade, instabilidade emocional, insegurança e medo. Theodore Millon destacou a variedade de sintomas apresentados pelos pacientes e aprofundou seus estudos sobre o transtorno. Já Marsha Linehan, após vivenciar intensamente os sintomas do TPB, criou a Terapia Comportamental Dialética (DBT), voltada à aceitação e transformação emocional, ajudando os pacientes a reconhecerem e lidarem com suas emoções sem autodestruição. A pesquisa foi realizada com abordagem qualitativa, analisou entrevistas de estudos científicos com pacientes diagnosticados com TPB. Os relatos revelaram como o transtorno afeta profundamente a identidade, os relacionamentos e a vida cotidiana dessas pessoas. Os objetivos do estudo foram analisar o TPB a partir das contribuições de Millon e avaliar a eficácia da DBT. Também buscou compreender como o comportamento dos profissionais de saúde e a Tensão Pré-Menstrual (TPM) influenciam o agravamento dos sintomas em mulheres. Foi observado que o conhecimento limitado dos profissionais pode comprometer o tratamento. O apoio familiar, a inclusão social e a psicoeducação são fundamentais na melhora da qualidade de vida dos pacientes. Além disso, evidências mostram que o ciclo menstrual pode intensificar os sintomas do TPB, aumentando o risco de suicídio. A conclusão reforça a importância da empatia e da escuta ativa no tratamento, destacando a DBT como abordagem eficaz. O acolhimento e a compreensão no ambiente familiar e social são essenciais para promover a estabilidade emocional dos pacientes com TPB.

**Palavras-chave:** Transtorno de personalidade Boderline. Terapia comportamental dialética.

## **ACESSO À SAÚDE DE QUALIDADE PARA IDOSOS: A EDUCAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO COMO FERRAMENTAS**

Tonnya Xavier, Isadora Antunes Chapim de Souza, Juanna Bairral Almeida Freitas, Manuela de Melo Caldeira, Matheus Vogas Alfredo, Nicolly da Silva Pinheiro, Roger Cardoso da Silva, Rodrigo de Melo Fíngolo, Thamires Souza Sorrentino

Fasap

Enfermagem

Contato: [tonnyaxavier@hotmail.com](mailto:tonnyaxavier@hotmail.com) / (22)992637145

**Resumo:** O envelhecimento populacional impõe desafios significativos aos sistemas de saúde, exigindo estratégias que garantam um atendimento adequado e acessível aos idosos. A falta de conhecimento sobre os sistemas de saúde, direitos e benefícios dificulta a utilização eficiente dos serviços disponíveis, resultando em desigualdades no acesso à saúde (SILVA et al., 2010). Nesse contexto, programas educativos voltados para idosos e seus familiares tornam-se fundamentais para fortalecer a autonomia, a adesão a tratamentos e a prevenção de doenças (OLIVEIRA et al., 2019). Este estudo tem

como objetivo analisar a importância da educação e da conscientização na ampliação do acesso à saúde de qualidade para idosos, destacando o papel das políticas públicas e das iniciativas educacionais na promoção de um envelhecimento saudável. A metodologia adotada baseia-se em uma revisão bibliográfica de artigos científicos, documentos governamentais e relatórios institucionais sobre o tema. Os resultados evidenciam que a implementação de programas educativos direcionados à população idosa contribui para a redução de barreiras burocráticas, a melhoria da adesão aos cuidados médicos e o fortalecimento do autocuidado (SANTOS; ALMEIDA, 2008), tornando-se um instrumento essencial para a consolidação de um modelo de saúde mais inclusivo e sustentável.

**Palavras-chave:** Educação em saúde; Acesso à saúde; População idosa; Políticas públicas; Conscientização.

## **INCLUSÃO DE PACIENTES COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA NOS SERVIÇOS DE SAÚDE: BARREIRAS E ESTRATÉGIAS PARA UM ATENDIMENTO HUMANIZADO**

Tonnya Xavier, Emmanuel Baptista, Iris Peres, Kethely Magalhaes, Letícia Arruda Thamires Sorrentino, Vitória Mendonça, Vitória Mendonça, Yasmim Gonzaga

Fasap

Enfermagem

Contato: [tonnyaxavier@hotmail.com](mailto:tonnyaxavier@hotmail.com) / (22)992637145

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo analisar criticamente os desafios enfrentados por indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) no acesso e na permanência nos serviços de saúde, a partir da identificação de barreiras estruturais, comunicacionais e atitudinais. A pesquisa fundamenta-se na crescente necessidade de inclusão desses indivíduos em ambientes assistenciais mais humanizados, acolhedores e adaptados às suas particularidades sensoriais e cognitivas. A metodologia adotada foi uma revisão bibliográfica qualitativa, baseada na análise de artigos científicos nacionais e internacionais publicados nos últimos cinco anos, disponíveis em bases como SciELO, PubMed, Google Acadêmico e BVS. A seleção dos materiais priorizou estudos que abordam a experiência de pacientes, familiares e profissionais de saúde no contexto do atendimento a pessoas com TEA. O estudo revela que a falta de capacitação dos profissionais, a inadequação dos espaços físicos e a ausência de protocolos específicos comprometem o atendimento a essa população. Ambientes com estímulos sensoriais excessivos, profissionais

despreparados para a comunicação alternativa e currículos acadêmicos defasados são apontados como entraves críticos. O artigo destaca a importância de estratégias inclusivas, como a criação de salas sensoriais, o uso de pictogramas, a escuta ativa, a flexibilização de horários e a participação das famílias nos planos de cuidado. Conclui-se que o acesso humanizado à saúde para pessoas com TEA exige uma reformulação estrutural e atitudinal dos serviços, além da implementação de políticas públicas eficazes, formação continuada dos profissionais e envolvimento ativo da sociedade. O estudo reafirma que garantir esse atendimento não é apenas uma necessidade prática, mas um compromisso ético com a equidade, a dignidade e o respeito à neurodiversidade.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista. Inclusão. Saúde. Acessibilidade. Humanização.

## **INCLUSÃO DIGITAL DA PESSOA IDOSA: DESAFIOS E ESTRATÉGIAS PARA A PREVENÇÃO AO ISOLAMENTO SOCIAL E À DEPRESSÃO**

Tonny Xavier, Christian Felício, Gustavo de Freitas, Iris Barreto, Marcos Paulo, Raiane Ferreira Ramon Ferreira

Fasap

Enfermagem

Contato: [tonnyxavier@hotmail.com](mailto:tonnyxavier@hotmail.com) / (22)992637145

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar os principais desafios enfrentados pela população idosa brasileira no processo de inclusão digital, destacando sua relevância como estratégia para a prevenção do isolamento social e da depressão. No contexto contemporâneo, marcado pela crescente digitalização das relações sociais, do acesso à informação e dos serviços públicos e privados, estar conectado deixou de ser um privilégio e passou a ser uma necessidade básica. Entretanto, os idosos, muitas vezes excluídos dos processos de alfabetização digital, enfrentam barreiras significativas, como a falta de familiaridade com dispositivos eletrônicos, o preconceito etário, a ausência de políticas públicas eficazes e as desigualdades sociais históricas, como baixa renda e escolaridade. Essa exclusão os torna mais vulneráveis ao isolamento social, à solidão e aos transtornos psíquicos, como a depressão. A pesquisa adota uma abordagem qualitativa com base em revisão bibliográfica de estudos e documentos publicados entre 2020 e 2025. Foram utilizadas como fontes bases de dados acadêmicas como SciELO, Google Acadêmico, CAPES Periódicos e documentos institucionais de órgãos como IBGE, CGI.br e OPAS. Os critérios de inclusão envolveram publicações com foco em alfabetização digital, envelhecimento, saúde mental e políticas públicas para idosos no contexto brasileiro. Foram priorizados estudos empíricos, revisões integrativas e relatórios de experiências práticas voltadas à inclusão digital da população

idosa. A análise dos dados foi feita por meio de leitura crítica e categorização temática, com foco na identificação de barreiras, estratégias e impactos na saúde mental e na qualidade de vida dos idosos, buscando compreender os fatores que limitam o acesso da pessoa idosa às tecnologias e identificar experiências bem-sucedidas de inclusão digital. Os resultados demonstram que a alfabetização digital da pessoa idosa contribui significativamente para o fortalecimento da autonomia, o estímulo à convivência social, o acesso a informações de saúde e a redução dos sintomas depressivos. Entre as estratégias propostas, destacam-se a oferta gratuita de cursos contínuos de capacitação, a distribuição de dispositivos tecnológicos, o fornecimento de internet acessível e a promoção de campanhas de valorização do idoso. Conclui-se que a inclusão digital deve ser tratada como um direito fundamental e uma política pública intersetorial essencial para a promoção de um envelhecimento ativo, digno e saudável, integrando saúde, educação, assistência social e cultura.

**Palavras-chave:** Inclusão digital. Pessoa idosa. Isolamento social. Saúde mental.

## **ACNE NA ADOLESCÊNCIA: MITOS, VERDADES E ORIENTAÇÕES PARA O CUIDADO**

Jeuziane Duarte Lamim, Emilly Carvalho Pugione, Luísa Braga Lima, Rian de Souza Sá, Raniely Elias Clé.

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com/ (22) 999976633

**Resumo:** A adolescência é um período de profundas mudanças físicas, hormonais e psicológicas, nas quais o corpo passa por diversas transformações que impactam diretamente a autoestima dos jovens. Nesse contexto, a acne se destaca como uma das queixas dermatológicas mais comuns, afetando não apenas a pele, mas também o bem-estar emocional e social dos adolescentes. O tema é relevante, pois a acne ainda é cercada por diversos mitos, o que pode dificultar seu tratamento adequado e levar a práticas ineficazes ou prejudiciais. Assim, este trabalho tem como objetivo esclarecer os principais mitos e verdades sobre a acne na adolescência, bem como oferecer orientações baseadas em evidências para o cuidado adequado. Quanto à metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, por meio de levantamento bibliográfico em artigos científicos, monografias e livros especializados, com o intuito de reunir informações atualizadas sobre o tema. O conteúdo foi estruturado em tópicos que abordam a definição clínica da acne, suas principais causas e manifestações, formas de diagnóstico e tratamento, além do impacto psicológico gerado pela condição. Foram analisados fatores que agravam a acne, como a alimentação, especialmente o consumo excessivo de chocolate e alimentos gordurosos, o estresse, a utilização de esteroides anabolizantes e a crença equivocada de que a falta de higiene seria a principal causa. Estudos recentes

mostram que, embora alguns alimentos possam influenciar na severidade das lesões, não há uma relação direta e universal, sendo necessário considerar a individualidade de cada organismo. Além disso, constatou-se que a obstrução dos poros ocorre em camadas mais profundas da pele, o que desmistifica a ideia de que a acne é resultado de sujeira ou má higiene. Conclui-se que a acne deve ser compreendida como uma condição multifatorial, que exige acolhimento, escuta ativa e orientação adequada por parte dos profissionais de saúde, sobretudo da enfermagem. Cabe a esses profissionais contribuir para a desmistificação do tema, oferecendo suporte emocional e educativo que incentive o autocuidado e promova a saúde integral dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Acne, Adolescência, Autocuidado, Mitos e verdades, Saúde emocional.

## **BULLYING ESCOLAR: CAUSAS, CONSEQUÊNCIAS E ESTRATÉGIAS DE PREVENÇÃO**

Jeuziane Duarte Lamim, Alcimara Gabry Segaloto Pontes, Fabrício Pedro Da Silva, Gilcilene Cabral Pereira, Ianny Koren Pereira Teixeira, Milene Lopes de Barros Pacheco, Patrícia Santos Oliveira Mota, Vitória Peixoto Teixeira

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com/ (22) 999976633

**Resumo:** O *bullying* é uma forma de violência que ocorre predominantemente em ambientes escolares, caracterizando-se por agressões intencionais, repetitivas e que envolvem um desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Ele pode se manifestar de forma verbal, física, psicológica, moral ou até virtual (*cyberbullying*). Esse fenômeno vem crescendo e ganhando atenção das áreas de saúde, educação e psicologia, devido às suas consequências devastadoras para o desenvolvimento social e emocional das crianças e adolescentes envolvidos. O ambiente escolar, que deveria ser um espaço de promoção do conhecimento e da cidadania, torna-se, em muitos casos, um local de medo e insegurança. Estudos apontam que o *bullying* não prejudica apenas as vítimas diretas, mas também afeta os espectadores, os agressores e o clima escolar como um todo. O aumento dos casos de depressão, ansiedade, evasão escolar, isolamento social e até suicídio tem levado estudiosos e gestores públicos a discutir a importância de políticas preventivas eficazes. Diante disso, esta pesquisa tem como objetivo explorar as causas do *bullying*, suas consequências psicológicas e sociais, e apresentar estratégias eficazes de prevenção e intervenção, com base em uma revisão bibliográfica das últimas produções acadêmicas nacionais e internacionais. Quanto à metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, por meio de levantamento bibliográfico,

com a análise de artigos científicos, monografias e livros. Para organizar a discussão, o artigo foi estruturado em três tópicos principais. O primeiro aborda as causas do *bullying* escolar, destacando os fatores sociais, familiares e institucionais que favorecem o surgimento desse tipo de violência. O segundo tópico trata das consequências psicológicas e sociais do *bullying*, analisando os impactos negativos nas vítimas, agressores e demais envolvidos, como o aumento da ansiedade, da depressão e do isolamento social. Por fim, o terceiro tópico apresenta estratégias de prevenção e intervenção no ambiente escolar, com base em estudos recentes, propondo ações educativas e políticas públicas que visem à promoção de um ambiente escolar seguro, inclusivo e acolhedor.

**Palavras-chave:** *Bullying* Escolar; Saúde Emocional; Prevenção.

## **CIGARROS ELETRÔNICOS E SAÚDE PÚBLICA: RISCOS, REGULAÇÃO E O PAPEL DA ENFERMAGEM NA EDUCAÇÃO PREVENTIVA.**

Jeuziane Duarte Lamim, Heitor De Paula Pereira, Karla Pegoraro Gonçalves, Mariana Reis De Oliveira, Mayanne Dias Dos Reis Marques, Millena Braga Silva De Azevedo, Washington Santos Silva Junior

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com/ (22) 999976633

**Resumo:** O tema abordado é o uso de cigarros eletrônicos, também conhecidos como vapes. Esse assunto é relevante na área da saúde e enfermagem por envolver riscos crescentes à saúde pública, principalmente entre os jovens. Apesar de terem sido desenvolvidos como alternativa ao tabagismo convencional, os cigarros eletrônicos podem causar dependência, doenças respiratórias, como a doença rara conhecida como “pulmão de pipoca”, cardiovasculares e até câncer, sendo alvo de preocupação por parte dos profissionais da saúde e órgãos reguladores. O objetivo da pesquisa é apresentar o que são os cigarros eletrônicos, sua evolução, os impactos à saúde, os debates sobre regulamentação e a comparação com os cigarros tradicionais, destacando os riscos envolvidos e sua importância no contexto da saúde pública. A metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória por meio de levantamento bibliográfico, artigos científicos, monografias e livros. O artigo foi organizado para apresentar inicialmente o conceito e funcionamento dos cigarros eletrônicos, explicando como produzem vapor por meio do aquecimento de um líquido com nicotina e outras substâncias. Em seguida, trata da evolução histórica desses dispositivos e dos debates sobre sua regulamentação no Brasil, com destaque para a atuação da Anvisa. Também são discutidos os principais riscos à saúde associados ao uso dos vapes, como doenças respiratórias, cardiovasculares e dependência. Por fim, o texto compara os cigarros eletrônicos aos tradicionais, evidenciando semelhanças, diferenças e os perigos que ambos representam à saúde pública. Conclui-se que os cigarros eletrônicos, embora inicialmente promovidos como alternativa mais segura ao cigarro tradicional,

apresentam sérios riscos à saúde. A revisão reforça a importância da atuação da enfermagem na educação em saúde e na conscientização da população sobre os perigos do uso desses dispositivos. A pesquisa contribui para o debate sobre políticas públicas, controle do uso e necessidade de maior fiscalização.

**Palavras-chave:** Cigarros eletrônicos; Saúde pública; Enfermagem; Dependência; Educação em saúde.

## **EDUCAÇÃO MENSTRUAL: COMBATE AOS MITOS, TABUS E PROMOÇÃO DA HIGIENE MENSTRUAL COMO DIREITO E SAÚDE PÚBLICA**

Jeuziane Duarte Lamim, Edna de Fátima Duarte Evangelista, Karla Dias de Freitas Barrias, Maria Fernanda Abreu Costa, Maxwuell Pena Ferreira.

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com/ (22) 999976633

**Resumo:** A menstruação é um processo fisiológico inato e vital para a saúde feminina, contudo, ainda é permeada por estigmas sociais, mitos e tabus que dificultam o acesso à informação e prejudicam a experiência saudável do ciclo menstrual da mulher. Várias adolescentes, devido à ausência de orientação apropriada, lidam com insegurança, autoestima reduzida e adotam hábitos de higiene impróprios, o que pode levar a perigos para a saúde. A falta de diálogo entre famílias e instituições de ensino perpetua a desinformação, enquanto a pobreza menstrual, marcada pela escassez de produtos de higiene e falta de conhecimento sobre o assunto, prejudica o direito à educação e à dignidade. Diante disso, torna-se urgente discutir o papel da educação menstrual como instrumento de promoção da saúde, cidadania e equidade social. Este estudo visa destacar a relevância da educação menstrual na desmistificação de mitos e tabus, na melhoria da saúde e autoestima dos adolescentes, e na formulação de políticas públicas que garantam a dignidade menstrual como um direito humano e um problema de saúde pública. Quanto à metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória por meio de levantamento bibliográfico, artigos científicos, monografias e livros, buscando reunir fundamentos teóricos que sustentem a discussão sobre higiene menstrual, mitos e práticas educativas. O artigo foi estruturado em três tópicos, sendo o primeiro voltado à abordagem dos mitos e tabus associados à menstruação e seu impacto na formação das adolescentes. O segundo tópico trata das boas práticas de higiene menstrual, com ênfase na importância da informação e do autocuidado. Por fim, o terceiro tópico discute a pobreza menstrual, seu impacto social e educacional e a importância de políticas públicas que assegurem o acesso a produtos e

informações adequadas. Conclui-se que a educação menstrual é uma ferramenta fundamental para combater preconceitos e garantir que meninas e adolescentes tenham acesso à informação de qualidade, produtos adequados e apoio institucional. O estudo reforça a necessidade de implementar políticas públicas que priorizem o combate à pobreza menstrual, promovam o diálogo nas escolas e famílias e assegurem a dignidade menstrual como parte dos direitos humanos. A relevância da temática está na sua contribuição para a promoção da saúde integral, equidade de gênero e justiça social.

**Palavras-chave:** Higiene menstrual; Mitos e Tabus; Educação Menstrual; Pobreza Menstrual; Saúde Pública.

## **HIGIENE CAPILAR E QUEDA DE CABELO NA ADOLESCÊNCIA: PRÁTICAS, CAUSAS E CUIDADOS**

Jeuziane Duarte Lamim, Anna Cecília do Couto Nepomuceno, Êmilly de Oliveira Souza, Caroíne Silva Pereira,  
Eutieli Navega dos Santos Aguiar, Gabrielly Xavier de Almeida, Márcia Camila Esteves.

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com / (22) 99976633

**Resumo:** A higiene capilar é uma prática fundamental para a manutenção da saúde do couro cabeludo e dos fios, especialmente na adolescência — fase marcada por intensas transformações hormonais, emocionais e comportamentais. Neste período, é habitual que as glândulas sebáceas produzam mais sebo, o que pode levar ao surgimento de dermatites, caspas e até mesmo à perda de cabelo se não forem tomadas as medidas de cuidado corretas. A relevância do tema está em sua influência direta sobre a autoestima, a imagem pessoal e o bem-estar psicossocial dos adolescentes, sendo, portanto, uma questão que ultrapassa os limites da estética e se insere no campo do cuidado integral em saúde. O objetivo desta pesquisa é destacar a importância da higiene capilar, suas práticas adequadas e os principais fatores associados à queda de cabelo na adolescência, além das formas de prevenção e tratamento mais recomendadas. Quanto à metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, com base em levantamento bibliográfico de livros, artigos científicos e monografias que discutem o tema sob a perspectiva da saúde coletiva e da dermatologia. O conteúdo foi estruturado em dois eixos principais: o primeiro trata da higiene capilar como prática de cuidado com o couro cabeludo, abordando temas como frequência de lavagem, escolha de shampoos e condicionadores apropriados, cuidados com o uso excessivo de



fontes de calor (secadores e chapinhas), e os impactos da má higienização. O segundo eixo explora as causas da queda capilar na adolescência, incluindo fatores genéticos, hormonais, nutricionais, emocionais e o uso inadequado de produtos químicos. São ainda apresentadas as formas de diagnóstico, os principais tratamentos e recomendações de rotina capilar saudável. É evidente que manter bons hábitos de higiene capilar é fundamental não só para evitar doenças do couro cabeludo, mas também para fomentar a saúde física e emocional dos jovens. Compreender as origens e as estratégias de tratamento para a queda de cabelo é crucial para que os especialistas em saúde possam intervir de maneira preventiva e eficiente.

**Palavras-chave:** Higiene capilar; Adolescência; Queda de cabelo; Saúde do couro cabeludo; Prevenção.

## **HIPERIDROSE EM ADOLESCENTES: DESAFIOS, CUIDADO PESSOAL E REPERCUSSÕES PSICOSSOCIAIS**

Jeuziane Duarte Lamim, Alessandra Ferraz da Silva, Ana Carolina Carvalho Picoli de Faria, Clarissa Galetti Calderan, Gabriel Pojano Gonçalves, Julia Pereira Faria, Kamilla Oliveira Bocafoli, Maria Eduarda Cobo Da Silva, Melissa Salles Da Silva Costa

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com/ (22) 999976633

**Resumo:** A adolescência é um período de profundas mudanças físicas, hormonais e psicológicas, nas quais o corpo passa por diversas transformações que impactam diretamente a autoestima dos jovens. Nesse contexto, a acne se destaca como uma das queixas dermatológicas mais comuns, afetando não apenas a pele, mas também o bem-estar emocional e social dos adolescentes. O tema é relevante, pois a acne ainda é cercada por diversos mitos, o que pode dificultar seu tratamento adequado e levar a práticas ineficazes ou prejudiciais. Assim, este trabalho tem como objetivo esclarecer os principais mitos e verdades sobre a acne na adolescência, bem como oferecer orientações baseadas em evidências para o cuidado adequado. Quanto à metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória, por meio de levantamento bibliográfico em artigos científicos, monografias e livros especializados, com o intuito de reunir informações atualizadas sobre o tema. O conteúdo foi estruturado em tópicos que abordam a definição clínica da acne, suas principais causas e manifestações, formas de diagnóstico e tratamento, além do impacto psicológico gerado pela condição. Foram analisados fatores que agravam a acne, como a alimentação — especialmente o consumo excessivo de chocolate e alimentos gordurosos —, o estresse, a utilização de

esteroides anabolizantes e a crença equivocada de que a falta de higiene seria a principal causa. Estudos recentes mostram que, embora alguns alimentos possam influenciar na severidade das lesões, não há uma relação direta e universal, sendo necessário considerar a individualidade de cada organismo. Além disso, constatou-se que a obstrução dos poros ocorre em camadas mais profundas da pele, o que desmistifica a ideia de que a acne é resultado de sujeira ou má higiene. Conclui-se que a acne deve ser compreendida como uma condição multifatorial, que exige acolhimento, escuta ativa e orientação adequada por parte dos profissionais de saúde, sobretudo da enfermagem. Cabe a esses profissionais contribuir para a desmistificação do tema, oferecendo suporte emocional e educativo que incentive o autocuidado e promova a saúde integral dos adolescentes.

**Palavras-chave:** Acne, Adolescência, Autocuidado, Mitos e verdades, Saúde emocional.

## **TRANSFORMAÇÕES DA PUBERDADE E O PAPEL DA ENFERMAGEM: CONTRIBUIÇÕES EDUCATIVAS NO ACOLHIMENTO DE ADOLESCENTES.**

Jeuziane Duarte Lamim, Antony de Souza dos Santos, Geovanna Rodrigues Felix Benedito André, Kauan Rocha da Silva, Livia Ferreira de Souza, Lucas Pereira Santiago, Thuane Alves de Oliveira

FASAP

Enfermagem

Contatos: jeuziane@gmail.com/ (22) 999976633

**Resumo:** A puberdade é um marco vital no desenvolvimento humano, representando a passagem da infância para a adolescência e, em seguida, para a idade adulta. Este é um período de profundas mudanças corporais, hormonais e emocionais, que acontecem de maneira gradual e apresentam diferenças significativas entre meninos e meninas. Este texto visa expor as principais transformações físicas que acontecem durante a puberdade e debater a relevância do suporte profissional, particularmente da equipe de enfermagem, na orientação dos jovens. O começo da puberdade nas meninas geralmente ocorre entre os oito e treze anos, sendo o primeiro sinal o aparecimento do broto mamário. Em seguida, ocorre o desenvolvimento dos pelos púbicos e, aproximadamente dois anos depois, a menarca, primeira menstruação, que indica a maturação do sistema reprodutor. É comum que os ciclos menstruais sejam irregulares nos primeiros anos, podendo haver necessidade de acompanhamento médico em casos de desconforto ou impacto na rotina da adolescente. Nos meninos, a puberdade geralmente se inicia entre os nove e catorze anos, sendo marcada inicialmente pelo aumento do volume dos

testículos, seguido pelo crescimento do pênis. Também há o aparecimento dos pelos pubianos, que vão se tornando mais espessos e escuros com o tempo. Durante esse processo, é possível ocorrer um aumento temporário das mamas (ginecomastia), causado por alterações hormonais, que tende a regredir espontaneamente. Além disso, outras mudanças como aumento de estatura, modificação da voz, crescimento de pelos em outras regiões do corpo e aparecimento de acne são comuns em ambos os sexos. Quanto à metodologia aplicada, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória por meio de levantamento bibliográfico, artigos científicos, monografias e livros, com base em autores que abordam o desenvolvimento puberal e a atuação da enfermagem na educação em saúde. Este artigo foi desenvolvido a partir de três eixos principais. O primeiro aborda, com sensibilidade, as mudanças físicas que ocorrem durante a puberdade em meninas e meninos, reconhecendo que cada corpo vive esse processo de forma única. O segundo eixo dá atenção aos aspectos emocionais e sociais que acompanham essa fase de tantas descobertas e transformações. Já o terceiro destaca o papel cuidadoso e necessário da enfermagem no acolhimento dos adolescentes, especialmente por meio de práticas educativas e escuta ativa. Diante das dúvidas, inseguranças e desconfortos que costumam surgir nesse período, a presença do profissional de enfermagem se mostra fundamental. Com empatia e orientação adequada, a enfermagem pode se tornar uma ponte entre os adolescentes, suas famílias e os serviços de saúde, ajudando a transformar esse momento delicado em uma fase de aprendizado, segurança e fortalecimento da autoestima.

**Palavras-chave:** Puberdade; Adolescência; Desenvolvimento físico; Enfermagem; Saúde do adolescente.

## **ENTRE EXTREMOS: UMA ANÁLISE ABRANGENTE DO TRANSTORNO BIPOLAR À LUZ DO DSM-5**

Rhaquel Marques Franco Bandeira; Lucas Maurilio de Carvalho Figueredo; Gabrielle da Costa Nascimento; Gisele dos Santos; Patrícia Conceição da Cunha; Adriana Chaves de Oliveira Ruback; Luiza Cosendey Souza.

FASAP

Enfermagem

Contatos: lucascarvalhofasap@gmail.com / (22) 99622-1279

**Resumo:** O transtorno bipolar, anteriormente denominado psicose maníaco-depressiva, configura-se como uma condição psiquiátrica crônica e recorrente, caracterizada por oscilações marcantes de humor que vão da euforia extrema à depressão profunda. Nas últimas décadas, houve um crescimento significativo no número de diagnósticos dessa condição, fato que suscitou debates clínicos

e acadêmicos sobre critérios diagnósticos, comorbidades e abordagens terapêuticas. À luz do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*, quinta edição (DSM-5), o transtorno bipolar é melhor compreendido como um espectro com variações sintomatológicas e funcionais, demandando avaliação clínica cuidadosa. Este ensaio propõe-se a discutir a epidemiologia, as características clínicas e os critérios diagnósticos do transtorno bipolar com base no DSM-5, articulando essas informações com a relevância do diagnóstico precoce e preciso. A prevalência do transtorno bipolar varia conforme a subtipificação diagnóstica. Estudos epidemiológicos internacionais indicam que aproximadamente 1% a 2% da população mundial apresenta transtorno bipolar tipo I ao longo da vida, enquanto o tipo II acomete cerca de 0,4% a 1,1% da população (Merikangas et al., 2011). No Brasil, pesquisas apontam para prevalência semelhante, embora fatores socioeconômicos, acesso à saúde mental e estigma ainda dificultem a obtenção de dados precisos. A condição afeta igualmente homens e mulheres, embora a sintomatologia possa apresentar variações de gênero, como maior incidência de episódios depressivos em mulheres e de episódios maníacos em homens. O início do transtorno ocorre tipicamente entre o final da adolescência e o início da vida adulta, sendo incomum sua manifestação após os 50 anos de idade. Importante salientar que, apesar da ampla ocorrência, o diagnóstico frequentemente é retardado — em média, pode levar até dez anos após o primeiro episódio para ser estabelecido corretamente, devido à sobreposição sintomática com outras condições psiquiátricas, como o transtorno depressivo maior e os transtornos de personalidade. O DSM-5 classifica o transtorno bipolar em três categorias principais: transtorno bipolar tipo I, transtorno bipolar tipo II e transtorno ciclotímico. No tipo I, é necessário que o indivíduo tenha apresentado pelo menos um episódio maníaco, podendo ou não ter ocorrido episódios depressivos. O episódio maníaco, por sua vez, é definido por um período de pelo menos uma semana de humor anormal e persistentemente elevado, expansivo ou irritável, acompanhado de três (ou quatro, se o humor for apenas irritável) dos seguintes sintomas: aumento da autoestima ou grandiosidade, diminuição da necessidade de sono, maior loquacidade, fuga de ideias, distraibilidade, aumento da atividade dirigida a objetivos e envolvimento excessivo em atividades com potencial para consequências dolorosas. O transtorno bipolar tipo II, diferentemente do tipo I, requer a ocorrência de pelo menos um episódio hipomaníaco e um episódio depressivo maior. A hipomania possui critérios semelhantes aos da mania, mas com menor intensidade e duração (mínimo de quatro dias), não ocasionando prejuízo funcional grave nem necessitando de hospitalização. O transtorno ciclotímico, por sua vez, caracteriza-se por flutuações crônicas de humor, com sintomas hipomaníacos e depressivos que não preenchem os critérios completos para os episódios típicos, durante pelo menos dois anos (um ano em crianças e adolescentes). O DSM-5 também

introduz especificadores para o transtorno bipolar, como "com características mistas" e "com ciclagem rápida", que contribuem para uma avaliação mais precisa da gravidade e da complexidade do quadro clínico. As características mistas ocorrem quando há sintomas depressivos significativos durante um episódio maníaco, ou vice-versa, o que pode aumentar o risco de suicídio. A ciclagem rápida é definida pela ocorrência de quatro ou mais episódios de humor ao longo de um ano. O transtorno bipolar é uma condição psiquiátrica complexa que exige uma abordagem multidimensional, envolvendo avaliação clínica criteriosa, diagnóstico diferencial e estratégias terapêuticas personalizadas. O DSM-5 fornece um arcabouço robusto para o reconhecimento dos diferentes espectros desse transtorno, mas a prática clínica evidencia desafios persistentes, como o subdiagnóstico, a alta taxa de comorbidades (particularmente com transtornos de ansiedade e abuso de substâncias) e a necessidade de estratégias preventivas. Além disso, a compreensão da epidemiologia do transtorno é essencial para o desenvolvimento de políticas públicas eficazes em saúde mental, sobretudo em contextos onde o acesso ao cuidado especializado ainda é restrito. Ao lançar luz sobre as especificidades clínicas e diagnósticas do transtorno bipolar, este ensaio reitera a importância de uma abordagem integrada, centrada no sujeito e fundamentada em evidências, como caminho para o cuidado em saúde mental mais eficaz, humanizado e sustentável.

**Palavras-chave:** Transtorno Bipolar; DSM-5; Saúde Mental; Transtornos de Humor.

## **ENTRE COPOS E CONFLITOS: CAMINHOS PARA O CONTROLE E A CESSAÇÃO DO ALCOOLISMO NA CONTEMPORANEIDADE**

Gabriela da Conceição Nascimento; Lara da Silva Curty; Samyle Yasmim Santos Oliveira; Hérica Vitória dos Santos; Vanessa Gutterres Silva; Adriana Chaves de Oliveira Ruback; Luiza Cosendey Souza.

FASAP

Enfermagem

Contatos: gabrielan399@gmail.com / (22) 99950-1322

**Resumo:** O alcoolismo constitui uma das mais persistentes e complexas problemáticas de saúde pública na atualidade, com implicações que ultrapassam a esfera individual e alcançam dimensões sociais, econômicas e culturais. Classificado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como um transtorno mental e comportamental decorrente do uso nocivo do álcool, o alcoolismo demanda estratégias multidimensionais que abarquem tanto a prevenção quanto

o tratamento e a reabilitação. Nesse sentido, discutir o controle e a cessação do alcoolismo implica compreender seus determinantes biopsicossociais, bem como propor políticas e práticas que promovam a saúde integral dos indivíduos afetados. A persistência do consumo abusivo de bebidas alcoólicas, especialmente em contextos de vulnerabilidade social, evidencia a necessidade de se adotar uma abordagem sistêmica. Entre os principais fatores de risco associados ao alcoolismo estão a predisposição genética, transtornos mentais concomitantes, ambiente familiar disfuncional, pressão social e facilidade de acesso às substâncias alcoólicas. Tais elementos, quando combinados, criam um cenário propício à dependência, que frequentemente é invisibilizada ou romantizada pela cultura popular. No que se refere ao controle do alcoolismo, é essencial destacar a importância de políticas públicas eficazes e sustentáveis. A tributação de bebidas alcoólicas, a restrição de propagandas e a regulamentação rigorosa dos pontos de venda são medidas que se mostraram eficazes em diversos países no controle do consumo per capita. Além disso, campanhas educativas contínuas, voltadas principalmente para jovens e adolescentes, são fundamentais para a construção de uma cultura de prevenção. Contudo, controlar não é sinônimo de cessar. A cessação do alcoolismo exige intervenções clínicas e psicossociais específicas. Programas de reabilitação, baseados em evidências científicas, como a terapia cognitivo-comportamental, os grupos de apoio mútuo (como os Alcoólicos Anônimos), e o uso de medicamentos adjuvantes, representam alternativas viáveis e necessárias. Importa, ainda, promover a reinserção social do indivíduo em tratamento, garantindo apoio psicológico, oportunidades de trabalho e fortalecimento dos vínculos familiares, componentes indispensáveis para evitar recaídas. A atuação da rede de atenção psicossocial, sobretudo no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), é determinante nesse processo. Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e equipes da Estratégia de Saúde da Família devem ser capacitados para identificar precocemente casos de abuso e dependência, oferecendo cuidado contínuo e humanizado. No entanto, ainda são evidentes as lacunas na cobertura, no financiamento e na qualificação profissional, o que dificulta a efetividade das ações. Ademais, não se pode negligenciar o estigma social associado ao alcoolismo, que frequentemente inibe a busca por ajuda. É preciso desconstruir a visão moralizante sobre a dependência química e reconhecê-la como uma condição médica e social que exige empatia, acolhimento e compromisso coletivo. A promoção de uma sociedade mais informada e sensível ao sofrimento psíquico é condição sine qua non para a construção de ambientes mais saudáveis e inclusivos. Em suma, o controle e a cessação do alcoolismo não podem ser compreendidos como metas isoladas, mas como um processo contínuo, que demanda a articulação entre Estado, sociedade civil, profissionais de saúde e indivíduos afetados. Somente por meio de uma abordagem integral, interdisciplinar e sustentada por

evidências será possível enfrentar, de forma eficaz, essa que é uma das mais desafiadoras epidemias silenciosas do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Alcoolismo; Saúde Pública; Tratamento; Políticas Públicas; Reabilitação.

## **CICATRIZES INVISÍVEIS: A EPIDEMIA SILENCIOSA DA VIOLÊNCIA AUTOINFLIGIDA ENTRE JOVENS**

Jussara de Souza Barbosa; Nayra Silva Oliveira Sanches; Laura Barreto da Costa Rodrigues; Tiago Goulart Cruz; Enoghalliton de Abreu Arruda; Luiza Cosendey Souza; Arandir de Souza Carvalho.

FASAP

Enfermagem

Contatos: [nayrasanches4@gmail.com](mailto:nayrasanches4@gmail.com) / (22) 99246-5003

**Resumo:** A violência autoinfligida, comumente representada pela prática da automutilação, constitui um fenômeno crescente e alarmante no cenário contemporâneo, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos. Embora historicamente associada a quadros psicopatológicos graves, como o transtorno de personalidade borderline, a automutilação atualmente ultrapassa as fronteiras diagnósticas e emerge como um sintoma do sofrimento psíquico generalizado de uma geração atravessada por pressões sociais, instabilidades emocionais e isolamento afetivo. A Organização Mundial da Saúde (OMS) classifica a violência autoinfligida como qualquer comportamento deliberado que cause dano ao próprio corpo, com ou sem intenção suicida. A automutilação, nesse contexto, aparece como uma forma de enfrentamento emocional mal adaptada, na qual o indivíduo busca alívio para dores psicológicas intensas por meio de lesões corporais autoinfligidas, como cortes, queimaduras ou arranhões. Este comportamento, muitas vezes silencioso e oculto, representa não apenas um pedido de ajuda, mas também um reflexo de um déficit nas redes de apoio emocional e na capacidade de simbolização do sofrimento. Fatores individuais e sociais contribuem para a prevalência da automutilação. Entre eles, destacam-se o histórico de abuso físico ou sexual, negligência parental, bullying, baixa autoestima, transtornos psiquiátricos e o uso problemático das redes sociais. Particularmente, o ambiente digital tem se mostrado um espaço ambivalente: ao mesmo tempo que pode oferecer suporte e compartilhamento de experiências, também pode promover conteúdos que romantizam ou incentivam a autolesão, reforçando ciclos de sofrimento. A adolescência, fase marcada por transformações biológicas, cognitivas e sociais intensas, configura-se como um período de especial vulnerabilidade. A carência de mecanismos saudáveis de

regulação emocional e de espaços seguros para a expressão de sentimentos faz com que muitos adolescentes recorram à automutilação como uma tentativa de lidar com a dor psíquica, controlar emoções intensas ou sentir-se “vivos” diante da apatia emocional. Entretanto, o combate à violência autoinfligida não se restringe ao tratamento individualizado. É necessário um olhar ampliado que contemple intervenções interdisciplinares e políticas públicas eficazes. Programas de prevenção devem envolver escolas, serviços de saúde mental, famílias e a comunidade em geral. A promoção da saúde emocional, o fortalecimento dos vínculos afetivos, o treinamento de professores para identificação precoce de sinais de sofrimento e a ampliação do acesso a serviços psicológicos são medidas fundamentais. Além disso, é urgente combater o estigma que recai sobre indivíduos que se automutilam. Muitas vezes, são taxados de “dramáticos” ou “manipuladores”, o que contribui para o seu isolamento e agravamento do quadro. A escuta empática, a validação do sofrimento e o acolhimento sem julgamentos são práticas essenciais para a construção de estratégias de cuidado e ressignificação da dor. Em suma, a automutilação é mais do que um ato de violência contra o próprio corpo; é a expressão de uma subjetividade ferida, clamando por sentido, compreensão e pertencimento. Enfrentar esse fenômeno demanda sensibilidade, compromisso ético e articulação entre saberes, práticas e políticas. Apenas assim será possível transformar cicatrizes invisíveis em marcas de superação e cuidado.

**Palavras-chave:** Automutilação; Violência Autoinfligida; Adolescência; Sofrimento psíquico.

## **TRANSTORNOS MENTAIS INDUZIDOS POR SUBSTÂNCIAS FARMACOLÓGICAS E O DSM-5**

Lorena Ferreira dos Santos Sales; Bruna Ferreira da Silva; Thayan Ferreira Azevedo de Ávila; Camilly Celestino Dias; Arandir de Souza Carvalho; Marcelo do Espírito Santo Campello; Dinart Rocha Filho.

FASAP

Enfermagem

Contatos: lorenasales468@gmail.com / (22) 99775-8712

**Resumo:** A farmacoterapia representa uma das abordagens terapêuticas mais eficazes no tratamento de transtornos mentais. Contudo, paradoxalmente, o uso de determinados medicamentos pode, em certas circunstâncias, ser responsável pela gênese ou exacerbação de sintomas psiquiátricos. A quinta edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5), publicada pela American Psychiatric Association, reconhece formalmente a existência dos



chamados *transtornos mentais induzidos por substâncias/medicamentos* (Substance/Medication-Induced Mental Disorders), classificando-os como entidades clínicas distintas e passíveis de diagnóstico específico. Essa categoria diagnóstica lança luz sobre a complexa interface entre psicofarmacologia e psicopatologia, apontando para a necessidade de vigilância clínica constante na prescrição e acompanhamento de fármacos com potencial psicotrópico. De acordo com o DSM-5, os transtornos mentais induzidos por substâncias incluem, entre outros, episódios depressivos, ansiosos, psicóticos, maníacos, delirantes, do sono, sexuais, entre outros, que se manifestam como resultado direto do uso recente ou abstinência de substâncias psicoativas ou medicamentos. Essa distinção é essencial para que não se atribuam equivocadamente tais manifestações a transtornos primários, cuja etiologia independe de agentes externos. Para fins diagnósticos, é necessário que os sintomas surjam durante ou logo após a exposição à substância ou medicamento e que a substância seja capaz, do ponto de vista farmacológico, de produzir os sintomas observados. Medicamentos comumente associados à indução de sintomas psiquiátricos incluem corticosteroides, antiparkinsonianos, antiepilépticos, benzodiazepínicos, antibióticos de amplo espectro, e até mesmo fármacos utilizados para tratamento de transtornos psiquiátricos, como antidepressivos e antipsicóticos, que podem gerar efeitos adversos paradoxais. Por exemplo, corticosteroides sistêmicos são amplamente documentados como gatilhos para quadros de mania, depressão e psicose. Da mesma forma, o uso inadequado de benzodiazepínicos pode resultar em quadros de despersonalização, confusão mental, e, na descontinuação abrupta, em crises de ansiedade intensa e sintomas psicóticos transitórios. O diagnóstico diferencial entre um transtorno mental primário e um induzido por substâncias demanda uma avaliação clínica criteriosa, anamnese detalhada, e análise temporal dos sintomas em relação ao uso do agente farmacológico. A ausência de história psiquiátrica prévia, a relação temporal estreita entre exposição e sintomas, bem como a reversibilidade parcial ou total do quadro após a suspensão da substância, são pistas diagnósticas relevantes. Além disso, os transtornos induzidos por medicamentos impõem desafios éticos e legais à prática clínica. A iatrogenia, definida como qualquer condição adversa causada por intervenção médica, adquire contornos particularmente sensíveis quando diz respeito à saúde mental, impactando diretamente a qualidade de vida dos pacientes e a adesão ao tratamento. Torna-se, portanto, imperativo que profissionais de saúde mental adotem estratégias de monitoramento ativo, educação do paciente e uso criterioso da farmacoterapia, visando minimizar os riscos de reações adversas psiquiátricas. Em suma, os transtornos mentais induzidos por medicamentos representam um campo de estudo e atenção clínica em expansão. A categorização proposta pelo DSM-5 proporciona um arcabouço conceitual e diagnóstico essencial para o reconhecimento dessas condições, promovendo abordagens terapêuticas mais seguras, personalizadas e baseadas

em evidências. Reconhecer a potencial dualidade dos medicamentos — como agentes terapêuticos e potenciais desencadeadores de sofrimento psíquico — é passo fundamental para uma psiquiatria mais ética, eficaz e centrada no paciente.

**Palavras-chave:** Transtornos Mentais Induzidos por Substâncias; Psicofarmacologia; DSM-5; Iatrogenia.

## **CUIDADOS DE ENFERMAGEM NA INTOXICAÇÃO EXÓGENA POR BENZODIAZEPÍNICOS À LUZ DO DSM-5**

Luciano Reis Corrêa; Igor Domingues Pegoraro; Sandro Costa Meirelles; Lázaro Rodrigues Penna; Vanessa Gutterres Silva, Arandir de Souza Carvalho; Marcelo do Espírito Santo Campello; Luciano Assis de Souza.

FASAP

Enfermagem

Contatos: lreis.23@hotmail.com / (22) 99928-2206

**Resumo:** Os benzodiazepínicos são fármacos largamente prescritos no tratamento de transtornos de ansiedade, insônia e convulsões, sendo valorizados por sua eficácia ansiolítica, hipnótica e relaxante muscular. Contudo, seu alto potencial de abuso e dependência, associado à ampla disponibilidade, eleva o risco de intoxicação exógena, intencional ou acidental. De acordo com o *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Fifth Edition (DSM-5)*, o uso indevido de sedativos, hipnóticos ou ansiolíticos pode culminar em transtornos relacionados ao uso de substâncias, incluindo episódios de intoxicação com repercussões clínicas significativas. Nesse contexto, o enfermeiro, enquanto profissional da linha de frente no atendimento emergencial, desempenha papel essencial na avaliação, estabilização e monitoramento desses pacientes. O DSM-5 classifica a intoxicação por sedativos, hipnóticos e ansiolíticos como um quadro caracterizado por alterações comportamentais ou psicológicas clinicamente significativas, como apatia, fala arrastada, incoordenação motora, dificuldade de concentração e comprometimento da memória recente. Em casos graves, pode haver depressão respiratória e coma. A avaliação criteriosa desses sintomas pelo profissional de saúde é fundamental para um diagnóstico rápido e eficaz. O histórico de uso, a quantidade ingerida, o tempo de exposição e a presença de comorbidades psiquiátricas ou uso concomitante de outras substâncias devem ser considerados no planejamento do cuidado. O cuidado de enfermagem ao paciente intoxicado por benzodiazepínicos exige abordagem centrada na estabilização clínica imediata e na vigilância contínua dos sinais vitais, com ênfase na função respiratória.

Monitoramento intensivo é essencial devido ao risco de depressão do sistema nervoso central. Deve-se assegurar a permeabilidade das vias aéreas, administrar oxigenoterapia, se necessário, e preparar-se para suporte ventilatório. A administração de flumazenil, antagonista específico dos benzodiazepínicos, pode ser indicada, embora seu uso exija precaução, especialmente em pacientes com histórico de convulsões ou uso crônico da medicação. O enfermeiro deve observar possíveis efeitos adversos dessa intervenção, como arritmias ou crise convulsiva, e manter atenção a reações paradoxais. Além dos cuidados físicos, a enfermagem deve atentar-se ao acolhimento emocional do paciente, considerando que muitas intoxicações exógenas decorrem de tentativas autolesivas. Nesse sentido, a escuta qualificada e o encaminhamento para avaliação psicológica ou psiquiátrica são fundamentais. A equipe de enfermagem deve garantir ambiente seguro e livre de estímulos nocivos, respeitando os princípios da bioética e os direitos do paciente. Após a estabilização do quadro agudo, o enfermeiro tem papel relevante na orientação do paciente e de seus familiares quanto aos riscos do uso abusivo de benzodiazepínicos. A educação em saúde, aliada ao planejamento da alta e ao encaminhamento para serviços de saúde mental, contribui para a prevenção de novos episódios. O vínculo terapêutico construído durante a internação pode ser um catalisador importante na adesão ao tratamento interdisciplinar. A intoxicação exógena por benzodiazepínicos é uma emergência médica complexa que exige atuação técnica, ética e empática da equipe de enfermagem. Com base nas diretrizes do DSM-5, é possível reconhecer precocemente os sinais clínicos da intoxicação, proporcionando intervenções assertivas. A atuação do enfermeiro ultrapassa os limites da técnica, englobando cuidado humanizado, educação em saúde e articulação com redes de apoio psicossocial, essenciais para uma abordagem integral e eficaz ao paciente intoxicado.

**Palavras-chave:** Benzodiazepínicos; Intoxicação Exógena; Enfermagem; DSM-5.

## **REFLEXÕES TEÓRICAS E CONCEITUAIS SOBRE A ESQUIZOFRENIA RESIDUAL E O DSM-5**

Lívia Ferreira Machado; Jamilly Pereira Ramos; Maria Eduarda Fagundes Constancio Campello; Monik Aparecida de Lima Guimarães; Patrícia Conceição da Cunha; Arandir de Souza Carvalho; Adriana Chaves de Oliveira Ruback

FASAP

Enfermagem

Contatos: ferreiralivia989@gmail.com / (22) 98874-6083

**Resumo:** A esquizofrenia é um transtorno mental crônico e severo que afeta significativamente o pensamento, a percepção, as emoções e o comportamento do indivíduo. Dentre as manifestações clínicas do transtorno, destaca-se uma forma particular e menos debatida: a esquizofrenia residual. Embora o termo "esquizofrenia residual" tenha sido oficialmente descontinuado na quinta edição do *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5), ele ainda se mantém como uma categoria de análise clínica e teórica relevante para a compreensão da trajetória longitudinal da doença. Este texto tem como objetivo refletir criticamente sobre os fundamentos conceituais da esquizofrenia residual, considerando os avanços propostos pelo DSM-5 e as implicações clínicas de uma condição marcada, paradoxalmente, pela ausência de sintomas positivos intensos. Tradicionalmente, a esquizofrenia residual referia-se a um estágio do transtorno em que os sintomas psicóticos agudos, como delírios e alucinações, encontravam-se substancialmente atenuados ou ausentes, enquanto os sintomas negativos — como embotamento afetivo, alogia, avolição e retraimento social — permaneciam ou tornavam-se mais proeminentes. A quarta edição revisada do DSM (DSM-IV-TR) reconhecia essa forma como uma subcategoria diagnóstica específica. No entanto, o DSM-5, publicado em 2013, eliminou a subtipificação da esquizofrenia (paranoide, desorganizada, catatônica, indiferenciada e residual), considerando-a pouco confiável clinicamente e limitada em termos de validade diagnóstica e prognóstica. Apesar da retirada formal do termo "esquizofrenia residual", sua fenomenologia permanece relevante. O DSM-5 adota uma abordagem dimensional, priorizando a avaliação dos sintomas ao longo de um contínuo, com foco na gravidade dos domínios afetados. Essa mudança implica reconhecer que, em diferentes fases do curso da esquizofrenia, certos domínios sintomáticos — particularmente os negativos e os cognitivos — podem se tornar predominantes. Assim, a esquizofrenia residual pode ser compreendida não como uma categoria estanque, mas como um padrão persistente dentro de um espectro evolutivo. Do ponto de vista teórico, essa perspectiva remete à noção de "fase residual" no curso da esquizofrenia, conforme descrita em modelos clássicos de progressão da doença, como o de Bleuler e, posteriormente, o de Kurt Schneider. Essas abordagens enfatizavam a deterioração funcional progressiva e a perda de vitalidade subjetiva, frequentemente observadas após surtos psicóticos agudos. Na prática clínica contemporânea, a identificação de um estado residual é crucial para o planejamento terapêutico, especialmente em relação à reabilitação psicossocial e à prevenção de recaídas. Outro ponto central nas reflexões conceituais sobre a esquizofrenia residual é o impacto dos sintomas negativos sobre a funcionalidade global do indivíduo. Enquanto os sintomas positivos tendem a ser mais disruptivos e visíveis, os negativos são mais duradouros e refratários ao tratamento, gerando sérios prejuízos na autonomia, nas relações

interpessoais e na inserção ocupacional. O DSM-5, embora não classifique diretamente um tipo residual, reconhece a importância da avaliação contínua desses sintomas, por meio de escalas como o "Espectro da Gravidade dos Sintomas da Esquizofrenia". Ademais, a ausência de um episódio psicótico ativo não implica a remissão total do transtorno. Muitos pacientes permanecem em um estado crônico de comprometimento, caracterizado por uma redução expressiva da responsividade emocional e cognitiva. A compreensão dessa condição demanda uma abordagem interdisciplinar, que integre a psiquiatria, a psicologia clínica, a neurociência e a reabilitação psicossocial. Em suma, embora o DSM-5 tenha descontinuado a nomenclatura da esquizofrenia residual, sua essência permanece vital no entendimento do transtorno em sua totalidade. O conceito continua a fornecer uma lente interpretativa útil para compreender a heterogeneidade do curso clínico e a complexidade do sofrimento psíquico nos indivíduos afetados. Assim, o desafio contemporâneo está em superar os limites taxonômicos e avançar em direções terapêuticas que reconheçam a esquizofrenia não apenas como um conjunto de sintomas, mas como uma condição de existência marcada por múltiplas camadas de perda, adaptação e possibilidade de reconstrução.

**Palavras-chave:** Esquizofrenia Residual; Transtornos Psicóticos; DSM-5; Prognóstico.

## **FRAGMENTOS DO EU: REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE A ESQUIZOFRENIA EM CONFORMIDADE COM O DSM-5**

Lúcia Helena Rodrigues Henriques; Carina Mattos Paiva; Elias Rangel Bairral; Deivt Júnior dos Santos Ferreira; Vanessa Gutterres Silva; Marcelo do Espírito Santo Campello; Luciano Assis de Souza; Tonnya Cardoso Xavier Mendes.

FASAP

Enfermagem

Contatos: carinamattos906@gmail.com@gmail.com / (32) 99823-7103

**Resumo:** A esquizofrenia é uma condição psiquiátrica complexa, marcada por uma ruptura nas estruturas fundamentais da cognição, percepção e afeto. Este ensaio propõe uma reflexão teórica crítica sobre a esquizofrenia, abordando sua definição no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais – 5ª edição (DSM-5), bem como aspectos epidemiológicos, etiopatológicos e fisiopatológicos. A análise visa oferecer uma compreensão integrada e atualizada sobre um dos transtornos mais enigmáticos da psiquiatria. A

esquizofrenia continua a desafiar os paradigmas da psiquiatria moderna. Seu caráter multifatorial e sua apresentação heterogênea

dificultam uma compreensão unívoca, exigindo uma abordagem interdisciplinar. No DSM-5, a esquizofrenia é categorizada entre os transtornos do espectro da esquizofrenia e outros transtornos psicóticos, reconhecendo sua diversidade clínica e a necessidade de critérios diagnósticos mais refinados. Esta revisão teórica busca explorar os fundamentos contemporâneos que sustentam o entendimento do transtorno, desde sua distribuição populacional até os mecanismos neurobiológicos subjacentes. Estudos epidemiológicos indicam que a esquizofrenia afeta aproximadamente 0,3% a 0,7% da população mundial, segundo dados do DSM-5. A incidência tende a ser ligeiramente maior entre homens, com início mais precoce, geralmente entre os 15 e 25 anos. Entre mulheres, o início costuma ser mais tardio e menos abrupto. As diferenças de gênero, urbanização, fatores socioeconômicos e estressores psicossociais têm sido associados a variações na prevalência. A elevada carga de morbidade e os altos índices de comorbidade com depressão e abuso de substâncias tornam a esquizofrenia um problema de saúde pública significativo. A etiopatologia da esquizofrenia é multifatorial, envolvendo interações entre predisposições genéticas e fatores ambientais. Estudos de associação genômica ampla (GWAS) identificaram múltiplos loci relacionados à vulnerabilidade ao transtorno, especialmente genes ligados à neurotransmissão dopaminérgica, como o *COMT* e o *DRD2*. No entanto, fatores epigenéticos, infecções pré-natais, complicações obstétricas e exposição precoce ao estresse psíquico têm igualmente papel relevante no desencadeamento da doença. O modelo de vulnerabilidade-estresse permanece como o paradigma dominante para explicar sua origem. As teorias fisiopatológicas da esquizofrenia historicamente se concentraram na hipótese dopaminérgica, a qual postula hiperatividade da via mesolímbica como responsável pelos sintomas positivos, como delírios e alucinações. No entanto, abordagens mais recentes propõem uma disfunção glutamatérgica, particularmente envolvendo os receptores NMDA, além de alterações na conectividade sináptica e integridade de redes neurais. Achados de neuroimagem revelam alterações estruturais, como a redução do volume do hipocampo, córtex pré-frontal e tálamo, bem como disfunções em circuitos corticoestriatais. Tais evidências apontam para um transtorno sistêmico de integração neural. A esquizofrenia deve ser compreendida como um transtorno biopsicossocial complexo, que transcende os limites da definição nosológica. Embora os critérios do DSM-5 tenham contribuído para maior precisão diagnóstica, ainda se impõe a necessidade de avançar na identificação de marcadores biológicos específicos e na construção de modelos mais integrativos. As reflexões teóricas aqui apresentadas reforçam a urgência de abordagens mais personalizadas e humanizadas, que levem em conta não

apenas os aspectos clínicos, mas também as dimensões subjetivas e sociais do sofrimento psíquico.

**Palavras-chave:** Esquizofrenia; DSM-5; Etiopatologia; Neurobiologia.

## REFLEXÕES SOBRE O DELIRIUM NA POPULAÇÃO IDOSA

Brenda Rodrigues da Silva Pedra; Samara Lopes Evangelista; Millena Miguez Reder; Inácio Moura Barrias da Silva; Arandir de Souza Carvalho; Johan Reis de Carvalho; Luciano Assis de Souza; Tonnya Cardoso Xavier Mendes.

FASAP

Enfermagem

Contatos: brendarodriguesa8@gmail.com / (22) 99796-8221

**Resumo:** O envelhecimento populacional é um fenômeno global que impõe novos desafios à saúde pública, especialmente no campo da saúde mental. Nesse contexto, o *delirium* — definido pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*, quinta edição (*DSM-5*) — configura-se como um transtorno neurocognitivo agudo, de início súbito, caracterizado por alterações na atenção, consciência e cognição. A alta prevalência do delirium entre idosos hospitalizados e institucionalizados ressalta a urgência de compreendê-lo não apenas como uma entidade clínica isolada, mas como um fenômeno complexo, multifatorial e profundamente imbricado nas vulnerabilidades biopsicossociais do envelhecimento. O delirium é classificado como um transtorno neurocognitivo maior ou menor, com início agudo e curso flutuante, implicando uma perturbação na atenção (isto é, na capacidade de focar, sustentar ou mudar a atenção) e na consciência (redução da orientação ao ambiente). Essas alterações são acompanhadas de perturbações cognitivas adicionais, como déficits de memória, desorientação, linguagem incoerente e percepção alterada. A etiologia do delirium é geralmente multifatorial, incluindo causas médicas gerais, intoxicações, abstinência de substâncias ou múltiplos fatores combinados. A população idosa é particularmente suscetível ao delirium devido à interação de fatores predisponentes — como demência, polifarmácia, alterações sensoriais e comorbidades crônicas — e precipitantes, como infecções, internações hospitalares e cirurgias. A fisiopatologia do delirium permanece parcialmente compreendida, mas acredita-se que envolva disfunções na neurotransmissão colinérgica e dopaminérgica, neuroinflamação e alterações na atividade cerebral funcional, que se intensificam diante do declínio da reserva cognitiva associado ao envelhecimento. A identificação precoce do delirium em idosos é frequentemente dificultada por sua apresentação clínica polimórfica e, em muitos

casos, silenciosa. O tipo hipoativo, caracterizado por apatia e lentidão, é frequentemente confundido com depressão ou progressão de uma demência pré-existente. Essa dificuldade diagnóstica agrava-se em contextos hospitalares, onde a atenção tende a ser voltada para condições orgânicas agudas, relegando os aspectos neuropsiquiátricos a um plano secundário. Teoricamente, o delirium pode ser interpretado como uma ruptura transitória do self, onde a integridade da consciência e da identidade se desfaz diante da instabilidade neuroquímica e do colapso ambiental. Essa perspectiva permite compreender o transtorno não apenas como uma disfunção neurológica, mas como uma expressão extrema da vulnerabilidade existencial do idoso. O delírio, nesse sentido, atua como uma metáfora clínica do desencaixe do sujeito com a realidade, impulsionado por fragilidades orgânicas e psicossociais. Além disso, o manejo do delirium exige uma abordagem interdisciplinar centrada no paciente, que considere intervenções não farmacológicas como reorientação cognitiva, controle ambiental, suporte familiar e manejo cuidadoso da medicação. A prevenção, neste cenário, emerge como estratégia fundamental, requerendo vigilância contínua e capacitação das equipes de saúde para identificação de sinais precoces. O delirium na população idosa é um fenômeno clínico de alta complexidade, que transcende os limites da medicina orgânica para adentrar o campo da subjetividade, da fragilidade e da existência. Suas manifestações devem ser compreendidas à luz de uma abordagem holística e humanizada, que integre os conhecimentos teóricos do *DSM-5* com práticas clínicas sensíveis às singularidades do envelhecer. Refletir sobre o delirium é, portanto, pensar criticamente sobre os limites da consciência, da identidade e da presença, sobretudo quando estas se tornam tênues no cenário da velhice.

**Palavras-chave:** Delirium; Idosos; Transtorno Neurocognitivo; *DSM-5*; Saúde Mental do Idoso.

## **ENTRE ESPAÇOS E AFETOS: HUMANIZAÇÃO E AMBIÊNCIA NOS CENTROS DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL**

Giovana Fernandes Castilho; Victória Guimarães do Nascimento; Kaylane Vasconcelos de Oliveira;  
Enoghalliton de Abreu Arruda; Arandir de Souza Carvalho; Patrícia Conceição da Cunha; Dinart Rocha Filho.

FASAP

Enfermagem

Contatos: kaylanevasconcelos19@gmail.com / (22) 98146-1104

**Resumo:** A reforma psiquiátrica brasileira, especialmente após a promulgação da Lei nº 10.216/2001, desencadeou um processo de transformação nos modos



de cuidado em saúde mental, culminando na criação dos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) como dispositivos estratégicos de atenção territorializada e substitutiva ao modelo manicomial. Nesse contexto, a Política Nacional de Humanização (PNH), instituída pelo Ministério da Saúde em 2003, emerge como eixo transversal que orienta práticas de cuidado e gestão, colocando a humanização como elemento estruturante da atenção psicossocial. Entre os seus princípios, destaca-se o conceito de ambiência, que ultrapassa a dimensão física do espaço e abrange os modos de relação, acolhimento e subjetivação no cotidiano dos serviços. A ambiência, conforme definida pela PNH, refere-se à criação de espaços saudáveis, acolhedores e que favoreçam vínculos terapêuticos e protagonismo dos sujeitos. Nos CAPS, esse conceito adquire uma significação ainda mais ampla, uma vez que esses dispositivos se propõem a ser locais de cuidado intensivo em liberdade, articulando escuta qualificada, construção compartilhada de projetos terapêuticos e inclusão social. Nesse sentido, a ambiência não se restringe à adequação arquitetônica, mas compreende os arranjos simbólicos e relacionais que compõem o cotidiano institucional. Refletir teoricamente sobre a ambiência nos CAPS implica considerar a potência do espaço como produtor de subjetividades e de modos de vida. A configuração dos ambientes físicos pode tanto favorecer quanto dificultar o acolhimento, a autonomia e a corresponsabilização dos usuários no processo terapêutico. Ambientes despersonalizados, frios e hierarquizados tendem a reproduzir a lógica institucional excludente dos antigos hospitais psiquiátricos. Por outro lado, espaços que valorizam a circulação livre, o cuidado com a estética, a apropriação pelos usuários e a horizontalidade nas relações favorecem práticas mais éticas e singulares de cuidado. Nesse contexto, a humanização deve ser compreendida como um processo ético-político que atravessa a organização do serviço, a escuta dos profissionais e o protagonismo dos usuários. Isso implica romper com práticas tecnocráticas e instaurar um cuidado baseado na responsabilização compartilhada, na valorização dos saberes populares e na escuta sensível. A ambiência, portanto, atua como mediação concreta e simbólica desse processo, promovendo um espaço onde a saúde mental possa ser vivida como experiência de liberdade, pertencimento e reconstrução de laços sociais. Importante destacar que a humanização nos CAPS não se reduz a um conjunto de técnicas, mas exige uma mudança de paradigma, em que os sujeitos são reconhecidos em sua singularidade e complexidade. Tal perspectiva está alinhada aos princípios da PNH, como a inseparabilidade entre atenção e gestão, a transversalidade e a ampliação da autonomia dos sujeitos. Nesse sentido, a ambiência deve ser pensada como dispositivo clínico-político, capaz de produzir deslocamentos no modo de fazer saúde mental, desconstruindo práticas verticalizadas e instituindo outras formas de convivência, cuidado e cidadania. Em síntese, a reflexão sobre humanização e ambiência nos CAPS demanda uma análise crítica das práticas instituídas e

a criação constante de espaços éticos de cuidado. A partir da perspectiva da PNH, é possível afirmar que a ambiência humanizada não é um fim em si mesma, mas um meio para construir relações mais justas, afetivas e emancipadoras no campo da saúde mental. Dessa forma, os CAPS tornam-se não apenas lugares de tratamento, mas territórios vivos de produção de saúde, subjetividade e resistência à lógica da exclusão.

**Palavras-chave:** Humanização; Ambiência; Centros de Atenção Psicossocial; PNH.

## **ALÉM DA CURA: PARADIGMAS EMERGENTES NOS CUIDADOS PALIATIVOS PEDIÁTRICOS**

Jéssica de Abreu Arruda; Enoghalliton de Abreu Arruda; Andréa Rodrigues Von-Held; Marly Torres Rodrigues da Silva; Grazieli Borges Teixeira.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A concepção de cuidados paliativos em pediatria demanda um olhar ampliado e sensível, que transcenda a lógica biomédica centrada na cura e incorpore dimensões subjetivas, sociais, éticas e espirituais do cuidado. Enquanto os avanços tecnológicos da medicina contemporânea prolongam a vida de crianças com doenças crônicas ou ameaçadoras à vida, também evidenciam os limites terapêuticos e os desafios inerentes à promoção de qualidade de vida diante da terminalidade. Refletir teoricamente sobre os cuidados paliativos em pediatria é, portanto, um exercício de reconfiguração de paradigmas assistenciais, que exige não apenas conhecimento técnico, mas um compromisso ético com o alívio do sofrimento em sua complexidade. A origem dos cuidados paliativos remonta à medicina paliativista tradicional, inicialmente voltada ao paciente adulto com câncer. No entanto, sua transposição para o campo pediátrico não pode ser meramente adaptativa, devendo considerar as especificidades do desenvolvimento infantil, da comunicação com diferentes faixas etárias e da inserção da família como protagonista no processo de cuidado. Diferente do adulto, a criança depende da mediação dos pais ou cuidadores para expressar necessidades e participar das decisões, o que introduz dilemas éticos particulares, como o respeito à autonomia progressiva e o papel da escuta sensível. Conceitualmente, os cuidados paliativos pediátricos não se restringem ao momento final da vida, mas podem — e devem — ser

introduzidos precocemente no curso da doença, em paralelo a terapias modificadoras. A Organização Mundial da Saúde (OMS) destaca que esse cuidado deve começar no diagnóstico, sendo contínuo e integrado, com foco no conforto, no controle de sintomas e no suporte psicossocial e espiritual da criança e de sua família. Essa abordagem interdisciplinar pressupõe a colaboração entre médicos, enfermeiros, psicólogos, assistentes sociais, terapeutas ocupacionais, capelãos, entre outros profissionais, em um modelo de cuidado centrado na pessoa. No campo teórico, a bioética fornece arcabouço fundamental para a discussão dos cuidados paliativos pediátricos. Princípios como beneficência, não maleficência, autonomia e justiça precisam ser reinterpretados à luz da infância. A beneficência se traduz não apenas em fazer o bem médico, mas em proporcionar experiências significativas mesmo diante da finitude. A não maleficência impõe limites às intervenções fúteis, muitas vezes mantidas em nome da esperança terapêutica. A autonomia, por sua vez, convida à escuta ativa da criança, reconhecendo suas formas singulares de comunicação. Já a justiça convoca à equidade no acesso aos cuidados paliativos, ainda desigualmente distribuídos em diferentes contextos socioeconômicos. Por fim, é imprescindível destacar que os cuidados paliativos em pediatria convocam uma ética da presença. Trata-se de um cuidado que acolhe a incerteza, que valoriza a escuta e que reconhece a dignidade da criança em todas as fases de sua trajetória. É uma prática que se inscreve em um horizonte de sentido onde a cura, embora idealizada, não é o único desfecho desejável, e onde o bem-estar possível passa a ser o novo norte da intervenção. Assim, pensar teoricamente os cuidados paliativos em pediatria é aceitar o desafio de habitar zonas liminares entre a vida e a morte, entre a medicina e o afeto, entre a técnica e a escuta. É uma aposta ética e epistemológica em um cuidado que humaniza, que não abandona e que, mesmo diante da morte, continua a afirmar a vida em sua plenitude.

**Palavras-chave:** Cuidados Paliativos Pediátricos; Sofrimento Infantil; Interdisciplinaridade; Bioética; Qualidade de Vida.

## **O LAR COMO CENÁRIO DE CUIDADO: REFLEXÕES SOBRE O PARADIGMA PALIATIVO NO ÂMBITO DOMICILIAR**

Andréa Rodrigues Von-Held; Ana Carolina Imbeloni Mello; Karla Aparecida Carvalho Santos Costa; David Augusto Abrantes Teixeira Melo; Diego Nunes Silveira; Enoghalliton de Abreu Arruda; Ciro Cunha Daruich Tannus.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** Nas últimas décadas, os avanços biomédicos e o envelhecimento populacional contribuíram para o crescimento da demanda por cuidados paliativos, especialmente no contexto domiciliar. O cuidado paliativo, enquanto abordagem integral voltada à promoção da qualidade de vida diante de doenças ameaçadoras da vida, ganha nova significação quando transposto do ambiente hospitalar para o lar do paciente. Este texto propõe uma reflexão teórica e conceitual sobre os cuidados paliativos em home care, examinando os desafios, fundamentos éticos e implicações práticas dessa modalidade assistencial que tensiona os limites entre o cuidado técnico e o cuidado humano. O conceito de cuidados paliativos evoluiu significativamente desde sua formulação inicial por Cicely Saunders, na década de 1960, que introduziu a ideia de “dor total”, abarcando dimensões físicas, emocionais, sociais e espirituais do sofrimento. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define os cuidados paliativos como uma abordagem que melhora a qualidade de vida de pacientes e familiares, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento. Nesse sentido, o cuidado paliativo se distancia de uma visão exclusivamente curativa da medicina e aproxima-se de um paradigma centrado na dignidade do sujeito em processo de finitude. A inserção dos cuidados paliativos no ambiente domiciliar requer repensar o papel da casa como espaço terapêutico. No home care, o paciente deixa de ser um “corpo” hospitalizado para tornar-se sujeito de cuidado em seu território afetivo, o que reforça sua autonomia e subjetividade. O lar, enquanto lugar de pertencimento e memória, pode oferecer maior conforto emocional, facilitar o convívio familiar e contribuir para a humanização do processo de morrer. No entanto, essa modalidade impõe desafios significativos. A disponibilidade de recursos, a capacitação dos cuidadores informais e profissionais, bem como a necessidade de suporte contínuo e interdisciplinar, são aspectos centrais a serem considerados. Ademais, o cuidado domiciliar pode exacerbar desigualdades sociais e territoriais, exigindo políticas públicas que assegurem equidade no acesso a esse tipo de assistência. No contexto domiciliar, a ética do cuidado se manifesta de forma particularmente intensa. A proximidade física e emocional entre paciente, familiares e equipe de saúde requer um olhar atento às relações interpessoais, à escuta qualificada e à construção de vínculos. A comunicação transparente sobre o prognóstico e os desejos do paciente é essencial para a construção de planos de cuidado alinhados com seus valores e preferências. Além disso, os profissionais envolvidos devem estar preparados para lidar com dilemas morais complexos, como a limitação de intervenções invasivas, a sedação paliativa e o luto antecipatório. A formação ética e humanista torna-se, assim, indispensável para a qualificação do cuidado paliativo domiciliar. Os cuidados paliativos em home care representam uma inflexão paradigmática no modo como a sociedade contemporânea encara o sofrimento e a morte. Ao devolver ao lar sua centralidade como espaço de

cuidado, essa modalidade propõe uma reconfiguração do fazer em saúde, pautada na escuta, no respeito à autonomia e na promoção da dignidade humana. Contudo, para que essa prática se consolide de forma equânime e eficaz, é necessário investimento em políticas públicas, formação interdisciplinar e sensibilização da sociedade quanto à finitude da vida como parte inerente da existência.

**Palavras-chave:** Cuidados Paliativos; Home Care; Humanização; Terminalidade; Saúde Domiciliar; Interdisciplinaridade.

## **REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE CUIDADOS PALIATIVOS NA ADOLESCÊNCIA**

Jéssica de Abreu Arruda; Enoghalliton de Abreu Arruda; Andréa Rodrigues Von-Held; Josely Ferreira Ribeiro; Claudino Bartolazi Boechat; Wgner Mangiavacchi.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** Os cuidados paliativos emergem, desde seu desenvolvimento histórico, como uma abordagem interdisciplinar destinada a aliviar o sofrimento e melhorar a qualidade de vida de pacientes com doenças graves ou que ameaçam a continuidade da vida. No entanto, quando essa perspectiva é aplicada à adolescência, um período caracterizado por intensas transformações biopsicossociais, cognitivas e emocionais, as complexidades teóricas e conceituais tornam-se particularmente desafiadoras. Neste contexto, refletir sobre os fundamentos e os paradigmas que orientam os cuidados paliativos na adolescência é imprescindível para a construção de práticas clínicas sensíveis e éticas. Inicialmente, é crucial reconhecer que a adolescência é uma fase de transição marcada pela busca da identidade, autonomia e pela construção de projetos de vida. Esses aspectos tornam a vivência da doença grave especialmente conflituosa, uma vez que o enfrentamento da finitude e do sofrimento pode colidir com os anseios de independência e futuro dos jovens. Assim, os cuidados paliativos na adolescência não se restringem ao manejo dos sintomas físicos, mas envolvem uma abordagem integral que considera o sofrimento emocional, social e existencial, exigindo uma sensibilidade ampliada por parte dos profissionais. No plano teórico, a bioética desempenha um papel central na delimitação dos cuidados paliativos para adolescentes. Princípios como autonomia, beneficência, não maleficência e justiça precisam ser

interpretados à luz da capacidade decisória dos jovens, que está em desenvolvimento e pode variar conforme o contexto. A promoção da autonomia, por exemplo, deve ser equilibrada com o papel protetor da família e dos profissionais, configurando um processo dinâmico e dialógico que respeita o protagonismo do adolescente sem desconsiderar as suas vulnerabilidades. Ademais, a abordagem biopsicossocial torna-se fundamental na operacionalização dos cuidados paliativos. Os modelos tradicionais biomédicos, que enfatizam o controle da doença, revelam-se insuficientes frente à complexidade dos processos de adoecimento na adolescência. É necessário que as intervenções se articulem com estratégias de suporte psicológico, apoio familiar, e facilitação de redes sociais, reconhecendo que o sofrimento transcende o físico e repercute nas dimensões identitária e relacional do jovem. Outro aspecto conceitual relevante é a ressignificação do conceito de qualidade de vida no contexto dos cuidados paliativos adolescentes. A limitação funcional e as alterações corporais podem impactar significativamente a autoestima e a percepção do jovem sobre si mesmo, exigindo abordagens que valorizem a singularidade e as preferências individuais. A promoção da qualidade de vida, portanto, implica não apenas o alívio dos sintomas, mas o acolhimento dos desejos e valores do adolescente, viabilizando a construção de sentido mesmo diante da adversidade. Por fim, as reflexões sobre cuidados paliativos na adolescência apontam para a necessidade de formação especializada dos profissionais de saúde, capazes de dialogar com as nuances desse período e desenvolver práticas éticas, humanizadas e multidisciplinares. A inclusão do adolescente no processo decisório, o respeito à sua subjetividade e o suporte à família configuram pilares essenciais para a efetividade do cuidado paliativo. Em suma, os cuidados paliativos na adolescência desafiam as abordagens tradicionais e demandam uma compreensão ampliada que integre as dimensões física, psicológica, social e ética. A reflexão teórica sobre esses aspectos contribui para o avanço das práticas clínicas e para a promoção de um cuidado mais sensível e efetivo, que acompanhe o adolescente em sua jornada entre a vida e a esperança.

**Palavras-chave:** Cuidados Paliativos; Adolescência; Bioética; Desenvolvimento Psicossocial.

## **CUIDADOS PALIATIVOS E ANALGESIA: REFLEXÕES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A PRESCRIÇÃO RESPONSÁVEL E ESCALONADA PARA O ALÍVIO DA DOR**

Enoghalliton de Abreu Arruda; Marly Torres Rodrigues da Silva; Jéssica de Abreu Arruda; Leonardo Monteiro Teixeira; Grazieli Borges Teixeira; Ana Luiza Barcelos Ribeiro; Iasmym Rodrigues da Silva; Inara Márcia Rodrigues da Silva.

## FASAP

## Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** Os cuidados paliativos representam uma abordagem integral que visa a melhoria da qualidade de vida de pacientes com doenças graves e terminais, focando no alívio do sofrimento físico, psicológico e emocional. Nesse contexto, a analgesia desempenha papel fundamental, pois a dor é um sintoma frequente e debilitante. A reflexão teórica sobre os cuidados paliativos e a analgesia deve transcender o mero controle da dor para abarcar aspectos éticos, clínicos e farmacológicos que envolvem a escolha e o uso responsável dos analgésicos. Este texto busca discutir conceitualmente a importância da prescrição controlada e escalonada, além de apresentar considerações sobre os melhores analgésicos disponíveis para essa prática. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define cuidados paliativos como cuidados ativos e integrais para pacientes com doenças que ameaçam a continuidade da vida, com ênfase no controle da dor e outros sintomas, além do suporte psicológico e espiritual. Nesse cenário, a dor é compreendida não apenas como um fenômeno físico, mas como uma experiência multidimensional que impacta profundamente o sofrimento global do paciente. Assim, a analgesia deve ser abordada de forma holística, respeitando a individualidade e as necessidades específicas de cada paciente. A prescrição de analgésicos em cuidados paliativos demanda uma prática ética e técnica rigorosa. O uso indiscriminado ou inadequado pode ocasionar efeitos adversos graves, incluindo depressão respiratória, dependência e intolerância medicamentosa. Portanto, a administração de analgésicos deve seguir um protocolo escalonado, que respeite a intensidade da dor, as características do paciente e o princípio do menor dano possível. O modelo escalonado preconizado pela OMS, conhecido como "escada analgésica", propõe o uso gradual de medicamentos, começando por analgésicos não opioides, passando para opioides fracos e, finalmente, para opioides potentes, conforme a necessidade do controle da dor. Tal modelo favorece a personalização do tratamento e minimiza riscos associados ao uso precoce de opioides potentes. A escolha do analgésico ideal depende da avaliação criteriosa do tipo de dor (nociceptiva, neuropática ou mista), do perfil do paciente, da resposta clínica e dos efeitos colaterais. Analgésicos não opioides, como o paracetamol e os Anti-inflamatórios não Esteroides (AINEs), são eficazes em dores leves a moderadas e apresentam menor risco de dependência. Em casos de dores moderadas a intensas, os opioides fracos (ex.: codeína) e potentes (ex.: morfina, fentanil) são indispensáveis. Entretanto, a morfina é amplamente reconhecida como o "padrão-ouro" na analgesia paliativa devido à sua eficácia, disponibilidade e versatilidade de administração. O uso responsável da morfina exige

monitoramento contínuo para ajustes de dose e avaliação dos efeitos adversos. A prescrição responsável envolve uma série de etapas: avaliação detalhada da dor, escolha adequada do medicamento, dose inicial segura, monitoramento contínuo e ajuste progressivo conforme a resposta do paciente. O escalonamento deve considerar também intervenções não farmacológicas e o manejo interdisciplinar, promovendo um cuidado integral. Além disso, a comunicação clara com o paciente e familiares é essencial para o sucesso do tratamento, esclarecendo dúvidas e reforçando a importância do uso correto dos medicamentos. Os cuidados paliativos, ao integrarem a analgesia como eixo central, demandam reflexões teóricas e práticas que transcendem a simples administração de medicamentos. A prescrição controlada, escalonada e responsável é imperativa para garantir a eficácia no controle da dor, minimizar riscos e promover a dignidade do paciente. O desafio consiste em harmonizar conhecimento científico, ética e humanização, assegurando um alívio eficaz do sofrimento em consonância com os valores individuais e contextuais de cada paciente.

**Palavras-chave:** Cuidados Paliativos; Analgesia; Prescrição Responsável; Manejo da Dor; Escalonamento Analgésico.

## **DESPRESCRIÇÃO E A ÉTICA DO CUIDADO: REPENSANDO O USO DE BENZODIAZEPÍNICOS E OUTROS PSICOFÁRMACOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Andréa Rodrigues Von-Held; Ana Carolina Imbeloni Mello; Karla Aparecida Carvalho Santos Costa; David Augusto Abrantes Teixeira Melo; Diego Nunes Silveira; Enoghalliton de Abreu Arruda; Ciro Cunha Daruich Tannus.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A medicalização da vida contemporânea tem se revelado um fenômeno complexo, perpassando diversas dimensões da saúde, especialmente no campo da saúde mental. Os benzodiazepínicos e outros psicofármacos, embora úteis e necessários em determinadas condições clínicas, têm sido prescritos de forma frequente e, por vezes, indiscriminada, o que suscita reflexões profundas sobre os limites éticos e práticos do seu uso. Nesse contexto, a desprescrição emerge como uma estratégia fundamental para a promoção da saúde, o respeito à autonomia do paciente e a prevenção de danos associados ao uso prolongado ou inadequado desses medicamentos.



Conceitualmente, a desprescrição pode ser compreendida como o processo sistemático de revisão e suspensão gradual de medicamentos considerados desnecessários ou potencialmente prejudiciais, especialmente em pacientes polimedicados. No caso dos benzodiazepínicos, cuja ação farmacológica está associada à modulação do sistema nervoso central, destacam-se os riscos de dependência, tolerância, efeitos cognitivos adversos e a possibilidade de quedas, especialmente em populações vulneráveis como idosos. A desprescrição, portanto, não se reduz a um mero ato técnico, mas envolve uma reflexão ética sobre o equilíbrio entre benefícios e riscos, além do engajamento compartilhado entre profissional e paciente. A importância da prescrição responsável emerge, nesse cenário, como um imperativo ético e clínico. A prescrição responsável implica a adoção de critérios rigorosos para a indicação inicial, o monitoramento contínuo dos efeitos terapêuticos e adversos, e a avaliação periódica da necessidade da manutenção do tratamento farmacológico. A desprescrição, assim, é a continuidade lógica da prescrição responsável, um movimento que requer educação médica permanente, protocolos baseados em evidências e políticas de saúde que incentivem práticas sustentáveis e centradas no paciente. Além disso, a desprescrição é parte integrante de uma abordagem mais ampla que busca a não medicalização excessiva da vida cotidiana. A medicalização, entendida como a ampliação da definição de problemas pessoais e sociais em termos médicos, pode levar à patologização de experiências humanas naturais, ao uso desnecessário de medicamentos e à marginalização de intervenções não farmacológicas, como terapias psicossociais. Nesse sentido, a difusão da não medicalização requer uma mudança cultural, que valorize a escuta qualificada, o protagonismo do paciente e a integração de estratégias terapêuticas diversificadas. É fundamental também destacar que a desprescrição não pode ser entendida como a simples retirada de um medicamento, mas sim como um processo complexo que envolve planejamento, acompanhamento cuidadoso e suporte ao paciente para lidar com sintomas de abstinência e possíveis recaídas. A literatura aponta para a necessidade de protocolos graduais e individualizados, que considerem o contexto biopsicossocial e as particularidades de cada paciente. Em suma, as reflexões teóricas e conceituais sobre a desprescrição de benzodiazepínicos e outros psicofármacos apontam para um paradigma emergente no cuidado em saúde mental, que prioriza a racionalidade clínica, a ética do cuidado e a promoção da autonomia. O avanço desse paradigma depende da difusão de práticas responsáveis e da construção de um sistema de saúde que reconheça os limites do medicamento e valorize a pluralidade de abordagens terapêuticas. Assim, a desprescrição torna-se não apenas uma ferramenta técnica, mas um ato político e ético de resistência à medicalização excessiva e de valorização da saúde integral.

**Palavras-chave:** Desprescrição; Benzodiazepínicos; Psicofármacos; Prescrição Responsável; Medicalização.

## **MEDICALIZAÇÃO NA INFÂNCIA E A EMERGÊNCIA DA PRESCRIÇÃO RESPONSÁVEL**

Enoghalliton de Abreu Arruda; Leonardo Monteiro Teixeira; Jéssica de Abreu Arruda; Maria Aparecida Machado Orioli; Iasmym Rodrigues da Silva; Inara Márcia Rodrigues da Silva; Marly Torres Rodrigues da Silva; Claudino Bartolazi Boechat.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A medicalização da infância configura-se como um fenômeno multifacetado que ultrapassa a simples intervenção terapêutica, impondo-se como uma prática social e cultural que redefine comportamentos e experiências infantis sob a lógica biomédica. Segundo Illich (1977), a medicalização pode ser compreendida como um processo de expansão do controle médico sobre áreas da vida que anteriormente não eram enquadradas como problemas de saúde, o que, no contexto infantil, gera importantes discussões acerca dos limites entre cuidado e patologização. A infância, enquanto etapa do desenvolvimento humano marcada pela vulnerabilidade e pela construção da identidade, tem sido cada vez mais submetida a intervenções farmacológicas, o que demanda uma reflexão crítica sobre as implicações teóricas e éticas desse fenômeno. A abordagem biomédica, apesar de seus avanços inegáveis, tende a fragmentar o sujeito infantil, focando nos sintomas e desvios comportamentais, muitas vezes negligenciando fatores sociais, emocionais e culturais que influenciam o desenvolvimento. Conforme Conrad (2007), a medicalização pode levar à patologização de comportamentos considerados “normais” dentro do espectro do desenvolvimento infantil, como a hiperatividade ou a inquietude, classificando-os como transtornos e, conseqüentemente, impulsionando o uso indiscriminado de medicações psicotrópicas. Essa dinâmica contribui para uma redução da infância a um conjunto de diagnósticos e tratamentos, obscurecendo a complexidade e a singularidade da experiência infantil. Diante desse cenário, emerge a importância da prescrição responsável, que implica uma prática clínica fundamentada não apenas na evidência científica, mas também na escuta atenta do sujeito e no reconhecimento de sua condição integral. A prescrição responsável deve ser pautada na cautela e no discernimento ético, buscando evitar a medicalização desnecessária e promovendo alternativas terapêuticas que respeitem o desenvolvimento natural da criança. Tal abordagem exige um

diálogo interdisciplinar e a valorização do protagonismo familiar e comunitário, minimizando a dependência exclusiva da intervenção medicamentosa. A difusão da não medicalização ou da medicalização responsável reveste-se de importância estratégica para a saúde pública e para a formação de práticas clínicas mais humanizadas. Ao questionar a hegemonia do tratamento farmacológico como primeira opção, propõe-se a ampliação do olhar sobre as condições que afetam a infância, incorporando determinantes sociais, econômicos e culturais. Autores como Foucault (1975) alertam para a necessidade de compreender as relações de poder intrínsecas ao saber médico, sobretudo quando se materializam em práticas que disciplinam corpos e comportamentos infantis, ressaltando o caráter político da medicalização. Portanto, refletir teoricamente sobre a medicalização na infância é fundamental para desvelar os limites e possibilidades da intervenção médica, assim como para promover uma prática clínica ética e crítica. A promoção da prescrição responsável e da não medicalização constitui uma resposta necessária à supermedicalização, defendendo um cuidado que respeite a criança em sua integralidade e singularidade. Dessa forma, a sociedade pode avançar na construção de políticas e práticas que garantam o direito à saúde e ao desenvolvimento pleno da infância, sem reduzir suas experiências à mera dimensão biomédica.

**Palavras-chave:** Medicalização; Infância; Prescrição Responsável; Patologização da Infância.

## **A SARCOPENIA COMO FATOR DETERMINANTE NA PREVENÇÃO DE QUEDAS EM IDOSOS**

Enoghalliton de Abreu Arruda; Nério Reis Carneiro; Claudino Bartolazi Boechat; Maria Aparecida Machado Orioli; Wagner Luiz Ferreira Lima; Livia Zanoní Jalles; Josely Ferreira Ribeiro; Ana Carolina de Abreu Rolí Torres.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** O envelhecimento populacional é uma das mais marcantes transformações demográficas do século XXI, com implicações profundas para os sistemas de saúde, previdência social e qualidade de vida. Nesse contexto, as quedas em idosos representam um dos principais eventos adversos associados à perda de funcionalidade, aumento da morbimortalidade e institucionalização. Um dos fatores centrais na fisiopatologia desse fenômeno é

a sarcopenia, condição caracterizada pela perda progressiva e generalizada de massa muscular esquelética e força, associada ao envelhecimento. Este texto visa discutir a importância da sarcopenia como condição clínica relevante na etiologia das quedas em idosos, ressaltando sua identificação precoce e intervenção como estratégias fundamentais de prevenção. Reconhecida como doença pela Classificação Internacional de Doenças (CID-10: M62.84), a sarcopenia transcende a simples perda de massa muscular, englobando também alterações na qualidade do músculo, força e desempenho físico. Os critérios diagnósticos mais amplamente aceitos são os propostos pelo European Working Group on Sarcopenia in Older People (EWGSOP), que consideram três domínios principais: força muscular (avaliada principalmente pelo teste de preensão manual), massa muscular (por meio de bioimpedância elétrica ou densitometria) e desempenho físico (avaliado por testes como velocidade da marcha ou Short Physical Performance Battery - SPPB). A sarcopenia compromete a estabilidade postural, a capacidade de reação frente a perturbações do equilíbrio e a coordenação motora, todos fatores cruciais na prevenção de quedas. Estudos longitudinais demonstram que indivíduos com sarcopenia apresentam risco significativamente maior de quedas recorrentes, hospitalizações e perda de autonomia. A diminuição da força muscular, especialmente nos membros inferiores, reduz a capacidade de realizar atividades da vida diária, como levantar-se de uma cadeira ou subir escadas, o que favorece a dependência funcional e limitações sociais. Além disso, a sarcopenia frequentemente coexiste com outras síndromes geriátricas, como a osteopenia, a incontinência urinária e o comprometimento cognitivo, compondo um cenário multifatorial para as quedas. Cabe ressaltar que o processo de sarcopenia pode se iniciar de forma insidiosa, muitas vezes não sendo percebido nem pelo idoso nem pelos profissionais de saúde. Essa invisibilidade clínica aumenta o risco de quedas inesperadas e sem causa aparente, dificultando intervenções precoces. Portanto, a triagem para sarcopenia deve ser parte rotineira da avaliação geriátrica ampla. A prevenção de quedas em idosos exige abordagem multidimensional, na qual o manejo da sarcopenia ocupa papel central. Estratégias preventivas incluem a prescrição de exercícios resistidos supervisionados, os quais demonstraram eficácia comprovada na reversão parcial da perda de força e na melhora da capacidade funcional. Programas de treinamento multicomponente — que combinam exercícios de força, equilíbrio e mobilidade — são os mais indicados, especialmente quando adaptados às condições clínicas do idoso. A nutrição também é um componente vital na prevenção da sarcopenia. A ingestão adequada de proteínas (cerca de 1,2 a 1,5 g/kg/dia), associada à suplementação de vitamina D e aminoácidos essenciais, como a leucina, tem sido apontada como eficaz para manutenção e recuperação da massa muscular. Nesse contexto, a atuação conjunta de fisioterapeutas, nutricionistas, geriatras e educadores físicos torna-se essencial para o sucesso

da intervenção. Políticas públicas também desempenham papel importante ao promover ambientes seguros, programas comunitários de atividade física e capacitação de cuidadores e profissionais da atenção primária para o reconhecimento da sarcopenia e risco de quedas. A implementação de protocolos padronizados, como o “Programa de Prevenção de Quedas” da Organização Mundial da Saúde, pode ser fundamental na redução dos custos associados às quedas e na melhoria da qualidade de vida dos idosos. A sarcopenia configura-se como um dos principais determinantes da vulnerabilidade do idoso ao risco de quedas. Sua identificação precoce e tratamento adequado são fundamentais para preservar a autonomia, reduzir internações e promover o envelhecimento saudável. Ao integrar ações de rastreamento, reabilitação física e suporte nutricional, os profissionais de saúde podem não apenas mitigar os efeitos da sarcopenia, mas também atuar de forma eficaz na prevenção de quedas, um dos maiores desafios da saúde pública geriátrica contemporânea.

**Palavras-chave:** Sarcopenia; Quedas; Envelhecimento; Prevenção.

## **ENVELHECIMENTO ÓSSEO E QUALIDADE DE VIDA: A URGÊNCIA DA PREVENÇÃO DE FRATURAS EM IDOSOS**

Wagner Mangiavacchi; Gisele Ferrari Medeiros Branco; Enoghalliton de Abreu Arruda; Ana Cristina Carvalho Santos; Karla Aparecida Carvalho Santos Costa; Bruna de Aguiar Dias; Luanna Mel Vinhosa de Alencar.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** O processo de envelhecimento, embora natural, acarreta uma série de transformações fisiológicas que comprometem significativamente a integridade do sistema musculoesquelético. Entre as consequências mais preocupantes está a maior suscetibilidade a fraturas, especialmente em virtude da perda progressiva de massa óssea e da sarcopenia. A ocorrência de fraturas em idosos não representa apenas um desafio clínico, mas também um problema de saúde pública com implicações sociais, econômicas e emocionais profundas. Nesse contexto, a prevenção dessas lesões emerge como uma estratégia indispensável para preservar a funcionalidade, a autonomia e a qualidade de vida dessa população. As fraturas osteoporóticas, particularmente do quadril, da coluna vertebral e do punho, são as mais prevalentes entre os idosos e estão diretamente relacionadas à fragilidade óssea. Estima-se que, após uma fratura de quadril, apenas cerca de 40% dos pacientes recuperem completamente sua mobilidade prévia, enquanto uma parcela significativa torna-se dependente de cuidados de terceiros ou acaba institucionalizada. Além disso, a taxa de

mortalidade no primeiro ano após uma fratura de quadril pode ultrapassar 20%, evidenciando a gravidade do problema. A recorrência dessas fraturas é outro fator preocupante, especialmente quando medidas preventivas não são adotadas de forma precoce. Do ponto de vista fisiopatológico, o envelhecimento provoca uma remodelação óssea desequilibrada, em que a reabsorção supera a formação de tecido ósseo, culminando em doenças como a osteoporose. A deficiência de vitamina D, baixa ingestão de cálcio, sedentarismo e comorbidades como diabetes, doenças reumatológicas e neurológicas agravam o risco de fraturas. Ademais, o uso crônico de certos medicamentos, como corticosteroides, benzodiazepínicos e anticonvulsivantes, também contribui para o enfraquecimento ósseo e o aumento da propensão a quedas. Nesse cenário, estratégias de prevenção eficazes devem ser amplas e integradas, englobando ações de saúde pública, intervenções clínicas e mudanças no estilo de vida. A avaliação periódica da densidade mineral óssea por meio da densitometria, especialmente em mulheres pós-menopáusicas e homens acima de 70 anos, é uma ferramenta diagnóstica fundamental. A suplementação de cálcio e vitamina D, quando indicada, associada à prescrição de medicamentos antirreabsortivos ou anabólicos, pode reduzir significativamente a incidência de fraturas. Além disso, programas de atividade física adaptada — com foco em fortalecimento muscular, equilíbrio e coordenação motora — têm demonstrado eficácia na prevenção de quedas, um dos principais fatores desencadeantes de fraturas. A readequação do ambiente domiciliar também se mostra crucial, considerando que grande parte das quedas ocorre dentro de casa. Medidas como a instalação de barras de apoio, retirada de tapetes soltos, melhoria da iluminação e revisão de mobiliário contribuem para a segurança do idoso. Paralelamente, é essencial a realização de avaliações multidisciplinares periódicas, contemplando aspectos nutricionais, cognitivos, visuais e farmacológicos, com o intuito de identificar e corrigir fatores de risco. A importância da abordagem preventiva reside não apenas na mitigação dos impactos diretos das fraturas, mas também na promoção do envelhecimento ativo e saudável. Ao evitar hospitalizações prolongadas, cirurgias complexas e processos de reabilitação demorados, a prevenção de fraturas contribui para a sustentabilidade dos sistemas de saúde, reduz custos assistenciais e melhora os indicadores de qualidade de vida da população idosa. Além disso, o suporte psicossocial é indispensável para lidar com as repercussões emocionais e comportamentais após uma fratura, como a depressão, o medo de cair novamente e o isolamento social. Por fim, cabe destacar o papel da educação em saúde como eixo estruturante das políticas preventivas. Campanhas informativas, formação continuada de profissionais da saúde e inclusão de conteúdos relacionados ao envelhecimento ósseo nos currículos acadêmicos são estratégias que podem ampliar o alcance das ações preventivas. A conscientização de familiares e cuidadores também é fundamental para o êxito das intervenções, uma vez que o suporte social

influencia diretamente na adesão às recomendações clínicas. A prevenção de fraturas em idosos deve ser encarada como uma prioridade no enfrentamento dos desafios do envelhecimento populacional. A adoção de práticas preventivas eficazes representa um investimento na dignidade, na autonomia e na longevidade com qualidade, consolidando um modelo de cuidado centrado na promoção da saúde e na valorização da vida em todas as suas fases.

**Palavras-chave:** Envelhecimento; Fraturas; Prevenção; Qualidade de Vida.

## **RELEVÂNCIA DA RELIGIOSIDADE NOS CUIDADOS PALIATIVOS NA CONTEMPORANEIDADE**

Enoghalliton de Abreu Arruda; Marly Torres Rodrigues da Silva; Jéssica de Abreu Arruda; Ana Luiza Barcelos Ribeiro; Iasmym Rodrigues da Silva; Inara Márcia Rodrigues da Silva; Nério Reis Carneiro.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A abordagem dos cuidados paliativos, voltada para o alívio do sofrimento diante de doenças graves e incuráveis, tem se expandido para além do escopo biomédico, incorporando aspectos psicossociais, culturais e espirituais no cuidado ao paciente. Nesse contexto, a religiosidade — compreendida como a vivência prática de uma crença religiosa — tem ganhado crescente atenção como componente essencial para a promoção da saúde integral, sobretudo nos momentos finais da vida. Em uma sociedade plural e cada vez mais sensível à diversidade humana, reconhecer e integrar a religiosidade no plano terapêutico dos cuidados paliativos representa um passo importante na humanização da assistência em saúde. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define cuidados paliativos como uma abordagem que melhora a qualidade de vida de pacientes e seus familiares diante de doenças que ameaçam a continuidade da vida, por meio da prevenção e do alívio do sofrimento. Para tanto, torna-se indispensável considerar o ser humano em sua totalidade — corpo, mente e espírito. Nesse sentido, a dimensão espiritual, muitas vezes manifesta através da religiosidade, emerge como eixo estruturante para muitos indivíduos no enfrentamento da dor, do sofrimento e da iminência da morte. Estudos empíricos apontam que pacientes que vivenciam sua religiosidade de maneira ativa tendem a apresentar maior resiliência emocional, menor percepção de sofrimento e melhor aceitação do processo de finitude. A religiosidade nos cuidados paliativos funciona como um recurso simbólico capaz de oferecer sentido à experiência da doença e da morte. Para muitos pacientes,

a fé proporciona uma narrativa coerente que os ajuda a interpretar o sofrimento, a construir esperança e a manter vínculos afetivos mesmo diante da decadência física. O ato de orar, meditar, ou mesmo a presença de figuras religiosas, como capelães ou líderes espirituais, pode atuar como mediador de conforto existencial. A literatura científica tem demonstrado que intervenções que respeitam e integram os valores espirituais e religiosos do paciente favorecem não apenas o bem-estar subjetivo, mas também influenciam positivamente a adesão às práticas terapêuticas e o relacionamento com a equipe de saúde. Entretanto, é necessário distinguir religiosidade de espiritualidade, termos que embora frequentemente utilizados como sinônimos, possuem diferenças conceituais. A espiritualidade diz respeito à busca pessoal por significado, propósito e conexão com o transcendente, que pode ou não ser mediada por sistemas religiosos instituídos. A religiosidade, por sua vez, implica a vivência sistemática de práticas, rituais e doutrinas específicas de uma religião. Nos cuidados paliativos, ambos os conceitos são relevantes, mas a religiosidade possui implicações práticas mais imediatas, como a necessidade de respeitar restrições alimentares, práticas rituais no leito de morte, ou determinações específicas sobre procedimentos médicos, como transfusões ou doações de órgãos. A atuação da equipe de saúde diante da religiosidade do paciente exige sensibilidade cultural, escuta ativa e competência ética. Profissionais devem estar preparados para identificar necessidades religiosas, acolher demandas espirituais e encaminhar o paciente, quando necessário, a figuras religiosas de sua tradição. Essa postura não exige que o profissional compartilhe das mesmas crenças, mas sim que respeite o universo simbólico do outro, reconhecendo seu valor terapêutico. Negligenciar ou desconsiderar a religiosidade do paciente pode representar não apenas uma falha na assistência integral, mas uma forma sutil de violência simbólica, ao invalidar aquilo que para o paciente é fonte de sentido e dignidade. Outro aspecto relevante é o papel da religiosidade na família do paciente em cuidados paliativos. A fé pode ser um importante instrumento de enfrentamento para os entes queridos, ajudando-os a lidar com a antecipação da perda, a tomada de decisões difíceis e o luto. O suporte espiritual aos familiares contribui para a coesão do grupo, para a elaboração de despedidas mais significativas e para a construção de memórias afetivas que podem atenuar o sofrimento pós-perda. Dessa forma, cuidar da religiosidade nos cuidados paliativos não é apenas cuidar do paciente, mas também de sua rede de apoio, ampliando o escopo da atenção. Apesar dos avanços, ainda há lacunas importantes na formação dos profissionais de saúde em relação à religiosidade e espiritualidade. A ausência de conteúdos específicos sobre essas temáticas nos currículos de graduação e pós-graduação limita a capacidade dos profissionais de integrar essas dimensões ao cuidado clínico. Assim, urge a necessidade de inserção sistemática desses saberes na formação em saúde, promovendo uma prática mais sensível, ética e efetiva. Em síntese, a



religiosidade constitui um componente essencial na abordagem integral dos cuidados paliativos, oferecendo recursos subjetivos que fortalecem a dignidade, o alívio do sofrimento e a reconstrução de sentido diante da finitude. Considerar a religiosidade do paciente não é apenas uma questão de respeito à sua autonomia, mas um compromisso com a ética do cuidado e com a promoção de uma morte digna e humanizada. Ao reconhecer a espiritualidade como dimensão legítima da existência, os cuidados paliativos se aproximam de uma medicina verdadeiramente centrada na pessoa — não apenas no corpo que adoece, mas no ser humano que vive e, inevitavelmente, morre.

**Palavras-chave:** Religiosidade; Cuidados Paliativos; Espiritualidade; Saúde.

## O PROTOCOLO SPIKES E SUA ABORDAGEM EM CUIDADOS PALIATIVOS ONCOLÓGICOS

Maria Aparecida Machado Orioli; Wagner Luiz Ferreira Lima; Livia Zanoni Jalles; Josely Ferreira Ribeiro;  
Enoghalliton de Abreu Arruda; Gisele Ferrari Medeiros Branco;

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A comunicação médico-paciente constitui um dos pilares centrais da prática clínica, especialmente em contextos de elevada carga emocional, como os cuidados paliativos em oncologia. Nesse cenário, onde a cura não mais se apresenta como uma possibilidade, a abordagem terapêutica passa a ter como foco a promoção da qualidade de vida, o controle de sintomas e o suporte psicossocial. Entretanto, a transmissão de notícias difíceis – como a progressão da doença, a limitação de tratamento curativo ou a transição para os cuidados exclusivamente paliativos – é um dos momentos mais delicados da prática oncológica. Para lidar com tais situações com ética, humanidade e competência técnica, protocolos estruturados de comunicação, como o SPIKES, têm sido amplamente recomendados e adotados. O protocolo SPIKES, desenvolvido por Baile et al. (2000), oferece um guia sistematizado para a entrega de más notícias na prática clínica. A sigla representa seis etapas: *Setting up* (preparar o ambiente), *Perception* (avaliar a percepção do paciente), *Invitation* (obter permissão para compartilhar informações), *Knowledge* (transmitir o conhecimento), *Emotions* (reconhecer e responder às emoções) e *Strategy and Summary* (planejar e resumir os próximos passos). Embora esse protocolo seja aplicável a diversas especialidades médicas, sua importância torna-se ainda mais evidente no contexto dos cuidados paliativos oncológicos, onde a

comunicação transcende a simples transmissão de dados clínicos, assumindo papel terapêutico. A primeira etapa, *Setting up*, reforça a necessidade de criar um ambiente propício para o diálogo, livre de interrupções e com privacidade adequada. No cenário paliativo, isso é crucial para proporcionar um espaço acolhedor, no qual o paciente e seus familiares possam se sentir seguros e respeitados. A segunda etapa, *Perception*, permite ao profissional compreender o nível de entendimento e as expectativas do paciente sobre sua condição. Em oncologia, muitos pacientes já possuem alguma consciência sobre a gravidade de sua enfermidade, e esse reconhecimento pode direcionar a abordagem comunicativa de maneira mais sensível e eficaz. A etapa de *Invitation* representa um aspecto ético fundamental: respeitar o desejo do paciente quanto à quantidade e profundidade das informações que deseja receber. Essa conduta evita a imposição de uma realidade indesejada e preserva a autonomia do indivíduo. Já a fase de *Knowledge* orienta a transmissão da informação de forma clara, honesta e sem eufemismos, utilizando linguagem acessível e pausas estratégicas para permitir a assimilação do conteúdo. Em cuidados paliativos, a clareza comunicativa pode impactar diretamente o engajamento do paciente nas decisões sobre seu plano de cuidado. A quinta etapa, *Emotions*, talvez seja a mais desafiadora, pois exige do profissional sensibilidade para acolher as reações emocionais do paciente e validar seus sentimentos. Em contextos paliativos, em que a finitude da vida está em evidência, as respostas emocionais tendem a ser intensas, e o manejo empático dessas reações é essencial para fortalecer o vínculo terapêutico e minimizar o sofrimento. Por fim, a etapa de *Strategy and Summary* enfatiza a importância de oferecer um plano de cuidados claro, alinhado com os valores e objetivos do paciente, promovendo segurança e continuidade no processo assistencial. O uso sistemático do protocolo SPIKES nos cuidados paliativos oncológicos favorece não apenas a humanização da prática médica, mas também a tomada de decisões compartilhadas e a construção de relações de confiança entre profissionais, pacientes e familiares. Estudos apontam que a comunicação efetiva pode reduzir a ansiedade, melhorar a adesão ao tratamento e aumentar a satisfação com o cuidado recebido. Além disso, contribui para o bem-estar dos próprios profissionais de saúde, ao fornecer um roteiro que reduz a carga emocional e a insegurança frequentemente associadas à entrega de más notícias. Entretanto, a eficácia do protocolo SPIKES depende diretamente da capacitação dos profissionais de saúde. Ainda há lacunas significativas na formação médica quanto ao ensino estruturado de habilidades comunicacionais. Nesse sentido, a inclusão de treinamentos específicos em currículos acadêmicos e programas de educação continuada é imperativa. Além disso, o protocolo não deve ser visto como uma receita engessada, mas como uma estrutura flexível, adaptável às singularidades de cada paciente, contexto clínico e cultura. Em conclusão, o protocolo SPIKES representa uma ferramenta fundamental para a comunicação compassiva e

eficaz em cuidados paliativos oncológicos. Ao oferecer um roteiro ético e técnico para a transmissão de más notícias, contribui significativamente para a promoção da dignidade, autonomia e qualidade de vida do paciente em fase terminal. Sua aplicação, contudo, requer preparo, empatia e contínua reflexão sobre o papel da comunicação na construção de um cuidado verdadeiramente centrado na pessoa.

**Palavras-chave:** Comunicação Empática; Oncologia; Cuidados Paliativos; Protocolo SPIKES.

## **EDUCAÇÃO SEXUAL COMO PILAR DE SAÚDE PÚBLICA: A URGÊNCIA DA PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

Paulo César Bastos Freire; Enoghalliton de Abreu Arruda; Ana Cristina Carvalho Santos; Karla Aparecida Carvalho Santos Costa; Bruna de Aguiar Dias; Luanna Mel Vinhosa de Alencar; Gisele Ferrari Medeiros Branco; Ana Carolina de Abreu Roli Torres.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A educação em saúde nas escolas ocupa um papel central na promoção do bem-estar de crianças e adolescentes, contribuindo não apenas para a formação de hábitos saudáveis, mas também para a prevenção de doenças que impactam significativamente a saúde pública. Entre os temas mais sensíveis e urgentes está a prevenção das infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), um conjunto de doenças que afetam milhões de pessoas em todo o mundo e cuja disseminação é potencializada pela desinformação, pelo estigma e pela ausência de políticas educativas eficazes. Neste contexto, a escola se configura como um espaço estratégico para a implementação de ações educativas voltadas à sexualidade, ao autocuidado e à construção de uma cultura de prevenção. As ISTs incluem enfermidades como o HIV/Aids, sífilis, gonorreia, clamídia, HPV, entre outras, cujas consequências, quando não tratadas adequadamente, podem ser severas e duradouras. O crescimento das taxas de infecção, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos, denuncia uma lacuna na formação em saúde sexual que deveria ser suprida desde os primeiros anos da educação básica. Segundo dados de organismos internacionais, essa faixa etária está entre as mais vulneráveis, não apenas por fatores biológicos, mas também comportamentais e sociais, como a experimentação sexual precoce, a dificuldade de acesso a métodos de prevenção e o desconhecimento sobre os riscos envolvidos nas relações sexuais desprotegidas. Diante disso, a inserção de conteúdos sobre saúde sexual e reprodutiva nos currículos

escolares não deve ser encarada como uma pauta ideológica, mas sim como uma medida técnica e ética, amparada por evidências científicas e pelas diretrizes de órgãos como a Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF). Ambos os organismos reconhecem a educação sexual como um direito humano e um componente essencial do desenvolvimento integral, contribuindo para a redução das desigualdades de gênero, da violência sexual e da vulnerabilidade frente às ISTs. A escola, enquanto ambiente de formação crítica e cidadã, possui o potencial de desconstruir tabus, combater a desinformação e proporcionar aos estudantes um espaço seguro para o diálogo sobre sexualidade, consentimento, métodos contraceptivos e práticas sexuais seguras. No entanto, para que a educação em saúde seja efetiva, é necessário investimento em capacitação docente, produção de materiais didáticos adequados à faixa etária e respeito à diversidade cultural e identitária dos estudantes. A abordagem deve ser pautada na ciência, na empatia e no respeito, fugindo tanto da moralização quanto da omissão de informações fundamentais. Estudos indicam que jovens que recebem educação sexual de forma sistemática e qualificada tendem a iniciar a vida sexual mais tardiamente, fazem uso mais consistente de preservativos e apresentam menor incidência de infecções sexualmente transmissíveis. Além disso, desenvolvem habilidades para tomar decisões mais informadas sobre seus corpos e relações interpessoais. Tais evidências reforçam a ideia de que a prevenção não se limita à distribuição de preservativos ou à realização de campanhas pontuais, mas depende fundamentalmente de um processo educativo contínuo e integrado. Outro aspecto crucial é a articulação entre escola, família e serviços de saúde. A promoção da saúde sexual não pode recair unicamente sobre a instituição escolar, mas deve envolver todos os atores sociais responsáveis pela proteção e desenvolvimento dos adolescentes. É necessário, portanto, fortalecer políticas intersetoriais, criar espaços de escuta ativa e garantir o acesso universal a serviços de saúde sensíveis às especificidades juvenis. As secretarias de educação e saúde, em parceria com universidades e organizações da sociedade civil, têm papel fundamental na elaboração de programas que dialoguem com as realidades locais, respeitem os direitos humanos e tenham impacto mensurável na saúde da população. É imprescindível reconhecer que a prevenção de ISTs por meio da educação em saúde nas escolas não é apenas uma estratégia sanitária, mas também um compromisso com a justiça social e com o futuro das novas gerações. Em tempos de desinformação crescente e retrocessos em políticas públicas, reafirmar a centralidade da escola como espaço de promoção da saúde sexual é um imperativo ético e científico. Investir na formação de jovens conscientes, informados e capazes de fazer escolhas responsáveis é investir em uma sociedade mais saudável, equitativa e preparada para enfrentar os desafios do século XXI.

**Palavras-chave:** Educação em Saúde; Infecções Sexualmente Transmissíveis; Prevenção.

## **A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA O EXERCÍCIO PROFISSIONAL EM ENFERMAGEM**

Wagner Luiz Ferreira Lima; Lívia Zanoni Jalles; Clodoaldo Sanches Fófano; Enoghalliton de Abreu Arruda; Josely Ferreira Ribeiro; Nério Reis Carneiro; Gisele Ferrari Medeiros Branco.

FASAP

Enfermagem

Contatos: enoghalliton.arruda@hotmail.com / (32) 99806-9321

**Resumo:** A leitura constitui uma ferramenta essencial para a formação intelectual, ética e técnica dos indivíduos, sendo, portanto, um pilar fundamental no exercício das mais diversas profissões. No campo da enfermagem, essa prática assume um papel estratégico, pois não apenas contribui para o desenvolvimento do pensamento crítico, como também permite a atualização constante dos conhecimentos necessários para o cuidado em saúde. O contexto contemporâneo, marcado pela intensa produção e circulação de informações científicas, exige dos profissionais de enfermagem competências que extrapolam o domínio técnico e incluem a capacidade de interpretar, analisar e aplicar saberes em cenários dinâmicos e complexos. Dessa forma, a leitura crítica, reflexiva e sistemática deve ser entendida como uma prática permanente e indispensável à atuação competente e ética na enfermagem. Em primeiro lugar, destaca-se a leitura como meio de aquisição de conhecimentos teóricos que fundamentam a prática profissional. A enfermagem, enquanto ciência e arte do cuidar, baseia-se em teorias, princípios bioéticos e evidências científicas. A formação inicial, geralmente desenvolvida em instituições de ensino técnico ou superior, exige que o estudante assimile um amplo arcabouço conceitual que só pode ser apreendido por meio de leituras sistemáticas de manuais, artigos científicos, protocolos e diretrizes. A familiaridade com textos técnicos e científicos permite ao futuro enfermeiro construir um saber sólido, articulado com as necessidades da prática assistencial e alinhado às exigências dos sistemas de saúde. Nesse sentido, a leitura não se limita à compreensão literal do conteúdo, mas envolve a capacidade de relacionar informações, reconhecer diferentes pontos de vista teóricos e desenvolver uma postura investigativa diante dos fenômenos do cuidado. Além disso, a leitura contínua é indispensável à atualização profissional. A área da saúde está em constante transformação, com o surgimento de novas doenças, avanços tecnológicos, revisões de condutas clínicas e mudanças nas políticas públicas. Diante dessa realidade, a

enfermagem exige do profissional uma postura de educação permanente, orientada pela leitura crítica da literatura científica atualizada. O acesso a periódicos especializados, bases de dados internacionais e *guidelines* contribui para que o enfermeiro mantenha-se informado sobre práticas baseadas em evidências, o que, por sua vez, garante maior segurança, eficácia e qualidade na assistência prestada aos pacientes. A leitura sistemática também auxilia na identificação de lacunas no conhecimento, servindo como ponto de partida para investigações científicas e melhoria contínua das práticas de cuidado. Outro aspecto relevante da leitura na enfermagem diz respeito ao desenvolvimento do raciocínio clínico e da capacidade de tomada de decisão. A complexidade dos casos atendidos no cotidiano profissional exige que o enfermeiro seja capaz de interpretar sinais e sintomas, correlacionar dados clínicos e formular diagnósticos de enfermagem com precisão. Essa habilidade está diretamente relacionada à leitura prévia de casos clínicos, artigos científicos e experiências relatadas em literatura especializada. A análise crítica de textos auxilia na construção de um olhar mais abrangente sobre o paciente e suas necessidades, promovendo uma atuação mais empática, assertiva e resolutive. Ademais, a leitura de textos filosóficos, sociológicos e bioéticos amplia a compreensão do enfermeiro sobre os determinantes sociais da saúde e os aspectos subjetivos do cuidado, favorecendo uma prática mais humanizada. A leitura também se mostra fundamental no âmbito da comunicação profissional. A escrita e a leitura são competências interdependentes, e um enfermeiro que lê com frequência desenvolve maior clareza e precisão na produção de relatórios, prontuários e documentos institucionais. A linguagem técnico-científica, requerida nas instituições de saúde, exige domínio vocabular, coesão textual e rigor na transmissão de informações. Além disso, o hábito da leitura favorece a argumentação e a articulação do discurso em reuniões clínicas, apresentações científicas e interações multiprofissionais. Nesse contexto, a leitura extrapola o âmbito individual e contribui para a construção de uma enfermagem mais autônoma, crítica e atuante nos espaços decisórios da saúde. Por fim, é preciso destacar a leitura como instrumento de empoderamento profissional e valorização da enfermagem enquanto categoria. O conhecimento adquirido por meio da leitura permite ao enfermeiro posicionar-se diante das desigualdades e desafios que permeiam o campo da saúde, defendendo condições dignas de trabalho, políticas públicas inclusivas e práticas de cuidado baseadas na equidade. A leitura, ao ampliar horizontes e promover o pensamento crítico, transforma o profissional em sujeito ativo da transformação social. Encoraja o protagonismo na produção do saber, na gestão do cuidado e na luta por reconhecimento profissional. Em síntese, a leitura é

uma prática indispensável ao exercício da enfermagem, pois fundamenta a construção do conhecimento técnico-científico, promove a atualização contínua, favorece a tomada de decisão qualificada, aprimora a comunicação profissional

e fortalece a identidade da categoria. Em um cenário em que a qualidade do cuidado está diretamente ligada à competência dos profissionais, investir no desenvolvimento de uma cultura de leitura entre enfermeiros é promover a excelência na assistência em saúde. Trata-se, portanto, de um compromisso ético, educativo e transformador, que deve ser cultivado desde a formação inicial até o exercício pleno da profissão.

**Palavras-chave:** Leitura; Exercício Profissional; Conhecimento.

## **ACIDENTES DE TRABALHO ENVOLVENDO EXPOSIÇÃO A MATERIAL BIOLÓGICO**

Dinart Rocha Filho; Arandir Carvalho; Matheus Modesto; Caique Figueredo de Oliveira; Elisa Santos; João Pedro Gomes; Maria Eduarda Pereira Martins

FASAP

Enfermagem

Contatos: drfilho@hotmail.com (22) 981459295

**Resumo:** A promoção da qualidade de vida no trabalho em ambientes de saúde é fundamental para garantir o bem-estar físico, emocional e psicológico dos profissionais, especialmente aqueles expostos a materiais biológicos potencialmente infectantes. Este artigo revisa a literatura existente e discute aspectos essenciais relacionados à segurança no trabalho, incluindo o uso adequado de equipamentos de proteção individual (EPI), práticas de descarte de resíduos contaminados e estratégias de conscientização. A exposição a sangue, secreções e outros materiais biológicos pode levar a infecções por agentes como HIV e hepatites B e C, além de causar sofrimento psicológico. Ferramentas de prevenção, como o manuseio cuidadoso de materiais perfurocortantes e o descarte em recipientes específicos, desempenham papel crucial na redução de acidentes. A implementação de medidas de biossegurança, aliada à conscientização pública e à formação contínua, é essencial para minimizar riscos e promover ambientes de trabalho mais seguros. Apesar dos avanços, ainda existem lacunas no conhecimento sobre os mecanismos de transmissão e prevenção, reforçando a necessidade de investimentos em pesquisa e políticas de saúde ocupacional. Este estudo conclui que uma abordagem integrada, que envolva melhorias na gestão de resíduos, uso de equipamentos de proteção e educação dos profissionais, é vital para proteger a saúde dos trabalhadores e melhorar sua qualidade de vida no ambiente hospitalar, em tudo isso, um programa de prevenção de acidentes de trabalho com agentes biológicos só é realmente eficaz quando os próprios profissionais atuam como multiplicadores da conscientização sobre os fatores

de risco e passam a adotar, na prática, os métodos recomendados para a prevenção.

**Palavras chave:** Qualidade de vida no trabalho; Materiais biológicos; Equipamentos de proteção individual; Acidentes de trabalho; Biossegurança

## **UMA ABORDAGEM ERGONÔMICA**

### **A APLICAÇÃO DA NR17 NA PROMOÇÃO DA SAÚDE E SEGURANÇA DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM**

Dinart Rocha Filho; Arandir Carvalho; Matheus Modesto; Ana Clara Constante Pacheco, Daiana da Silva, Ediani Maria Martins de Mello, Emanuelle Gomes Medeiros, Stéfane de Paula

FASAP

Enfermagem

Contatos: (22) 981459295 [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com)

**Resumo:** A Norma Regulamentadora 17 (NR17) visa estabelecer parâmetros que permitam a adaptação das condições de trabalho às características psicofisiológicas dos trabalhadores, promovendo saúde, segurança e bem-estar no ambiente laboral. No contexto da enfermagem hospitalar, especialmente entre profissionais que atuam com pacientes totalmente dependentes, os riscos ergonômicos são amplificados, favorecendo o surgimento de lesões musculoesqueléticas (LME) e doenças ocupacionais. Este estudo aborda a importância da aplicação da NR17 na rotina dos profissionais de enfermagem, com ênfase na análise ergonômica do trabalho (AET), no uso de equipamentos adequados, treinamentos técnicos e práticas seguras de manipulação de pacientes. A literatura aponta que a sobrecarga física, os movimentos repetitivos e as posturas inadequadas estão entre os principais fatores de risco para a saúde dos trabalhadores dessa área. A implementação de medidas ergonômicas, como a correta altura de trabalho, uso racional de tecnologias assistivas, dimensionamento funcional adequado das atividades, somado ao apoio da equipe multiprofissional e à cultura organizacional, é essencial na eliminação de riscos e na construção de soluções colaborativas. Além disso, o cumprimento da NR17 contribui para a criação de ambientes mais seguros e humanizados, beneficiando tanto os trabalhadores quanto os pacientes. Assim, a ergonomia se apresenta como ferramenta essencial para a prevenção de agravos à saúde e para a promoção de condições dignas e sustentáveis no exercício da enfermagem hospitalar. O objetivo desse trabalho é ressaltar a importância do tema, entender os fatores de risco ergonômicos, investigar os



principais indicadores de comprometimento da saúde, detectar alternativas para mitigar os problemas e analisar formas de promover o bem-estar dos profissionais.

**Palavras-chave:** Ergonomia; NR17; Enfermagem; Lesões musculoesqueléticas; Saúde ocupacional.

## **SEGURANÇA NO TRABALHO: ANÁLISE DOS FATORES QUE INFLUENCIAM A OCORRÊNCIA DE ACIDENTES E LESÕES NO LOCAL DE TRABALHO**

Dinart Rocha Filho; Arandir Carvalho; Adriana Ruback; Amanda Castro; Kely de Paula; Maria Clara Bitencourte; Pablo Zeus Bitencourte; Rodrigo Machado

FASAP

Enfermagem

Contato [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com) (22) 981459295

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo principal identificar os fatores que contribuem para a ocorrência de acidentes e lesões em ambientes de trabalho, além de propor estratégias para aprimorar a segurança ocupacional. A pesquisa, de natureza bibliográfica, baseia-se em fontes como artigos acadêmicos, manuais institucionais e sites oficiais, consultados entre março e abril de 2025. A análise aborda ambientes como indústrias, construção civil e setores de serviços, onde os riscos variam de acordo com fatores físicos (iluminação, ventilação, ruído), técnicos (uso e manutenção de máquinas e equipamentos) e humanos (comportamento e capacitação dos trabalhadores). Destaca-se a importância das inspeções de segurança — periódicas, por demanda e de acompanhamento — como ferramentas fundamentais na identificação e controle de riscos. Adicionalmente, o trabalho apresenta os procedimentos de emergência, como os descritos nos manuais da Fiocruz e da PB Saúde, que fornecem diretrizes para respostas rápidas a situações críticas. A cultura de segurança no ambiente de trabalho é ressaltada como fator essencial para a prevenção de acidentes, enfatizando a necessidade de promover o diálogo, a conscientização e o comprometimento coletivo, conforme apontado por autores como Araújo e Santos (2022), Hopkins (2011) e a Organização Internacional do Trabalho (2022). A hipótese central é de que a implementação de programas estruturados de segurança, uso adequado de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e o fortalecimento de uma cultura organizacional voltada à segurança podem reduzir significativamente os índices de acidentes. Conclui-se que políticas eficazes, treinamentos contínuos e a participação ativa dos trabalhadores são elementos indispensáveis para garantir um ambiente de trabalho seguro e produtivo. O tema é bastante discutido e existem muitas informações sobre, é um assunto onde pode ser encontrado muitas informações e fontes de pesquisa.

**Palavras chave:** Uso de EPIs; Segurança no trabalho.

## **A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL (EPIS) NO LOCAL DE TRABALHO**

Dinart Rocha Filho; Vanessa Gutterres; Luciano Assis; Crestiele Rodrigues, Emily Reis, Luan Zion, Letícia Moreira

FASAP

Enfermagem

Contato drfilho@hotmail.com (22) 981459295

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo analisar, por meio de pesquisa bibliográfica, o uso dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) no ambiente de trabalho, destacando sua importância para a promoção da saúde e da segurança dos profissionais. A pesquisa busca compreender como os EPIs são utilizados nas empresas, quais os fatores que influenciam sua adesão ou negligência por parte dos trabalhadores, e de que forma a supervisão e as políticas institucionais podem contribuir para a utilização correta desses equipamentos. Entre os tópicos abordados, estão os impactos do uso inadequado ou da ausência de EPIs na saúde dos profissionais de Enfermagem, a relação entre o uso de EPIs e a redução de danos à saúde e estratégias para a conscientização e adesão ao uso correto dos EPIs, com a motivação de minimizar riscos. Os resultados indicam principalmente que o uso adequado dos EPIs é essencial para reduzir riscos ocupacionais e melhorar a qualidade de vida no trabalho.

**Palavras chave:** EPIs; Segurança no trabalho; Prevenção; Qualidade de vida.

## **QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHO: O IMPACTO POSITIVO DAS CADEIRAS ERGONÔMICAS NO CONFORTO DOS TRABALHADORES**

Dinart Rocha Filho; Arandir Carvalho; Matheus Modesto; Ana Júlia Branquinho Lopes Miranda; Beatriz Simões de Castro; Sâmela Lucas Rosa Duarte; Vitoria Rocha Paiva Banca

FASAP

Enfermagem

Contatos: (22) 981459295 drfilho@hotmail.com

**Resumo:** A qualidade de vida no trabalho está diretamente relacionada às condições ergonômicas oferecidas ao trabalhador, sendo as cadeiras um dos principais elementos nesse contexto. Considerando que um funcionário passa, em média, 160 horas por mês sentado, o uso prolongado de cadeiras não ergonômicas pode comprometer a saúde musculoesquelética, ocasionando dores, lesões e queda na produtividade. Problemas como lombalgia, escoliose, hérnia de disco e síndrome do túnel do carpo são comuns em ambientes onde

o mobiliário não oferece suporte adequado. Este estudo visa analisar os impactos da má postura no ambiente corporativo e como cadeiras ergonômicas, ajustáveis e projetadas para longas jornadas de trabalho, contribuem para a prevenção desses problemas. Além dos benefícios à saúde, observa-se que a ergonomia influencia positivamente na produtividade e satisfação dos colaboradores, sendo uma estratégia eficaz para empresas que buscam reduzir afastamentos por questões médicas e melhorar o desempenho de suas equipes. A metodologia da pesquisa baseia-se em revisão de literatura científica e fontes especializadas sobre ergonomia no trabalho.

**Palavras-chave:** Ergonomia; Má postura; Cadeiras ergonômicas; Qualidade de vida.

## QUALIDADE DE VIDA DO TRABALHADOR ENFERMEIRO

Dinart Rocha Filho; Luiza Cosendey; Barbara Dplan Meira Monteiro, Iasmin Souza da Silva Cosendey, Izabelly Luizy Couto Dias Raymundo e Milena Soares De Caires Pinheiro; Dinart Rocha Filho

FASAP

Enfermagem

Contato drfilho@hotmail.com (22) 981459295

**Resumo:** Este estudo aborda a qualidade de vida dos enfermeiros no ambiente hospitalar, com ênfase no impacto do estresse ocupacional decorrente da sobrecarga de trabalho, pressões emocionais e condições laborais adversas. A pesquisa tem como objetivo geral identificar estratégias de intervenção que contribuam para a redução do estresse e melhoria do bem-estar desses profissionais. Foram utilizados artigos científicos, livros e materiais acadêmicos, com base em dados obtidos na plataforma Scielo, adotando-se uma abordagem descritiva. Os resultados indicam que fatores como jornadas extenuantes, desvalorização profissional, escassez de recursos e ausência de suporte institucional impactam negativamente a saúde física e mental dos enfermeiros, especialmente aqueles inseridos na Estratégia de Saúde da Família. Também foram observadas consequências similares entre médicos, sugerindo uma crise sistêmica nas condições de trabalho dos profissionais da saúde. Além disso, o estudo destaca a importância de hábitos de vida saudáveis, como uma alimentação equilibrada, prática de exercícios físicos e sono adequado, como fatores protetores à saúde física e emocional. Entre as estratégias recomendadas para a redução do estresse destacam-se programas de apoio psicológico, capacitações sobre gerenciamento do estresse, reorganização do fluxo de trabalho e valorização profissional por meio de melhorias salariais e

institucionais. Conclui-se que a promoção da qualidade de vida entre os enfermeiros exige uma abordagem multidimensional, envolvendo tanto ações institucionais quanto incentivo a práticas individuais saudáveis, a fim de garantir um ambiente de trabalho mais seguro, produtivo e humanizado.

**Palavra chaves:** Doenças profissionais; esgotamento profissional; Saúde do trabalhador; Qualidade de vida.

## **SÍNDROME DE BURNOUT EM ENFERMEIROS DA REDE PÚBLICA: FATORES DE RISCO E IMPACTOS NA SAÚDE DO PROFISSIONAL E NA QUALIDADE DO CUIDADO**

Dinart Rocha Filho; Luiza Cosendey; Matheus Modesto; Vanessa Gutterres; Heloísa Francisco do Nascimento;  
Taysa da Silva Lyra

FASAP

Enfermagem

Contato: (22) 991459295 [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com)

**Resumo:** A Síndrome de Burnout (SB) tem se destacado como um agravamento frequente entre profissionais de enfermagem da rede pública de saúde no Brasil, especialmente diante de condições laborais adversas e exigências emocionais intensas. Caracterizada por exaustão emocional, despersonalização e redução da realização profissional, a SB é reconhecida como um fenômeno ocupacional pela Organização Mundial da Saúde e afeta diretamente a saúde dos trabalhadores e a qualidade da assistência prestada. Entre os principais fatores associados estão a sobrecarga de trabalho, múltiplos vínculos empregatícios, ausência de suporte institucional e exposição contínua ao sofrimento. A pandemia de COVID-19 agravou esse cenário, ampliando os riscos com o aumento da carga emocional e física sobre os profissionais da linha de frente. Pesquisas recentes também apontam a influência de aspectos como a dupla jornada, o consumo de álcool e a sobrecarga social e emocional, especialmente entre as mulheres, que compõem a maioria da categoria. Os impactos da SB ultrapassam o nível individual e atingem dimensões institucionais e sociais, contribuindo para o aumento do absenteísmo, da rotatividade e para a queda na qualidade do cuidado em saúde. Diante disso, este estudo tem como objetivo geral identificar os principais fatores de risco para a Síndrome de Burnout em enfermeiros da rede pública de saúde e discutir seus reflexos na saúde do profissional e na assistência prestada aos pacientes. Como objetivos específicos, busca-se identificar os fatores ocupacionais e organizacionais associados ao Burnout em enfermeiros do SUS, descrever os impactos da SB na saúde física e mental desses profissionais e discutir como essa condição pode comprometer a qualidade do cuidado. A metodologia adotada é uma revisão bibliográfica de natureza qualitativa e descritiva, realizada entre maio e

junho de 2025, com base em produções científicas nacionais e internacionais relevantes sobre o tema, publicadas nos últimos cinco anos.

**Palavras-chave:** Síndrome de Burnout; Enfermeiros; Saúde Ocupacional; Qualidade do Cuidado; SUS.

## EMERGÊNCIA RESPIRATÓRIA INFANTIL

Luiza Cosendey Souza , Igor Domingues Pegoraro, Lara da Silva Curty, Luciano Reis Correa, Samara Lopes Evangelista, Sandro Costa Meirelles, Hérica Vitória dos Santos Gonçalves

FASAP

Enfermagem

Contato: [cosendeyluiza@gmail.com](mailto:cosendeyluiza@gmail.com) / (22) 98145-1709

**Resumo:** As emergências respiratórias em crianças fazem parte da rotina dos profissionais de saúde, já que os mesmos são responsáveis por grande parte dos atendimentos em unidades de pronto atendimento e internações pediátricas. As principais condições relacionadas a este tipo de emergência são: bronquiolite, asma, pneumonia e obstrução das vias aéreas superiores. Devido à rápida progressão desses agravos em crianças, o reconhecimento precoce dos sinais clínicos de insuficiência respiratória e a realização imediata de medidas terapêuticas são essenciais para o sucesso do tratamento e a prevenção de complicações ainda mais graves. Um dos casos mais comuns relacionados às causas de emergências respiratórias é a imaturidade anatômica e fisiológica do sistema respiratório, que dificulta a compensação diante de quadros obstrutivos ou infecciosos. A triagem adequada, o diagnóstico ágil e o início precoce do tratamento são determinantes cruciais para a redução da morbimortalidade associada a essas condições, ou seja, é imprescindível profissionais bem qualificados na atuação. Este trabalho foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, realizada entre fevereiro e maio de 2025. Foram analisadas fontes disponíveis online, selecionando-se conteúdos científicos relevantes relacionados às emergências respiratórias infantis. O objetivo foi identificar os principais fatores envolvidos na ocorrência desses quadros, bem como estratégias de prevenção e realização eficazes. Dentre as medidas preventivas, destaca-se a incorporação da vacina contra o Vírus Sincicial Respiratório (VSR) ao Sistema Único de Saúde (SUS), a qual representa um avanço importante na prevenção da bronquiolite grave, uma das principais causas de internação em menores de dois anos. Conclui-se que a atenção às emergências respiratórias infantis deve ser organizada de forma integrada e eficiente, que uma promoção, prevenção, capacitação profissional e consequentemente resposta clínica rápida.

**Palavras chave:** Emergências respiratórias; Criança; Vírus Sincicial Respiratório (VSR)

## **O PAPEL DO ENFERMEIRO NA ORIENTAÇÃO A PREVENÇÃO DO ENGASGO EM ADULTOS: COMO AJUDAR PACIENTES LEIGOS A IDENTIFICAR E EVITAR SITUAÇÕES DE RISCO.**

Luiza Cosendey Souza, Laura Barreto, Lazaro Penna, Livian Fernandes, Jussara Barbosa, Nayra Sanches e  
Tiago Goulart.

FASAP

Enfermagem

Contato: [cosendeyluiza@gmail.com](mailto:cosendeyluiza@gmail.com) / (22) 98145-1709

**Resumo:** A atuação do enfermeiro na promoção da saúde e na prevenção de acidentes, como o engasgo, é essencial para garantir a segurança dos pacientes, especialmente adultos com maior vulnerabilidade, como os que apresentam dificuldades de deglutição, condições neurológicas ou hábitos alimentares inadequados. O engasgo é uma emergência que pode evoluir rapidamente para asfixia e óbito se não for tratada adequadamente, o que destaca a importância da orientação e intervenção precoce por parte da equipe de enfermagem. Este estudo tem como objetivo analisar a relevância do papel do enfermeiro na orientação e prevenção do engasgo em adultos, com ênfase em estratégias educativas voltadas à população leiga. Foram definidos como objetivos específicos: identificar os principais fatores de risco associados ao engasgo e as medidas preventivas possíveis; e explorar a eficácia de técnicas de primeiros socorros, como a manobra de Heimlich e o tapotamento nas costas, demonstrando a importância da educação em saúde para capacitação da população. A justificativa da pesquisa fundamenta-se na necessidade de reduzir a morbimortalidade associada ao engasgo, especialmente em ambientes onde há maior incidência de casos, como instituições de longa permanência para idosos. Estudos recentes demonstram que intervenções educativas lideradas por enfermeiros contribuem de maneira significativa para a redução dos riscos, através da capacitação de cuidadores, familiares e da comunidade em geral. A ausência de conhecimento técnico sobre como proceder em casos de obstrução das vias aéreas ainda é um fator que agrava o número de complicações e mortes evitáveis. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, com abordagem qualitativa e exploratória. A coleta de dados foi realizada em fontes como SciELO, BVS e Google Acadêmico, abrangendo publicações entre os anos de 2015 e 2023. A análise dos materiais se deu de maneira interpretativa, buscando identificar as estratégias mais eficazes de orientação e atuação da enfermagem na prevenção do engasgo. Os resultados parciais apontam que a presença ativa do enfermeiro na educação em saúde é decisiva para a diminuição de acidentes

por engasgo. Técnicas como a manobra de Heimlich e o tapotamento, quando ensinadas corretamente, aumentam as chances de sobrevivência em casos emergenciais. Além disso, a adaptação de condutas e abordagens de acordo com o perfil do paciente (idade, condição física e doenças associadas) se mostra fundamental. A literatura também reforça que a criação de protocolos e treinamentos regulares em ambientes como hospitais, clínicas e instituições de longa permanência tem se mostrado eficaz na prevenção desses eventos. Conclui-se, até o presente momento da pesquisa, que a atuação do enfermeiro é indispensável não apenas na assistência direta em episódios de engasgo, mas, principalmente, na promoção de estratégias educativas que capacitem a população a prevenir e agir corretamente diante dessas situações. A continuidade da pesquisa poderá aprofundar a análise sobre o impacto de programas de capacitação em diferentes contextos, contribuindo para uma abordagem mais abrangente e eficaz na prevenção de engasgos em adultos.

**Palavras-chave:** Enfermagem. Engasgo. Prevenção. Educação em saúde. Primeiros socorros.

## **ATENDIMENTO INICIAL AO PACIENTE COM TRAUMA E POLIFRATURAS**

Luiza Cosendey Souza, Bruna Ferreira da Silva, Gabriela da Conceição Nascimento, Lorena Ferreira dos Santos Sales, Samyle Yasmim Santos Oliveira, Thayan Ferreira de Azevedo Avila

FASAP

Enfermagem

Contatos: cosendeyluiza@gmail.com/ (22) 98145-1709

**Resumo:** Este estudo tem como objetivo analisar a relevância da atuação da enfermagem no cuidado a pacientes politraumatizados, com ênfase nos traumas e luxações. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em publicações científicas, diretrizes institucionais e protocolos reconhecidos de atendimento ao trauma. O politrauma é uma condição caracterizada pela presença simultânea de múltiplas lesões traumáticas, com risco potencial à vida, sendo mais frequente entre homens jovens e figurando como uma das principais causas de morte em indivíduos com menos de 35 anos. Acidentes automobilísticos, quedas de altura e lesões por armas de fogo são as causas predominantes. Nesse contexto, destaca-se a importância de uma abordagem sistemática e eficaz no atendimento pré-hospitalar e intra-hospitalar, orientada por protocolos como o Advanced Trauma Life Support (ATLS) e o mnemônico ABCDE. A enfermagem desempenha papel fundamental na estabilização clínica do paciente, na avaliação inicial, no controle de hemorragias, no monitoramento

dos sinais vitais e na administração de medidas analgésicas e de conforto. Além disso, a correta documentação das intervenções é essencial para a continuidade do cuidado e para a avaliação dos resultados clínicos. O estudo ressalta a importância da capacitação contínua dos profissionais de enfermagem e da adoção de estratégias de prevenção e resposta rápida, com vistas à redução da mortalidade e das sequelas associadas aos traumas.

**Palavras-chave:** Politraumatismo; Enfermagem; Atendimento de urgência.

## **A RELEVÂNCIA DA ENFERMAGEM NA CAPACITAÇÃO DE LEIGOS NA REALIZAÇÃO DA MANOBRA DE HEIMLICH EM CRIANÇAS DE IDADE ESCOLAR**

Luiza Cosendey Souza, Gabrielle da Costa Nascimento, Gisele dos Santos, Lucas Maurílio de Carvalho Figueiredo, Monik Aparecido de Lima Guimarães, Rhaquel Marques Franco Bandeira.

FASAP

Enfermagem

Contatos: [cosendeyluiza@gmail.com](mailto:cosendeyluiza@gmail.com) / (22) 98145-1709

**Resumo:** A enfermagem desempenha um papel essencial na capacitação de leigos para a realização da manobra de Heimlich em crianças em idade escolar, contribuindo significativamente para a prevenção de acidentes e a promoção da saúde. De acordo com o Ministério da saúde, cerca de 94% por casos de engasgo e asfixia, ocorrem em crianças com até sete anos de idade, geralmente ocorrem quando a criança leva à boca ou ao nariz qualquer objeto que restrinja a passagem de ar. O maior risco está na possibilidade do objeto ser aspirado para o pulmão. De acordo com a Sociedade Brasileira de Pediatria, a aspiração de corpo estranho é observada principalmente nas crianças do sexo masculino, na faixa etária de 1 a 3 anos. Mais de 50% das aspirações ocorrem em crianças menores de 4 anos e mais de 94% antes dos 7 anos de idade. O ambiente escolar pode ser considerado um dos locais mais propícios a acidentes ou a situações de risco que necessite de cuidados de emergência, o que torna essencial a capacitação de educadores leigos em primeiros socorros com o intuito de reduzir os índices de mortalidade. Grande parte da população, não integrada na área da saúde, ainda possui um pensamento empírico acompanhado de diversas dúvidas e inseguranças onde, diante de uma situação de emergência, não sabem como agir. Isso destaca a importância da enfermagem na prevenção e intervenção em casos de engasgos em crianças.. Assim, é notável a necessidade da capacitação de leigos em primeiros socorros, pois, a condição vital da vítima depende integralmente de ações e medidas adequadas. Diante do exposto o estudo visa formular o



seguinte objetivo geral: Demonstrar relevância da enfermagem na construção da capacitação de leigos na realização da manobra de Heimlich em crianças de idade escolar. Trata-se de uma revisão de literatura onde o tema em questão é a importância da enfermagem na construção do conhecimento para leigos no desengasgo de crianças em idade escolar, apresentando de que forma os leigos devem agir. Pesquisaram-se em bases de dados: Scielo; Google acadêmico; Lei Lucas; Código de lei de 1998. As leituras foram realizadas de acordo com o padrão de análise utilizado para selecionar os estudos na base de dados, tendo sido selecionado um recorte temporal de pesquisas nos últimos 5 anos, abrangendo o tema escolhido. Conclui-se que Profissionais de enfermagem são fundamentais na educação em saúde, fornecendo treinamento adequado a pais, responsáveis e educadores. Através de abordagens teóricas e práticas, como simulações e uso de materiais educativos, eles capacitam os leigos a identificar sinais de obstrução das vias aéreas e a realizar a manobra de Heimlich de forma segura e eficaz. Estudos indicam que a capacitação em primeiros socorros aumenta a confiança e a competência dos leigos em situações de emergência, melhorando as chances de sobrevivência e minimizando sequelas em crianças vítimas de engasgo. Pois, ao promoverem treinamentos práticos e acessíveis, o enfermeiro contribui diretamente para o empoderamento da comunidade e a proteção da infância. Além disso, programas educativos liderados por enfermeiros têm demonstrado aumentar a conscientização e a preparação da comunidade para lidar com emergências relacionadas a engasgos em crianças.

**Palavras chave:** enfermagem; primeiros socorros; manobra de Heimlich; engasgo; criança em idade escolar.

## **ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE QUEIMADO**

Luiza Cosendey Souza, Brenda Rodrigues da Silva Pedra; Giovana Fernandes Castilho; Inácio Moura Barrias da Silva; Kaylane Vasconcelos de Oliveira; Millena Miguez Reder

FASAP

Enfermagem

Contato: [cosendeyluiza@gmail.com](mailto:cosendeyluiza@gmail.com) / (22) 98145-1709

**Resumo:** As queimaduras configuram um importante problema de saúde pública, caracterizado por alto potencial de morbidade e impacto multidimensional na vida dos pacientes. Este estudo teve como objetivo analisar os efeitos das queimaduras no corpo humano, com enfoque nos impactos fisiológicos e psicológicos, bem como nas abordagens terapêuticas disponíveis, destacando a atuação da equipe de enfermagem. Trata-se de uma revisão

integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e descritiva, com levantamento de artigos publicados nos últimos dez anos nas bases PubMed, SciELO, LILACS e Cochrane Library. Os principais descritores utilizados foram: “queimaduras”, “impactos fisiológicos”, “impactos psicológicos”, “tratamento de queimaduras”, “enfermagem em queimaduras” e “reabilitação pós-queimaduras”. A análise dos estudos selecionados foi organizada em três eixos temáticos: tipos e classificações das queimaduras; impactos fisiológicos e psicológicos; e estratégias terapêuticas e de reabilitação. Os resultados evidenciaram que, além dos danos físicos como perda de líquidos, risco de infecções e complicações funcionais, as queimaduras causam prejuízos emocionais significativos, como ansiedade, depressão e alterações na autoestima. A atuação da enfermagem é fundamental no manejo clínico, na execução de curativos, hidratação, preparo para enxertos, bem como no acolhimento e orientação aos pacientes. Conclui-se que o tratamento eficaz de queimaduras requer uma abordagem interdisciplinar, aliando cuidados clínicos e suporte psicológico, a fim de promover a recuperação integral e a reinserção social do paciente.

**Palavras chave:** queimaduras; impactos fisiológicos; reabilitação; tratamento de feridas.

## **A ATUAÇÃO DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM EM PARADA CARDIORRESPIRATÓRIA NO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR (APH)**

Luiza Cosendey Souza, Carina Mattos Paiva, Deivt Junior dos Santos Ferreira, Elias Rangel Bairral, Gabrielle Cabral de Aguiar Mota, Lúcia Helena Rodrigues Henriques e Victoria Guimarães do Nascimento

FASAP

Enfermagem

Contato: [cosendeyluiza@gmail.com](mailto:cosendeyluiza@gmail.com) / (22) 98145-1709

**Resumo:** A parada cardiorrespiratória (PCR) representa uma emergência médica crítica que requer intervenção imediata para garantir a sobrevivência do paciente. No contexto do atendimento pré-hospitalar (APH), o profissional de enfermagem assume papel fundamental na identificação precoce da PCR, na execução das manobras de ressuscitação cardiopulmonar (RCP), administração de medicamentos e utilização de tecnologias de suporte à vida, como o desfibrilador externo automático. A presente pesquisa tem como objetivo geral descrever o papel do enfermeiro no APH em casos de PCR, com ênfase na sua atuação na estabilização do paciente e aplicação de protocolos baseados em evidências científicas. O presente trabalho tem como objetivo descrever o papel

do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar (APH) em situações de parada cardiorrespiratória (PCR), destacando sua atuação na identificação precoce, estabilização do paciente e aplicação de protocolos baseados em evidências científicas. Busca-se, ainda, identificar os principais cuidados prestados pela Enfermagem durante a PCR no APH, analisar a importância do treinamento contínuo e do preparo técnico da equipe, bem como avaliar a contribuição do enfermeiro para a recuperação do paciente e a redução de complicações. A pesquisa visa ressaltar a relevância da atuação qualificada do profissional de Enfermagem no ambiente pré-hospitalar, especialmente em situações de urgência e emergência, como fator determinante para a melhora dos desfechos clínicos. A metodologia adotada foi uma pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa e descritiva. Foram analisados artigos científicos, livros e documentos oficiais publicados entre 2015 e 2025, extraídos de bases como SciELO, LILACS, PubMed e Google Acadêmico. Os resultados evidenciam que, o início da desfibrilação entre 3 a 5 minutos do colapso pode elevar a taxa de sobre-vida para até 70%, especialmente em ritmos cardíacos chocáveis. A capacitação contínua da equipe de enfermagem aparece como fator determinante para a eficácia da assistência, influenciando positivamente a tomada de decisão e a segurança do paciente. Portanto, conclui-se, que a atuação do enfermeiro no APH é essencial e multifacetada, exigindo não apenas habilidades técnicas e científicas, mas também preparo emocional para lidar com a alta complexidade das situações emergenciais. A constante atualização profissional, por meio de treinamentos regulares e educação permanente, se mostra indispensável para garantir um atendimento de qualidade, humanizado e centrado na recuperação do paciente. O estudo reforça, portanto, a importância de investimentos em capacitação e valorização do papel do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar à PCR.

**Palavras chave:** Parada cardiorrespiratória; Atendimento pré-hospitalar; Enfermagem de emergência;

## **A ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NOS PRIMEIROS SOCORROS A VÍTIMAS DE ACIDENTES MOTOCICLÍSTICOS: PROTOCOLOS E CUIDADOS ESSENCIAIS**

Luiza Cosendey Souza, Jamilly Pereira Ramos, Lívia Ferreira Machado, Maria Eduarda Fagundes.

FASAP

Enfermagem

Contato: [cosendeyluiza@gmail.com](mailto:cosendeyluiza@gmail.com) / (22) 98145-1709

**Resumo:** Os acidentes motociclísticos representam uma crescente preocupação de saúde pública, sendo responsáveis por grande parte dos atendimentos de urgência e emergência em todo o país. Devido à vulnerabilidade dos motociclistas e à gravidade frequente dos traumas envolvidos, a atuação rápida, segura e eficaz da equipe de enfermagem no atendimento pré-hospitalar é essencial para a redução de complicações e óbitos. Diante desse cenário, a atuação da Enfermagem nos primeiros socorros a vítimas de acidentes motociclísticos é fundamental para garantir um atendimento rápido, seguro e eficaz. O objetivo deste estudo é identificar os principais protocolos de primeiros socorros aplicados pela enfermagem no atendimento a vítimas de acidentes motociclísticos. Além de descrever as intervenções de enfermagem mais comuns no atendimento pré-hospitalar a esses pacientes e destacar a importância da assistência de enfermagem na estabilização da vítima e na prevenção de complicações. A pesquisa foi desenvolvida por meio de uma revisão bibliográfica com intuito de explorar e compreender a atuação da enfermagem nos primeiros socorros a vítimas de acidentes motociclísticos, abordando os protocolos adotados e os cuidados essenciais prestados pelos profissionais de enfermagem. A revisão será conduzida com bases em artigos científicos, dissertações, teses e estudos de caso publicados nos últimos 10 anos, que abordam temas como protocolos de primeiros socorros, cuidados essenciais, práticas de enfermagem e manejo de vítimas de acidentes de trânsito, especialmente envolvendo motocicletas. Ademais, o preparo técnico, emocional e ético do profissional de Enfermagem, aliado ao uso correto de equipamentos de proteção individual (EPIs) e dispositivos de imobilização, contribui significativamente para a redução de danos e melhora do prognóstico das vítimas. Além disso, destaca-se a importância da comunicação eficaz com a equipe multidisciplinar e da atuação dentro dos princípios da biossegurança e da ética profissional. Conclui-se que a atuação da Enfermagem nos primeiros socorros a vítimas de acidentes motociclísticos exige conhecimento técnico científico. A formação continuada, por meio de treinamentos em suporte básico e avançado de vida, bem como a valorização das práticas baseadas em evidências, são fundamentais para garantir uma assistência de qualidade. Assim, o profissional de Enfermagem se consolida como peça-chave no atendimento pré-hospitalar, contribuindo efetivamente para a preservação da vida e redução de complicações decorrentes de traumas graves em acidentes com motocicletas.

**Palavras chave:** Enfermagem; Primeiros Socorros; Acidentes Motociclísticos; Atendimento Pré-Hospitalar; Protocolos de Urgência.

## COMO A FISIOTERAPIA PÉLVICA PODE AJUDAR A DIMINUIR SINTOMAS E DESCONFORTOS NO ASSOALHO PÉLVICO?

Dinart Rocha Filho; Johan Carvalho; Matheus Modesto; Diviany Estoduto; Fabricia Pacheco; Tais Werneck; Talita Fonseca.

FASAP

Fisioterapia

Contato: drfilho@hotmail.com (22) 981459295

**Resumo:** A fisioterapia pélvica é uma abordagem especializada que pode ser extremamente eficaz na redução de sintomas e desconfortos relacionados ao assoalho pélvico. Ela atua por meio de avaliação e tratamento personalizados, utilizando técnicas que visam melhorar a função muscular, a coordenação e a consciência corporal da região pélvica. Fortalecimento muscular: Através de exercícios específicos e técnicas manuais, a fisioterapia ajuda a fortalecer os músculos do assoalho pélvico, que são responsáveis pelo suporte dos órgãos da região e pela continência. Relaxamento muscular: Quando os músculos do assoalho pélvico estão tensos, podem causar dor e desconforto. A fisioterapia, através de técnicas como massagem e liberação miofascial, pode ajudar a relaxar esses músculos. Melhora da postura: Uma postura inadequada pode contribuir para problemas no assoalho pélvico. A fisioterapia pode ajudar a melhorar a postura, alinhando a coluna e a pelve, e assim diminuir a pressão sobre os órgãos e músculos da região. Melhora da consciência corporal: A fisioterapia pélvica ensina os pacientes a identificar e controlar os músculos do assoalho pélvico, o que pode ajudar a melhorar a função sexual e a controlar a incontinência. Redução da dor: A fisioterapia pélvica pode ajudar a aliviar a dor causada por diversos problemas na região, como endometriose, dor pélvica crônica, e disfunções sexuais. A fisioterapia pélvica envolve uma variedade de exercícios projetados para fortalecer, alongar e coordenar os músculos do assoalho pélvico. Esses exercícios visam melhorar a função muscular e podem ser personalizados conforme as necessidades específicas de cada paciente. Exercício de Kegel, Como fazer: Contrair os músculos do assoalho pélvico, como se estivesse tentando interromper o fluxo de urina. Manter a contração por alguns segundos e depois relaxar, Benefícios: Fortalece os músculos do assoalho pélvico, auxiliando no controle da bexiga e melhorando a função sexual. Alongamento dos músculos do assoalho pélvico, Como fazer: Sentar-se ou deitar-se confortavelmente e relaxar os músculos do assoalho pélvico. Respirar profundamente e, ao expirar, permitir que os músculos se alonguem naturalmente. Benefícios: Promove o relaxamento e flexibilidade dos músculos. Biofeedback, Como fazer: Usar dispositivos que fornecem feedback visual ou auditivo sobre a atividade muscular dos músculos pélvicos, ajudando a aprimorar o controle consciente. Benefícios: Auxilia no controle dos músculos do assoalho pélvico. Exercícios de coordenação, Como fazer: Realizar movimentos que envolvam a coordenação entre a respiração e a contração/relaxamento dos músculos pélvicos. Benefícios: Melhora a coordenação muscular e o controle durante atividades específicas. Exercícios Funcionais, Como fazer: Integrar

exercícios pélvicos nas atividades diárias, como levantar se da cadeira ou realizar movimentos que exijam estabilização pélvica. Benefícios: Melhora a função muscular durante as atividades cotidianas.

**Palavras-Chave:** Pélvico; Assoalho; Dor; Fortalecimento Muscular.

## **“DOR LOMBAR CRÔNICA: ABORDAGENS FISIOTERAPÊUTICAS PARA UMA MELHOR QUALIDADE DE VIDA”**

Dinart Rocha Filho; Matheus Modesto; Johan Carvalho; Nicole Faria; Carolinne Moraes; Brenda Correa; Laís Teixeira; Maria Isadora; Luanni Malta.

FASAP

Fisioterapia

Contato: [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com) (22) 981459295

**Resumo:** A dor lombar crônica (DLC) é caracterizada por dor persistente ou recorrente na região lombar com duração superior a 12 semanas. Diferencia-se da dor aguda por sua maior complexibilidade clínica e tendência à cronificação, muitas vezes sem uma causa anatômica específica identificável. A DLC é uma condição multifatorial, e sua ocorrência está associada a diversos fatores, que podem ser agrupados em categorias:- Fatores físicos: Má postura, sedentarismo, obesidade, atividades laborais repetitivas ou com sobrecarga mecânica e envelhecimento e degeneração discal.- Fatores psicossociais: Estresse crônico, ansiedade e depressão, baixo suporte social e catastrofização da dor.- Fatores ocupacionais: Carga física excessiva, movimentos repetitivos, vibração prolongada (ex: motoristas) e insatisfação no trabalho.O tratamento da dor lombar crônica deve ser individualizado e interdisciplinar, com foco na abordagem biopsicossocial. As principais estratégias incluem:- Fisioterapia: Exercícios terapêuticos (fortalecimento, flexibilidade e estabilização lombar), reeducação postural global, terapia manual e eletroterapia (em alguns casos).- Educação em dor: Explicações sobre o funcionamento da dor crônica, encorajamento à atividade física gradual e quebra de crenças disfuncionais sobre o corpo e a dor.- Abordagens farmacológicas: Analgésicos simples (paracetamol), anti-inflamatórios não esteroidais (AINEs), relaxantes musculares e antidepressivos tricíclicos ou inibidores de recaptação de serotonina/noradrenalina, quando há componente neuropático ou emocional relevante. - Terapias complementares: Acupuntura, pilates clínico, mindfulness e meditação e psicoterapia, especialmente a terapia cognitivo-comportamental (TCC).A dor lombar crônica é um desafio clínico significativo e uma das principais causas de incapacidade funcional no mundo. Sua gestão exige a integração de múltiplas abordagens, com destaque para a fisioterapia e a educação em saúde, promovendo não apenas alívio da dor, mas melhora da função e qualidade de vida.

**Palavras chave:** Dor lombar crônica; Fisioterapia; Fatores biomecânicos; Exercício terapêutico; Psicossocial.

## **HÉRNIA DE DISCO: A IMPORTÂNCIA DA FISIOTERAPIA NO ALÍVIO DA DOR CAUSADA NA HÉRNIA DE DISCO.**

Dinart Rocha Filho; Johan Carvalho; Matheus Modesto; Sara Soares Nascimento; Daniella Oliveira; Gabriel dos Santos.

FASAP

Fisioterapia

Contato: [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com) (22) 981459295

**Resumo:** A hérnia de disco é uma doença considerada comum, que acomete até 40% das pessoas ao decorrer da vida. Como principais causas para o aparecimento das hérnias de disco, podem ser citados: causas posturais, desequilíbrios musculares e possivelmente, a influência genética. A atuação do profissional de fisioterapia no tratamento é considerável, pois, através da fisioterapia é possível ter mais conforto e uma qualidade de vida melhor. De acordo com Sussela et al. (2017) a fisioterapia pode ser tentada nos pacientes que consigam realizar exercícios físicos. Programa de exercício físico associado ao tratamento clínico resulta em melhora da dor ciática aguda e da incapacidade funcional. Este trabalho tem como objetivo identificar as principais causas, o papel do profissional de fisioterapia e como o tratamento fisioterapêutico influencia positivamente na vida dos pacientes com hérnia de disco. Como metodologia foi realizada a revisão bibliográfica de artigos e materiais presentes nos sites: Google Acadêmico, Scielo e Bireme. Usando as palavras hérnia de disco, fisioterapia e tratamento como palavras chaves para filtrar os materiais utilizados na revisão. Como resultado, foi observado que a fisioterapia é considerada primeira linha de tratamento junto com analgésicos e anti-inflamatórios. O uso de TENS é indicado para promover o alívio da dor aguda, termoterapia infravermelha quando se busca analgesia. Condutas cinesioterápicas, alongamento estático, métodos de alongamento e fortalecimento, o método Pilates e a hidrocinésioterapia apresentam excelentes resultados tanto como tratamento conservador, quanto tratamento no pós cirúrgico.

**Palavras-chave:** Hérnia de disco; Fisioterapia; Tratamento; Dor.

## **DPOC: INFORMAÇÕES IMPORTANTES**

Dinart Rocha Filho; Johan Carvalho; Davi Luz, Wesley Alves, Nicolas Camacho, Gabriel Terra, João Pedro Coutinho; Tiago Terra.

FASAP

Fisioterapia

Contato: (22) 981459295 [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com)

**Resumo:** A Doença Pulmonar Obstrutiva Crônica (DPOC) é uma condição respiratória caracterizada pela obstrução persistente do fluxo aéreo, que geralmente não é totalmente reversível. Trata-se de uma doença progressiva, cujos principais sintomas incluem a dificuldade para respirar, tosse crônica e produção excessiva de muco. A DPOC representa um grave problema de saúde pública, sendo uma das principais causas de morbidade e mortalidade no mundo. O fator de risco mais associado à sua origem é o tabagismo, responsável por mais de 80% dos casos diagnosticados. No entanto, outras causas também podem estar envolvidas, como a exposição prolongada à poluição ambiental, poeiras ocupacionais, fumaça de lenha e predisposições genéticas, como a deficiência de alfa-1 antitripsina. Essas agressões constantes às vias respiratórias provocam um processo inflamatório crônico, resultando em alterações estruturais nos pulmões, destruição do parênquima pulmonar e perda da elasticidade alveolar, o que dificulta a ventilação adequada e compromete as trocas gasosas. Os pacientes com DPOC geralmente apresentam sintomas que se desenvolvem de forma lenta e progressiva, o que muitas vezes retarda o diagnóstico. A dispneia (falta de ar) é o sintoma mais característico, manifestando-se inicialmente durante esforços físicos e, em estágios mais avançados, até mesmo em repouso. A tosse crônica, com ou sem produção de secreção, também é frequente, assim como o cansaço constante e o chiado no peito. Em momentos de crise, chamados de exacerbações, há piora aguda dos sintomas, podendo ser necessária hospitalização. O diagnóstico é confirmado por meio da espirometria, um exame que avalia a função pulmonar e identifica a obstrução ao fluxo aéreo. Radiografias e tomografias podem ser utilizadas como apoio, ajudando a diferenciar a DPOC de outras doenças pulmonares com sintomas semelhantes. Embora não haja cura para a DPOC, é possível controlar seus sintomas e melhorar a qualidade de vida do paciente com o tratamento adequado. A abordagem é multiprofissional, e a fisioterapia tem papel essencial nesse processo. A atuação fisioterapêutica visa reduzir a dispneia, melhorar a ventilação pulmonar e aumentar a tolerância ao esforço físico. Para isso, são utilizados recursos como exercícios respiratórios, treinamento muscular, técnicas de higiene brônquica e programas de reabilitação pulmonar. A respiração diafragmática, o uso do freio labial, a drenagem postural e a vibrocompressão torácica são exemplos de intervenções que ajudam na eliminação de secreções e na otimização da mecânica respiratória. Além disso, a prática de atividades físicas supervisionadas é fundamental para preservar a capacidade funcional do paciente e prevenir novas exacerbações. A educação em saúde, com foco na adesão ao tratamento e na cessação do tabagismo, também é parte indispensável do cuidado. A DPOC é, portanto, uma doença grave, mas que pode ser controlada com diagnóstico precoce, tratamento contínuo e mudanças no estilo de vida. A fisioterapia contribui de forma significativa para a redução dos sintomas e para a manutenção da autonomia dos pacientes, promovendo uma melhor qualidade de vida. A prevenção, por meio da eliminação dos fatores de risco, especialmente o cigarro, continua sendo a medida mais eficaz para evitar o surgimento e a progressão da doença.

**Palavras-chave:** DPOC; Doença Pulmonar; Fisioterapia Respiratória.



## **ESTUDO SOBRE A TENDINITE PATELAR: CAUSAS, DIAGNÓSTICO E TRATAMENTOS**

Dinart Rocha Filho; Johan Carvalho; Jonatan Alvim; Kamilly Dutra, Carlos Marcio Mendes;  
Fernanda Resende.

FASAP

Fisioterapia

Contatos:(22) 981459295 [drfilho@hotmail.com](mailto:drfilho@hotmail.com) (22)998608758 [jonatanalvim@gmail.com](mailto:jonatanalvim@gmail.com)

**Resumo:** A tendinite patelar é uma condição comum em atletas, caracterizada pela inflamação do tendão patelar, frequentemente associada a atividades físicas intensas. O objetivo deste estudo foi revisar as abordagens de tratamento da tendinite patelar, dividindo-as em opções conservadoras e invasivas. A pesquisa foi conduzida com base em uma revisão bibliográfica de estudos publicados entre 2004 e 2023, abrangendo ensaios clínicos, estudos de caso e revisões sistemáticas. Os tratamentos conservadores, incluindo modificação das atividades físicas, repouso relativo, fisioterapia com foco no fortalecimento muscular e no uso de recursos terapêuticos como ultrassom e laser, mostraram eficácia na recuperação de casos leves a moderados. Quando os tratamentos conservadores não resultam em melhoria, opções invasivas como infiltrações com corticosteroides e o uso de plasma rico em plaquetas (PRP) são exploradas com o objetivo de reduzir a dor e estimular a regeneração do tecido. Nos casos mais graves, em que há degeneração acentuada do tendão e falha nas abordagens anteriores, a cirurgia é indicada para remoção do tecido danificado e também da restauração da funcionalidade do tendão. A escolha do tratamento deve ser individualizada, levando sempre em consideração a gravidade da lesão e a resposta do paciente. Em conclusão, a tendinite patelar pode ser tratada eficazmente com abordagens conservadoras na maioria dos casos, sendo as opções invasivas reservadas para situações mais graves ou quando os métodos iniciais falham. A combinação de estratégias terapêuticas e a adaptação do tratamento às necessidades do paciente são essenciais para uma recuperação bem-sucedida.

**Palavras-chave:** Tendinite patelar; Tratamento conservador; Infiltrações com corticosteroides; Plasma rico em plaquetas; Tratamento invasivo.

**PERSPECTIVAS, PREOCUPAÇÕES E ANSEIOS DOS DISCENTES  
INGRESSANTES NO CURSO DE FISIOTERAPIA DA FACULDADE SANTO  
ANTÔNIO DE PÁDUA – FASAP - PRIMEIRO SEMESTRE/2025**

**Resumo:** A transição para o ensino superior representa um marco significativo na vida dos jovens, carregado de expectativas, mas também de incertezas e desafios. A adaptação à nova rotina acadêmica, às demandas do curso, à vida social e, por vezes, à distância da família, podem gerar ansiedade e impactar o bem-estar e o desempenho do estudante. Por outro lado, a universidade se torna um espaço fundamental de crescimento para os alunos, permitindo que eles assimilem os saberes e práticas relativos à carreira escolhida. Através de métodos pedagógicos conduzidos por docentes e pela colaboração com estudantes mais experientes, os universitários expandem seu potencial de aprendizagem e consolidam suas realizações prévias. No caso de cursos da área da saúde, como a Fisioterapia, as exigências costumam ser elevadas desde o início, combinando conhecimentos teóricos densos com a necessidade de desenvolvimento de habilidades práticas e relacionais. Compreender as perspectivas (o que esperam encontrar e alcançar), as preocupações (medos, dificuldades antecipadas) e os anseios (desejos, aspirações profissionais e pessoais) dos estudantes que estão iniciando sua jornada acadêmica é fundamental para as Instituições de Ensino Superior (IES). Esse conhecimento permite que a IES, neste caso a Faculdade Santo Antônio de Pádua (FASAP), desenvolva estratégias de acolhimento mais eficazes, programas de apoio psicopedagógico direcionados, ajustes curriculares pertinentes e ações que minimizem a evasão e promovam uma experiência universitária mais positiva e bem-sucedida. O objetivo da pesquisa foi analisar as perspectivas, preocupações e anseios dos discentes ingressantes no curso de Fisioterapia da FASAP, bem como conhecer as escolhas dos discentes sobre as áreas de atuação da Fisioterapia que mais lhe chamaram a atenção e a possibilidade de atuar na área escolhida. A metodologia aplicada através de entrevistas semi-estruturadas: Realização de entrevistas individuais com a amostra selecionada de ingressantes. O roteiro da entrevista abordou os tópicos: motivações para a escolha do curso, expectativas para a vida profissional e preocupações/anseios esperados na atuação profissional. A principal motivação para a escolha do curso de Fisioterapia foi o prévio contato com a profissão, seja por necessidade de tratamento de familiares ou dos próprios alunos. A maioria relata como distinta preocupação o receio de não se tornar um profissional capaz e bem sucedido, bem como o medo de prejudicar o paciente durante o tratamento, potencializando a piora do quadro ou promovendo óbito por erro profissional. Quanto as áreas mais relatadas para atuação, foram destaques a Fisioterapia em Unidade de Terapia Intensiva (41,4%), Fisioterapia Desportiva (13,8%), Fisioterapia Ortopédica e Saúde da Mulher (10,3%), Fisioterapia Respiratória (6,9%) e Osteopatia, Quiropraxia, Fisioterapia Neurofuncional e Fisioterapia Dermatofuncional (3,4%). Em conclusão, percebe-se que a Fisioterapia já fez parte em algum momento na vida dos ingressantes, sendo a principal motivação

para a escolha do curso e que suas maiores preocupações estão relacionadas ao temor de não se tornarem bons profissionais e a angústia de causar iatrogenia ao paciente. Fomentar estratégias pedagógicas que promovam apoio técnico e psicológico aos discentes torna-se necessário para a formação integral, saudável e qualificada dos futuros profissionais fisioterapeutas.

**Palavras chave:** Fisioterapia; Ingressantes; Perspectivas; Preocupações

## **PERSPECTIVAS ETÁRIAS DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: IMPRESSIONES DE UMA PSICÓLOGA SOBRE O DESENVOLVIMENTO AO LONGO DA VIDA**

Ofélia Machado Mansur; Adriana Chaves de Oliveira Ruback; Adriano Pacheco Guimarães;  
Laíssa Rosa Motta de Souza; Luíza da Silva Gripa;  
Maria Clara Sousa de Moraes Barros; Marina Brito Costa.

FASAP

Psicologia

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA), comumente conhecido como autismo, é classificado pelo *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (DSM-5) como um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado déficits persistentes na comunicação e na interação social, bem como padrões restritos e repetitivos de comportamento. Contudo, embora existam critérios diagnósticos amplamente aceitos, ainda não há uma definição única e definitiva para o transtorno, dada a sua natureza complexa e heterogênea. As manifestações clínicas do TEA variam significativamente entre os indivíduos e são influenciadas por diversos fatores, tais como o nível de suporte necessário, o contexto ambiental e, especialmente, a faixa etária. Ainda que os sinais do transtorno geralmente se manifestem nos primeiros anos de vida, a forma como esses sintomas se expressam pode sofrer alterações ao longo das diferentes etapas do desenvolvimento. Portanto, compreender os aspectos relacionados à faixa etária faz-se essencial para intervenções mais eficazes, diagnóstico assertivo e melhor planejamento terapêutico. A primeira etapa deste projeto constituiu desenvolvimento de uma entrevista de caráter qualitativo com a psicóloga Laiane Souza, profissional atuante na Clínica de Intervenção Precoce Bambinos e na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de Santo Antônio de Pádua. A entrevista foi composta por 19 questões, das quais quatro foram direcionadas especificamente à investigação das diferenças nas manifestações do Transtorno do Espectro Autista (TEA) entre distintas faixas etárias. Como segunda etapa, o presente estudo buscou a realização de uma revisão bibliográfica acerca da temática, com base em dados do DSM-5 (*Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*) e artigos científicos. O presente estudo tem como problema de pesquisa a investigação de como os aspectos relacionados à faixa etária influenciam o desenvolvimento, a

manifestação e o manejo de características do TEA, considerando possíveis causas e estratégias de intervenção adequadas a cada fase do ciclo vital. O objetivo geral do estudo visa compreender de que forma os aspectos relacionados à faixa etária influenciam as manifestações clínicas e comportamentais no espectro, bem como identificar os principais fatores que contribuem para essas variações ao longo do desenvolvimento. Os objetivos específicos deste estudo foram: investigar as principais mudanças nas manifestações do TEA ao longo das diferentes faixas etárias, tal como fatores biopsicossociais que influenciam o desenvolvimento; compreender como profissionais da Psicologia percebem e abordam as particularidades do TEA em cada etapa do ciclo vital e analisar estratégias de manejo e intervenção adaptadas às necessidades específicas de cada faixa etária no espectro autista. Espera-se que a realização deste estudo contribua para uma compreensão mais aprofundada sobre como os aspectos relacionados à faixa etária influenciam as manifestações e necessidades de indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Ao evidenciar a importância de adaptar estratégias de intervenção de acordo com as fases do desenvolvimento, busca-se promover um cuidado mais sensível, individualizado e eficaz. Além disso, o estudo visa fomentar reflexões entre profissionais da Psicologia e demais áreas da saúde, incentivando práticas mais humanizadas e alinhadas às especificidades de cada etapa do ciclo vital no contexto do espectro autista.

**Palavras chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Faixa Etária; Desenvolvimento Humano; Intervenção Psicológica.

## A PSICOLOGIA E O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Ofelia Machado Mansur; Allan de Aguiar Almeida; Rachel de Souza Lage; Douglas Duarte Machado;  
Alessandra Duarte Gonçalves; Creyzielly dos Santos Dutra

FASAP

Psicologia

Contatos: chelrra@yahoo.com / (22) 999217580

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por dificuldades persistentes na comunicação social e por padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades. De acordo com o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Fifth Edition (DSM-5), o autismo é compreendido como um espectro, o que significa que seus sintomas variam amplamente entre os indivíduos, tanto em tipo quanto em intensidade. A conceituação do autismo passou por diversas transformações ao longo da história. Em 1943, o psiquiatra Leo Kanner descreveu, pela primeira vez, o que chamou de "autismo infantil precoce". No ano seguinte, em 1944, Hans Asperger descreveu crianças com padrões semelhantes, mas com linguagem preservada e inteligência dentro da média, conhecido como "Síndrome de Asperger". A partir de 1980, com a

introdução do DSM-III, o autismo passou a ser reconhecido oficialmente como um transtorno do desenvolvimento, separado da esquizofrenia. Em 1994, o DSM-IV ampliou o conceito para um espectro, incluindo a síndrome de Asperger, o transtorno desintegrativo da infância e o transtorno invasivo do desenvolvimento sem outra especificação (PDD-NOS). Em 2013, o DSM-5 unificou todos esses diagnósticos sob o termo Transtorno do Espectro Autista. A primeira etapa deste projeto constitui-se de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática e foi realizada nas bases de dados da PubMed e outras bibliotecas virtuais. Como segunda etapa foi conduzida uma entrevista contendo 21 perguntas de diferentes formatos (abertas, fechadas e semiabertas) com a psicóloga Laiane Sousa. A profissional é especialista em Neuropsicologia e em Transtorno do Espectro Autista, além de possuir certificação em Análise do Comportamento Aplicada (ABA) e PRT. Atua nas Clínicas de Intervenção Precoce Bambinos e CAASSITA, em Itaperuna/RJ, bem como na APAE de Santo Antônio de Pádua, no estado do Rio de Janeiro. O problema da pesquisa que norteou o presente estudo se perfaz quanto à evolução da definição de autismo ao longo dos anos, a dimensão do conceito de transtorno de neurodesenvolvimento e os fatores de risco pré-natais e perinatais do diagnóstico de TEA. O objetivo geral do presente estudo foi compreender a linha temporal dos diversos conceitos do espectro autista até os dias atuais, contextualizando a luta por inclusão e respeito. Os objetivos específicos desta pesquisa foram trabalhar a dimensão do conceito e elucidar o diagnóstico e fatores de risco. A partir da entrevista realizada e da pesquisa bibliográfica, percebe-se que é fundamental ampliar os debates sobre inclusão social e garantia de direitos das pessoas com autismo. Investir em informação e conscientização é um passo indispensável para a construção de uma sociedade mais justa, empática e inclusiva.

**Palavras-chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Transtorno do Neurodesenvolvimento; Fatores de risco; História do TEA; Psicólogo.

## **APLICAÇÃO DO MÉTODO ABA NO TRATAMENTO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA)**

Ofélia Machado Mansur; Erilza Faria Ribeiro; Jessica Monteiro de Barros Paiva; Amanda Monteiro de Barros Novaes Andrade Andreza umbelino Tostes Duraes; Izabella Monteiro Estatel; Alice Lopes Rocha

FASAP

Psicologia

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** O autismo, denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA) pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) é uma condição que afeta o desenvolvimento neurológico composto por características variáveis, dentre elas, a dificuldade de comunicação e interação social, atraso no desenvolvimento motor, hipersensibilidade sensorial e comportamentos metódicos ou repetitivos. E, apesar da identificação dessas características, não há um conceito fechado. Para a melhora do quadro clínico do paciente autista, o método Análise de Comportamento Aplicada (ABA) é fundamental, acarretando ganhos significativos e duradouros no desenvolvimento da criança. Ele ajuda no aprendizado de novas habilidades, como a comunicação, a interação social, o comportamento adequado e até atividades do dia a dia, como se vestir ou comer sozinho. Através de técnicas baseadas em reforço positivo, o método ABA trabalha de forma individualizada, respeitando as necessidades e capacidades de cada pessoa. Isso permite avanços significativos na autonomia e na qualidade de vida. Desta forma, o psicólogo, em sua prática efetiva e inserido num contexto multidisciplinar, vem se destacar em sua função é reconhecido com clareza em seu papel, segundo a atribuição de uma política pública. A primeira etapa deste projeto constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática e foi realizada nas bases de dados Revista Eletrônica Acervo Ciências & Saúde, uma revisão integrativa. Universidade de Pernambuco. Como segunda etapa, o presente estudo buscou o desenvolvimento de uma entrevista com 19 perguntas (abertas, fechadas e semiabertas) com uma Psicóloga atuante na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) do município de Santo Antônio de Pádua – RJ. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo se perfaz quanto ao método de tratamento do autismo, Análise de Comportamento Aplicada (ABA). O objetivo geral do presente estudo vem salientar a importância do método de tratamento citado e uma rede de apoio criada em prol do mesmo, onde escola, família e profissionais da saúde sigam uma linha em conjunto, vislumbrando êxito no progresso do autista. Os objetivos específicos deste estudo foram reforçar que o Método ABA é atualmente uma das abordagens mais validadas cientificamente para o tratamento do TEA. No entanto, sua eficácia está condicionada à intensidade da intervenção (geralmente entre 20 a 40 horas semanais) e à adaptação individual das estratégias. Também foram discutidas críticas relacionadas à rigidez do método e à necessidade de humanização nas práticas. O método ABA é valioso principalmente quando iniciado precocemente e aplicado de forma intensiva e personalizada. Apesar das críticas, sua base científica e os resultados consistentes demonstram seu potencial. O sucesso da intervenção depende do trabalho interdisciplinar, da capacitação contínua dos profissionais e do envolvimento familiar. Recomenda-se o investimento em políticas públicas que garantam o acesso equitativo a esse tipo de tratamento. Espera-se ampliar a compreensão desta temática na área, bem como notou-se

que os resultados obtidos por meio da entrevista veio esclarecer alguns pontos relevantes, principalmente no que diz respeito ao método de tratamento ABA nos autistas.

**Palavras chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Método de Tratamento; Análise do Comportamento Aplicada (ABA); Psicólogo.

## **TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: NÍVEIS DE SUPORTE, CARACTERÍSTICAS E MÉTODO DE TRATAMENTO ABA**

Ofélia Machado Mansur; Natália Barbosa Medeiros; Ana Clara Calixto Couto; Kauã Santana Guimarães; Paulo César Erthal Neto; Heitor Seixas Calixto; Claudia Marcia Liquer Vieira dos Santos; Shirley Rohem de Moraes; Denis Lassance Soares

FASAP

Psicologia

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA), um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por déficit na comunicação social (comunicação verbal e não verbal) e comportamento (interesses restritos e movimentos repetitivos). As pesquisas indicam que o TEA é definido por um comportamento atípico da criança e pode ser detectado logo no início de sua vida. Uma característica que é observada pelos pais, logo no início da vida da criança, é que a criança não mantém contato visual, nem mesmo durante a amamentação. Dependendo do nível de comprometimento acometido, a criança fica em estado de isolamento social, possuindo grande dificuldade de interagir com outras pessoas, em alguns casos, nos mais severos, o portador do distúrbio é não verbal. E o nível 1 de apoio, no Transtorno do Espectro Autista, muitas vezes é de difícil percepção no dia a dia do sujeito, sendo caracterizado por manifestações sutis e de difícil identificação. Para o desenvolvimento deste projeto foram utilizados os artigos científicos “TEA – Transtorno do Espectro Autista: conceitos e intervenções da saúde e da educação” realizado por alunos da Universidade Metropolitana de Santos – UNIMES e “Transtorno do Espectro Autista: trajetória, desafios, necessidades e conquistas de direitos de crianças autistas na educação básica da revista científica JGR de estudos científico. Posteriormente, foi realizada uma entrevista com 20 perguntas com a psicóloga Laiane Sousa da clínica CAASSITA em Itaperuna-RJ. O problema que motivou a produção deste estudo foi a necessidade de abordar acerca dos níveis de suporte no TEA e suas características. O objetivo geral da atividade foi salientar a importância do conhecimento sobre os níveis de suporte do TEA e suas características. Os objetivos específicos deste estudo foram desenvolver, nos estudantes responsáveis pelo presente trabalho, a atividade de pesquisa e a entrevista para a compreensão sobre os níveis de suporte do TEA, bem como suas características e a relevância do método Análise de Comportamento

Aplicada (ABA). É, logo, evidente que os diferentes níveis de suporte do TEA possuem algumas características que se diferem qualitativa e quantitativamente, às vezes, afetando grandemente a rotina daqueles que possuem. O nível de suporte um do TEA às vezes é negligenciado por ser de difícil diagnóstico, “os indivíduos com esse nível de suporte não demonstram ser “autistas”, assim protagonizando um claro estereótipo e preconceito social. Quanto ao método ABA, é um método terapêutico baseado em princípios científicos do comportamento. Ele se concentra em analisar e modificar comportamentos, promovendo a aprendizagem e a autonomia da criança e pode ser utilizado em qualquer nível de apoio. Portanto, espera-se ampliar a compreensão desta temática na área, bem como notou-se que os resultados obtidos por meio da entrevista veio esclarecer alguns pontos relevantes, principalmente no que diz respeito aos níveis de suporte, características e método de tratamento ABA.

**Palavras - chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Níveis de Suporte; Características e ABA (Applied Behavior Analysis).

## **O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NO CONTEXTO FAMILIAR E SOCIAL**

Ofélia Machado Mansur; João Victor Rabello Castro Pinho; Camille Costa Rodrigues; João Pedro Moulin Castilho; Inácia Cristina Bento Carneiro; Nathiara Azevedo Veiga Medeiros; Patrícia Tarquino; Sara Monteiro do Carmo Souza.

FASAP

Psicologia

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** Durante toda a história da psicologia moderna, a interação do indivíduo com o ambiente — e como esse ambiente interfere no seu desenvolvimento — sempre foi um tema presente. Carl Rogers e Donald Woods Winnicott foram alguns dos autores que abordaram essa questão, destacando que o ambiente e o sentimento de acolhimento e pertencimento são fundamentais para o desenvolvimento saudável ao longo da vida. Trazendo essa reflexão para o contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é essencial considerar não apenas as características neurodivergentes desses indivíduos, mas também o papel da família e da sociedade em oferecer um ambiente seguro, acolhedor e propício ao desenvolvimento. É por meio desse suporte que se promove não só o crescimento pessoal, mas também a liberdade e a inclusão de todos. A primeira etapa deste projeto constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática. Como segunda etapa, o presente estudo buscou o desenvolvimento de uma entrevista com 21 perguntas (abertas e fechadas), com uma Psicóloga da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Santo



Antônio de Pádua - RJ. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo se perfaz quanto ao Autismo no contexto familiar e social, e em como esses fatores são decisivos no combate a estigmas e na luta pela inclusão desses indivíduos na sociedade. O objetivo geral do presente estudo busca conhecer as influências e barreiras familiares e sociais quando relacionadas ao TEA (Transtorno do Espectro Autista). Os objetivos específicos deste estudo buscaram desenvolver no aluno a conscientização e conhecimento geral dos impactos do ambiente no indivíduo autista, com enfoque no papel da família e da sociedade no processo terapêutico e na criação de um ambiente saudável. Em suma, o presente estudo espera alcançar informações satisfatórias que buscam evidenciar a importância do ambiente, da família e da sociedade, no tratamento psicoterapêutico e os impactos dos estigmas no desenvolvimento do indivíduo autista.

**Palavras chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Família; Sociedade; Ambiente; Psicólogo.

## **AUTISMO: INVESTIGANDO AS RAÍZES**

Ofélia Machado Mansur; Jesiane de Souza Marins Lopes; Ana Luiza Leal Costa; Beatriz Figueiredo Rezende; Leonardo Mendonça Bastos; Lorena Silva Borges Rodrigues; Nicole Silveira de Souza; Sara Menengate Pinheiro; Thauã José Araujo Pereira

FASAP

Psicologia

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios na comunicação, comportamento e interação social, que se manifestam em diferentes graus de intensidade. Embora as manifestações clínicas do autismo sejam amplamente estudadas, suas causas ainda não são totalmente compreendidas, o que reforça sua complexidade. Avanços científicos sugerem que não há uma causa única, mas sim uma combinação de fatores genéticos, ambientais e biológicos que interagem entre si. Compreender esses fatores é essencial não só para possibilitar um diagnóstico precoce, mas também para desenvolver estratégias de intervenção mais eficazes e personalizadas. Além disso, esse conhecimento é fundamental para a criação de políticas públicas e práticas inclusivas que respeitem as singularidades dos indivíduos e promovam sua plena participação social. A primeira etapa deste projeto consistiu em uma revisão bibliográfica abrangente, incluindo estudos disponíveis em bases de dados, como o trabalho de Ribeiro (2022), *Identificação dos primeiros sinais de autismo detectados pelos pais*. A segunda etapa envolveu a realização de uma entrevista com uma

profissional atuante no Instituto APAE, na cidade de Santo Antônio de Pádua - RJ, composta por 21 perguntas, conduzida durante a disciplina do curso de Psicologia. Este estudo foi orientado pela questão central das possíveis causas do autismo. O objetivo geral deste trabalho foi investigar as causas do TEA sob a perspectiva clínica, oferecendo recursos teóricos e científicos que contribuam para uma análise crítica sobre o tema. Os objetivos específicos foram identificar os principais fatores clínicos associados ao desenvolvimento do transtorno, investigar as contribuições teóricas relacionadas à sua etiologia, analisar estudos relevantes sob a ótica clínica e promover reflexões para o manejo do TEA na prática profissional. A compreensão das causas do autismo permite não apenas esclarecer mitos e preconceitos, mas também fundamentar políticas públicas e estratégias clínicas voltadas para o diagnóstico precoce e o acolhimento das famílias. Além disso, o conhecimento sobre os fatores envolvidos pode contribuir para o desenvolvimento de terapias personalizadas e mais eficazes. A ciência ainda está em constante investigação, e novos estudos surgem a cada ano. Por isso, é essencial garantir que profissionais da saúde, educadores e familiares tenham acesso a informações atualizadas e baseadas em evidências.

**Palavras - chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Psicologia; Causas; Inclusão.

## **O AUTISMO É PARTE DESSE MUNDO, E NÃO UM MUNDO À PARTE**

Ofélia Machado Mansur; Hannah Conceição Faria Silveira; Ágatha do Vale Costa; Mateus da Silva Alves;  
Matheus Bucker Vassallo; Maria Eduarda Araújo Gomes Borges Silva; Maria Júlia Couto Rodrigues Vogas  
Monteiro; Lays Carrielo da Silva

FASAP

Psicologia

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também conhecido como autismo, deriva-se de uma condição neurológica complexa, onde afeta diretamente a comunicação, o comportamento e também a interação social do indivíduo. É caracterizado por diversos sintomas e níveis de suporte, trazendo uma unicidade, ou seja, fazendo com que cada indivíduo com autismo seja único. Sobre o tratamento precoce da criança com autismo é de suma importância já que o cérebro da criança está em constante desenvolvimento nos primeiros anos de vida, com isso a intervenção precoce ajuda a criança adquirir habilidades fundamentais trazendo auxílio sobre comportamentos desafiadores, além de

melhorar a convivência familiar e social, ajudando também na independência funcional. A primeira parte desse projeto aconteceu através de uma intensa pesquisa bibliográfica em artigos científicos realizada nas bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e Google Acadêmico sobre a temática Autismo e Intervenção Precoce. A segunda parte do projeto aconteceu através de uma entrevista com uma psicóloga, com 21 perguntas fechadas e semi-abertas, voltadas para o autismo e seus aspectos. O problema de pesquisa que direciona nosso trabalho se dá pelo tratamento precoce do autismo, seus efeitos e sua importância no desenvolvimento cognitivo e motor da criança. O objetivo geral do atual trabalho é ressaltar a importância do tratamento precoce da criança autista, a fim de evitar complicações através da alteração dos níveis do autismo, além de trazer benefícios ao desenvolvimento da parte cognitiva, motora e social da criança. Os objetivos específicos do trabalho foram: despertar no aluno o interesse e o conhecimento sobre o TEA e, principalmente, quanto ao tratamento precoce, além dos benefícios que são proporcionados à criança durante o processo da terapia. Assim, ressalta-se a importância da intervenção precoce, principalmente no que diz respeito ao envolvimento de uma equipe multidisciplinar de profissionais, incluindo médicos, psicólogos, terapeutas ocupacionais, fonoaudiólogos, equipe pedagógica, educadores especializados, entre outros especialistas.

**Palavras chave:** Transtorno do Espectro Autista (TEA); Intervenção Precoce; Equipe Multidisciplinar de Profissionais.

## **BEM ESTAR E A EFICIÊNCIA NO TRABALHO: PERSPECTIVAS DE UM PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA EM AMBIENTES LABORAIS**

Ofélia Machado Mansur; Matheus Modesto; Otávio Araújo; Lucas Ferreira;  
Rebeka Gomes; Guilherme Neves

FASAP

Educação Física

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** A dorsalgia, caracterizada por dor na região dorsal da coluna, é uma das principais causas de afastamento no ambiente de trabalho, associada a posturas inadequadas, movimentos repetitivos e condições ergonômicas desfavoráveis. Classificada como um Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT), essa condição impacta diretamente a saúde dos trabalhadores e gera custos elevados para as empresas e para o sistema de saúde pública. De 2007 a 2012, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) registrou mais de 8 mil casos de dorsalgia ocupacional no Brasil, com aumento no coeficiente de incidência de 1,1 para 1,9 por 100 mil

trabalhadores. Apesar de uma leve queda nos índices de incapacidade permanente, o problema continua sendo um desafio significativo para a saúde ocupacional. Medidas preventivas, como ergonomia, ginástica e adequações no ambiente de trabalho, são fundamentais para reduzir os casos e promover a qualidade de vida no contexto laboral. A primeira etapa deste projeto constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática em artigos científicos nas bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*). Como segunda etapa, foi realizada uma entrevista com 16 perguntas abertas, fechadas e semiabertas com um profissional de Educação Física da cidade de Aperibé/RJ. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo se perfaz quanto às enfermidades comuns no contexto de trabalho, como distúrbios osteomusculares e problemas emocionais, sendo a dorsalgia como uma das causas recorrentes e a importância de ações preventivas no ambiente de trabalho. O objetivo geral do presente estudo vem salientar a importância de ações preventivas e na promoção de práticas saudáveis no cotidiano laboral, com o objetivo de reduzir os impactos negativos da dorsalgia e outras doenças ocupacionais. Os objetivos específicos deste estudo foram: oportunizar aos alunos a desenvolver um entendimento sobre os conceitos teóricos no que diz respeito ao papel do profissional de Educação Física no ambiente de trabalho e reconhecer a importância da ginástica laboral na prevenção de doenças ocupacionais, dentre elas, a dorsalgia. A carência na implementação da ginástica laboral e o desconhecimento sobre o tema tornam evidente a necessidade de conscientização das empresas sobre sua importância para o bem-estar dos trabalhadores. No caso da dorsalgia, que é comum no ambiente de trabalho, a ginástica laboral é essencial para prevenir e aliviar dores nas costas, melhorar a postura e reduzir o estresse. Profissionais de Educação Física devem estar envolvidos ativamente na criação e execução desses programas, visando a saúde física e mental dos funcionários. É crucial que as empresas se engajem mais, promovendo abordagens inovadoras que atendam às necessidades específicas de cada ambiente de trabalho.

**Palavras chave:** Dorsalgia; Ginástica Laboral; Profissional de Educação Física; Ambiente de Trabalho.

## **TRANSTORNO ARTICULAR: PREVENÇÃO NO AMBIENTE DE TRABALHO**

Ofélia Machado Mansur; Bethanea Tostes; Gabriel Gonzaga;  
Juan Gomes; Letícia Freitas; Reginaldo Lopes

FASAP

Educação Física

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** O transtorno articular é uma condição que afeta as articulações, causando dor e limitações nos movimentos. No ambiente de trabalho, é fundamental prevenir e manejar essa condição para garantir o bem-estar dos funcionários. A ergonomia desempenha um papel importante nesse contexto, adaptando o ambiente de trabalho às necessidades físicas e psicológicas dos trabalhadores. Isso inclui considerar fatores como postura, movimento, iluminação e organização do espaço para criar um ambiente mais confortável e seguro. Ao priorizar a saúde articular, a implementação de práticas ergonômicas pode contribuir na prevenção de lesões e doenças ocupacionais e consequentemente criando um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo, beneficiando tanto os funcionários quanto a organização como um todo. A primeira etapa deste projeto constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática em artigos científicos nas bases de dados do Google Acadêmico. Como segunda etapa, foi realizada entrevista com 16 perguntas abertas, fechadas e semiabertas com o profissional de Educação Física, Darlan, na cidade de Santo Antônio de Pádua/RJ. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo foi a busca pela compreensão do profissional de educação física sobre o transtorno articular como uma condição que afeta a qualidade de vida em todos os aspectos, incluindo físico, psicológico, e emocional no ambiente de trabalho. O objetivo geral do estudo vem destacar a importância de um diagnóstico preciso e tratamento adequado, especialmente em setores com demandas físicas específicas. Os objetivos específicos deste estudo foram: reconhecer a importância da prevenção de transtornos articulares, embora destaque a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para atender às diversas demandas dos trabalhadores, e identificar fatores ocupacionais, como sobrecarga e má postura em trabalhadores sentados, em pé ou com movimentos repetitivos, mostrando familiaridade com o tema e adaptabilidade às necessidades de cada setor. Portanto, diante da falta de priorização da ginástica laboral pelas empresas e do conhecimento limitado sobre seus benefícios, é necessário promover maior conscientização e adoção dessas práticas. Assim, tornando evidente a importância da ergonomia laboral na prevenção de transtornos articulares e melhorar a saúde ocupacional. Ao adaptar o ambiente de trabalho às necessidades físicas e psicológicas dos trabalhadores, é possível reduzir o risco de lesões e melhorar a qualidade de vida. A implementação de práticas ergonômicas traz benefícios para os trabalhadores e às organizações, reduzindo afastamentos por doenças ocupacionais e melhorando a produtividade. É essencial conscientizar as organizações sobre a importância da saúde ocupacional e da ergonomia, adotando uma abordagem multidisciplinar para promover a saúde e bem-estar dos trabalhadores.

**Palavras chave:** Transtorno Articular; Ginástica Laboral; Prevenção; Saúde Ocupacional.

## **A GINÁSTICA LABORAL E SEU IMPACTO NA PRODUTIVIDADE DOS TRABALHADORES**

Ofélia Machado Mansur; João Victor Oliveira;  
Alice Martins; Gabrielly Monteiro; Kawan Constant; Heloisa Roque Gevú.

FASAP

Educação Física

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** A ginástica laboral tem ganhado cada vez mais destaque no ambiente corporativo por seu potencial de impactar positivamente os resultados empresariais. Essa prática, composta por breves sessões de exercícios físicos durante o expediente, procura minimizar os efeitos negativos causados pela rotina de trabalho, como lesões por esforços repetitivos, posturas inadequadas e altos níveis de estresse. A literatura acadêmica tem evidenciado os benefícios da ginástica laboral, destacando sua contribuição não apenas para a saúde física e mental dos trabalhadores, mas também para a melhoria do clima organizacional e o aumento da produtividade. Desta forma, a ginástica laboral configura-se como uma ferramenta relevante no campo da saúde ocupacional e da gestão de pessoas, reforçando a importância de políticas corporativas voltadas ao cuidado integral com o indivíduo. Portanto, a ginástica laboral se apresenta como uma ferramenta valiosa para as organizações que buscam otimizar o desempenho de suas equipes, promovendo a saúde física e mental dos colaboradores. A primeira etapa deste estudo constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática em artigos científicos nas bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*). Como segunda etapa, foi realizada uma entrevista com 16 perguntas abertas, fechadas e semiabertas com um profissional de Educação Física na cidade de Aperibé/RJ. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo foi a relevância da ginástica laboral e seu impacto na produtividade do trabalhador. Como objetivo geral, tem como proposta abordar a importância da ginástica laboral para o bem-estar dos trabalhadores e como objetivos específicos, reconhecer os efeitos da mesma na prevenção de lesões, na melhoria da saúde física e os benefícios emocionais e sociais que proporciona. A ginástica laboral vem ganhando espaço por trazer resultados positivos e minimizar os negativos. Diversos estudos e experiências práticas demonstram que a implementação de programas de ginástica laboral pode trazer benefícios significativos tanto para os colaboradores, quanto para os organizadores. A ginástica laboral traz o equilíbrio entre o corpo, mente e emoções, gerando o bem estar e valorizando um ambiente positivo e saudável. Ressalta-se que não é apenas uma tendência momentânea, ela representa uma mudança cultural necessária no ambiente corporativo e contemporâneo. Contudo, acredita-se que há dificuldades em convencer as empresas a investirem em ações voltadas à qualidade de vida, já que muitas priorizam somente o lucro.

**Palavras chave:** Ginástica Laboral; Produtividade; Ambiente de Trabalho.

## **SAÚDE NO TRABALHO: PREVENINDO DISTÚRBIOS OSTEOMUSCULARES EM AMBIENTES LABORAIS**

Ofélia Machado Mansur; Johan Reis; Ana Júlia Cunha; João Pedro Cler;  
Maria Clara Zampieri; Thamiris Luz

## FASAP

## Educação Física

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** Cuidar da saúde no ambiente de trabalho é fundamental para garantir qualidade de vida e bem-estar. As Lesões por Esforços Repetitivos/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho (LER/DORT) são condições que afetam músculos, tendões e nervos, provocando dor, fadiga, perda de força e limitações funcionais. Elas estão associadas a fatores como movimentos repetitivos sem pausas adequadas, posturas incorretas, esforço físico excessivo, longas jornadas e ausência de ergonomia. Além dos fatores físicos, estudos mostram que características psicológicas, como o perfeccionismo, o alto senso de responsabilidade, a busca exagerada por reconhecimento e a submissão às exigências de produtividade, também contribuem para o surgimento dessas lesões. A prevenção das LER/DORT passa pela adoção de boas práticas ergonômicas, como a adequação do mobiliário e a organização do trabalho, além da prática regular de exercícios físicos, pausas ativas e alongamentos durante a jornada. O tratamento pode envolver fisioterapia, uso de medicamentos e, em casos mais graves, afastamento temporário e acompanhamento médico. A primeira etapa deste projeto constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática em artigos científicos nas bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*) e no site do Ministério da Saúde. Como segunda etapa, foi realizada uma entrevista com 20 perguntas abertas, fechadas e semiabertas com um profissional de Educação Física. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo foi a relevância sobre a integração entre conhecimento científico, ergonomia e atividades físicas lúdicas sendo essencial para reduzir a incidência de LER/DORT e melhorar a qualidade de vida no ambiente profissional. Quanto ao objetivo geral, vem reforçar a importância das atividades lúdicas e a ginástica laboral para reduzir a incidência de LER/DORT. E os objetivos específicos deste estudo buscaram conhecer As LER/DORT, que afetam profissionais de diversas áreas e conhecer a ginástica laboral como meio de redução de dores, melhora da postura e prevenção de lesões no ambiente de trabalho. O Profissional de Educação Física através da ludicidade em sua prática pedagógica, vem contribuir para um ambiente de trabalho mais saudável e produtivo. Portanto, investir em práticas preventivas, como a ginástica laboral, é essencial para garantir a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida no ambiente profissional.

**Palavras chave:** LER/DORT; Ginástica Laboral; Profissional de Educação Física.

## O PROFISSIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DA SAÚDE OCUPACIONAL

Ofélia Machado Mansur; Thiago Azevedo; Anilton da Silva Lemes; Isaque Moreira B. da Silva; Luis Felipe Sentineli Soares; Maria Eduarda Silva

FASAP

Educação Física

Contatos: ofeliamanur@gmail.com / (22) 992287-7272

**Resumo:** A tendinite nos membros superiores é uma das queixas mais comuns entre trabalhadores que executam atividades repetitivas, especialmente em ambientes de trabalho. As regiões mais frequentemente afetadas incluem as mãos, dedos, punhos e ombros. Esses locais estão constantemente envolvidos em tarefas que exigem esforço repetitivo, força e, muitas vezes, posturas inadequadas por longos períodos. Essas condições físicas, quando persistentes, podem levar ao desenvolvimento de distúrbios musculares afetando diretamente a qualidade de vida e a produtividade. Além dos problemas físicos, os impactos psicológicos também são relevantes. A dor constante, a limitação de movimentos e o cansaço acumulado podem desencadear estresse, ansiedade e até quadros de depressão. A rotina exaustiva, aliada à falta de reconhecimento e, muitas vezes, à sobrecarga de responsabilidades, contribui significativamente para o adoecimento mental desses indivíduos. Assim, é fundamental que se promova a conscientização sobre a ergonomia no ambiente de trabalho e a importância de pausas, alongamentos e divisão de tarefas, para prevenir tanto lesões físicas quanto danos psicológicos. A primeira etapa deste projeto constituiu de uma ampla revisão bibliográfica sobre a temática em artigos científicos nas bases de dados Scielo (*Scientific Electronic Library Online*). Como segunda etapa, foi realizada uma entrevista, com o profissional Darlan Souza da Silva licenciado e bacharel em Educação Física, pós-graduado na área e atua como professor de ginástica laboral na empresa Hillo, em Aperibé-RJ, composta por mais de 15 perguntas, abordando temas como ginástica laboral e prevenção de doenças ocupacionais. O problema de pesquisa que norteou o presente estudo destaca que doenças como tendinite e dores na lombar são muito comuns entre os trabalhadores, principalmente aqueles que permanecem por longos períodos sentados ou realizam tarefas repetitivas. Assim, este estudo tem como objetivo geral trazer uma reflexão relevante sobre o papel do profissional de educação física na promoção da saúde dentro das empresas, especialmente por meio da ginástica laboral. E como objetivos específicos vem abordar algumas doenças como, tendinite e dores na lombar muito comuns entre os trabalhadores, principalmente aqueles que permanecem por longos períodos sentados ou realizam tarefas repetitivas, e mostrar a importância da ginástica laboral como meio de prevenção e melhoria da qualidade de vida. Através da pesquisa bibliográfica e da entrevista realizada, acredita-se que a atuação do profissional de educação física em ambientes corporativos, principalmente na prevenção de doenças ocupacionais, por meio da ginástica laboral seja de extrema relevância. Durante a discussão, foi possível perceber que, embora a legislação exija a



prática, ainda há resistência por parte de algumas empresas e funcionários. E que as atividades desenvolvidas vão muito além de alongamentos diários, é necessário um planejamento adaptado à realidade de cada setor e uma atuação consciente que envolva educação, orientação e acompanhamento contínuo. Assim, a presença do profissional de educação física no contexto ocupacional é indispensável para promover saúde, bem-estar e qualidade de vida no ambiente de trabalho. Além disso, proporcionar uma visão mais clara sobre os desafios da profissão e a importância de buscar constante qualificação.

**Palavras chave:** Tendinite; Ginástica laboral; Saúde Ocupacional; Profissional de Educação Física.